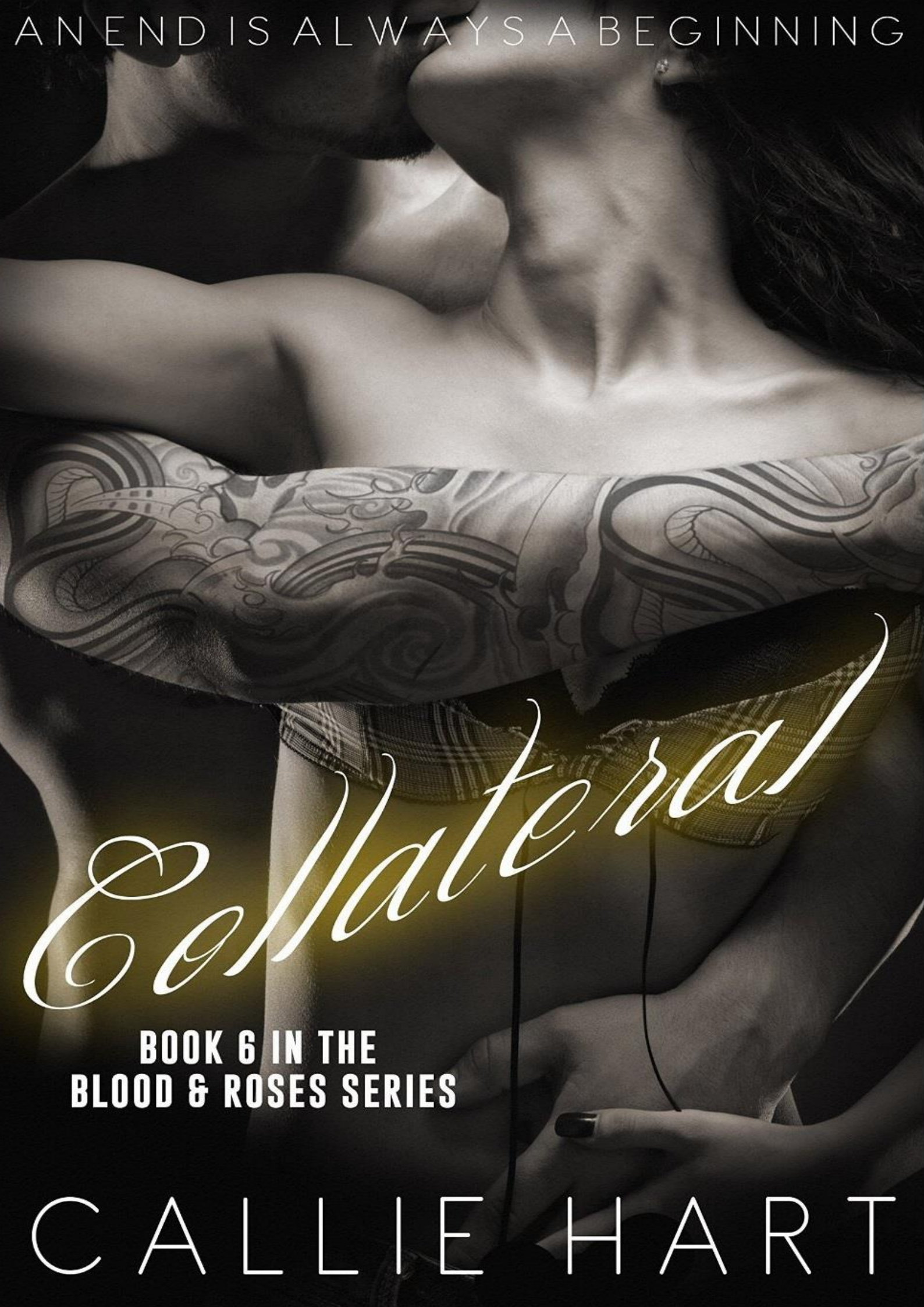
AN END IS ALWAYS A BEGINNING



Collateral

BOOK 6 IN THE
BLOOD & ROSES SERIES

CALLIE HART



Callie Hart

#6 Collateral

Série Blood & Roses

www.forumdelivros.com.br

https://www.facebook.com/tradutorapeppergirl

Blood & Roses Copyright © 2014 Callie Hart

AVISO

A tradução em tela foi efetivada pelo Grupo de Traduções Pepper Girl de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes de qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto. No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderão individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado anteriormente de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

SINOPSE

O capítulo final da história de Zeth & Sloane está aqui!

Com Lacey perdida e tudo caindo aos pedaços, Sloane e Zeth vai fazer tudo o que podem para recuperá-la. Se isso inclui enfrentar Charlie Holsan, a DEA, e qualquer um que ficar no caminho deles, então que assim seja.

Confrontado com desgosto, perigo, e a necessidade crescente para proteger aqueles que ama, Zeth Mayfair está finalmente percebendo o que significa ter uma família. Com seus medos fechando o círculo, Sloane deve aprender que o perdão é a única forma de avançar.

Capítulo Um

SLOANE

O corpo humano reage ao estresse de muitas maneiras. Elevação da frequência cardíaca. Insônia. Ataques de pânico. Dificuldade para engolir. Dores no peito. Tontura. A lista é absolutamente infinita. Acho que experimentei todos os itens dessa lista enquanto Zeth e eu dirigimos através do Estado de volta para Washington.

Uma pessoa esperta iria para a outra direção. Uma pessoa esperta iria correndo direto para o maldito Canadá e mudaria seu nome, compraria uma pequena loja de ferragens na parte de trás do além e esperaria por todas as coisas sagradas que nenhum gângster mexicano ou inglês aparecesse por lá. Mas não nós, no entanto. Oh, não. Isso seria muito longe do sensato. Não, nós estamos a caminho de encontrar certa agente do DEA – uma mulher pessoalmente responsável por ferrar com a minha residência no St. Peter e também por atirar na minha irmã. Eu não tenho absolutamente nenhum desejo de ver a Agente Lowell novamente, mas não parece que eu tenho muita escolha ao ver o surpreso marido da minha irmã queimando o asfalto ao nosso lado na mais barulhenta moto já inventada. Eu juro, nunca houve uma moto mais barulhenta que essa. Meus dentes estão vibrando pelos último 100 km. A situação não ficou melhor com os quatro motoqueiros seguindo a alguns metros atrás dele, aparentemente *mantendo um olho nas coisas*. Nós estamos dirigindo o Humvee de Rebel e Michael apagou no banco de trás, obviamente alheio ao rugido gutural das motos em nossa retaguarda.

Zeth tem estado relativamente silencioso desde que nós nos sentamos no carro e eu não tive muita vontade de adulá-lo para conversar, embora agora que nós estamos mais perto do nosso destino, eu sinto que ele quer dizer algo. Ele estende a mão e a coloca sobre a minha coxa, acalmando meu joelho que batia nervoso. Eu nem sequer tinha percebido que o estava balançando. — Você sabe o que tem que fazer quando nós chegarmos lá, não é? — ele diz.

O cabelo dele cresceu desde que ele levou Lacey para a emergência do St. Peter muitas semanas atrás. De alguma forma eu não

consigo imaginá-lo fazendo coisas administrativas, como visitar um barbeiro para aparar o cabelo. Isso parece tão... *Diferente da natureza dele*. Como se por alguma razão, alguma coisa muito humana e necessária não devesse realmente afetá-lo.

Os óculos de aviador escondem seus profundos olhos castanhos, mas eu sei o tipo de olhar que ele tem no momento: Preocupação. Descontentamento. Irritação. Ele tem alternado entre essas demonstrações externas de emoção desde que Rebel decidiu que eu precisava ir encontrar a Agente Lowell pessoalmente. Essa não é a ideia de Zeth de um plano inteligente, aparentemente, mas nem ele nem Rebel podem aparecer na reunião sem terem suas bundas presas de imediato.

Isso só deixa a mim para lidar com as negociações junto à Drug Enforcement Agency[1], e eu não estou nada relaxada com essa perspectiva. Por isso o joelho balançando. — Sim, eu sei o que eu preciso fazer, — eu confirmo. — Não recue. Não dê a ela qualquer informação que vá levá-la a você. Não fique muito tempo. Tenha certeza que não estou sendo seguida quando eu sair...

— Eles definitivamente vão te seguir quando você sair. Você só tem que se certificar de que escapou deles antes de chegar ao metrô. — Zeth agarra o volante com tanta força que suas juntas ficam brancas. Ele olha fixo pelo para-brisa, sua mandíbula contraindo e descontraindo. — Você não deveria estar fazendo isso, — ele grunhe baixinho.

Ele está preocupado comigo. Ele não disse as palavras, mas eu conheço mais desse homem confuso a cada dia, e eu sei que ele está trabalhando com essa decisão. E ele está trabalhando duramente – para me deixar fazer o que Rebel pediu e então minha irmã estará segura. Eu não deveria estar mais fazendo isso por ela. Eu deveria ter lavado minhas mãos com tudo sobre ela há muito tempo. Mas ao mesmo tempo em que eu duvido que estarei falando com Alexis em breve, eu ainda não quero que Lowell coloque as mãos nela. Ela é minha irmã. Ela pode não ter agido como se fosse, mas isso significa algo para mim. Além disso, parte da proposta de Rebel é que ele também irá nos ajudar a encontrar Lacey se nós o ajudarmos com Lowell, e nós precisamos de toda a ajuda que pudermos conseguir.

Lacey.

---

[1] Como já dito em um livro anterior, é a Agência de Combate às Drogas dos EUA. Para manter a sigla DEA, preferimos utilizar o nome no original.

Nós ainda estamos cambaleantes com isso. Eu só não consigo pensar nisso – como ela pôde ir embora com Charlie depois de tudo que ele fez Zeth passar? Depois que ele tentou me jogar para fora da estrada. Depois de ele matar aquela pobre mulher no posto de gasolina por nenhuma outra razão que não fazer uma cena.

Zeth nem ao menos diz o nome da sua irmã

Eu sei como ele se sente.

Apesar disso, eu não posso evitar a náusea. Lacey está bem? Ela está surtando? Ela está lidando com tudo, dado que faz 48h que Charlie a levou para ver a Duquesa, a mulher catatônica que sem dúvida está morta agora? Ela deve estar. Oliver não achava que ela tinha muito mais tempo de vida e Lacey acreditava que a mulher era sua mãe biológica. Isso vai fazer estragos em sua cabeça.

— Sloane? Você está ouvindo? Que linha de ônibus você vai pegar? — a voz grave de Zeth interrompe meus pensamentos, exigindo que eu me concentre.

— A 458. Eu desço na universidade e pego outro. Encontro com vocês no Fresco, e então nós damos o fora daqui.

Zeth grunhe, mordendo seu lábio inferior. Eu nunca o vi fazer isso antes. Os músculos dos seus ombros estão tão tensos que eles estão dando até mesmo a mim dor de cabeça. — E o que você vai dizer a ela? — ele pergunta. — O que você vai dizer para Lowell?

Eu passo o script pela minha cabeça, me certificando de ter memorizado tudo. Não é difícil, na verdade, quando Rebel quer que eu fale a verdade. — Eu não sei onde minha irmã está. Rebel, por outro lado, está esperando por ela em um lugar secreto com a garantia de que ela irá fazer como nós combinamos, e então ele se entregará à custódia dela. Eu recebo a papelada, incluindo o decreto assinado por um juiz de um tribunal da comarca livrando você, Michael e eu de todas as acusações contra nós, e então eu direi a ela onde ele está.

Zeth exala pelo nariz, assentindo afiadamente. — Ideia estúpida pra caralho, — ele diz baixinho. Eu também acho que essa é uma ideia estúpida pra caralho, mas nós estamos sem opções. — Só tenha certeza que você vai sair dessa, ok? — Zeth diz sob sua respiração.

Eu levanto minha sobrancelha para ela, me sentindo levemente vitoriosa. — Por quê? Você está preocupado? — eu o provoco, mesmo que eu não deva. Ele me dá um olhar em branco com o canto do olho.

— Se eu estou preocupado? — ele ri suavemente, e não é uma risada de humor; é de dor. — Eu estou totalmente me cagando, Sloane. Não há nenhuma razão pra essa puta não te prender e te usar como vantagem. Ela é inteligente. Ela sabe que se ela tiver você, ela terá uma enorme moeda de troca.

— Sim, mas não é como se você fosse estúpido. Você não iria sair em uma missão de resgate. Você apenas não se entregaria se ela fizesse isso. Então seria inútil ela me prender. — silêncio cai dentro do carro, e minhas batidas do coração ecoam em meus ouvidos. Zeth aperta sua mandíbula de novo e uma sensação de enjoo para por mim. — Zeth? Você não faria isso, — eu digo.

Ele não vacila. — Não faria?

Eu me giro, lutando contra o cinto de segurança para encará-lo. — Não, você não faria. Eu seriamente duvido que Lowell vá fazer alguma coisa como isso. Ela sabe que nunca irá pegar Rebel se ela fizer. De qualquer maneira, se as coisas derem errado, você e Michael devem ir atrás de Lacey. Isso é o que você faz. Você não se entrega só para me ver livre. Eu posso lidar com um par de noites presa. Ela não vai poder me manter lá por mais tempo do que isso. — Zeth faz um som asfixiado no fundo da sua garganta; eu fecho minha mão em um punho e a bato contra ele. — O que, você não acha que eu lido com algumas noites em uma cela? Eu consigo. Eu vou lidar se eu precisar.

Zeth tira seus óculos de aviador e me olha nos olhos. Eu posso ver a raiva que ele está batalhando para manter dentro de si. — Você nunca irá precisar passar uma noite na prisão sob a minha proteção, Sloane. Nunca. Eu vou morrer antes de deixar isso acontecer. — ele sopra uma respiração frustrada e volta a encarar o vidro. Meu estômago revira como se estivesse cheio de ácido de bateria. Eu me sinto um pouco estúpida. Zeth passou um tempo na prisão. Ele passou incontáveis noites em uma cela, provavelmente trancado com um completo psicopata, com nada em suas mãos além de tempo e nenhuma forma de sair. Ele sabe o que significa estar isolado do mundo, quão terrível deve ser, e eu estou aqui fazendo pouco caso. Fazendo como se eu pudesse cortar isso, quando eu honestamente duvido que eu pudesse.

— Desculpe, — eu sussurro. — Eu não estava pensando.

Zeth não diz nada por um momento. Ele dirige, olhos para frente, os braços tatuados contraídos em músculos rígidos. E então ele toma uma respiração e diz algo que parte o meu coração. — Eu quero te fazer

feliz, Sloane. Eu quero te manter segura. Essa não é a vida que você merece. Arriscando a sua liberdade para encontrar a minha irmã e ajudar Rebel – isso não é algo que você sequer deveria considerar fazer. Então sim, se Lowell prender você, a primeira coisa da porra que eu vou fazer é me entregar. Rebel também. Eu vou entregar cada uma das pessoas que ela quer em um segundo de merda. Porque não há nenhuma maneira que eu vá permitir que você esteja em perigo ou desconfortável, trancafiada com prostitutas e viciados em crack, se houver qualquer coisa que eu possa fazer para prevenir isso. Nem por um minuto, Sloane. Nem por um maldito *segundo*.

Eu realmente não sei o que dizer sobre isso. Poderia ser a sua fúria, mas essa não é a razão pela qual eu estou atordoada. Eu estou atordoada pela paixão na voz dele. A determinação nos seus olhos. Ele nunca falou assim comigo antes. *Eu quero te fazer feliz, Sloane. Eu quero te manter segura.*

Não importa que eu tenha dito a ele que eu o amo e ele não tenha dito de volta. Isso importa. Essa declaração aqui e agora é tudo que eu preciso ouvir para saber que eu não estive absolutamente maluca em acreditar nele esse tempo todo. Eu nunca sonharia que essas palavras sairiam da sua boca um mês e meio atrás. Eu não teria sequer imaginado isso. Mas há um lado suave de Zeth que finalmente está se mostrando para mim, e cada vez que eu pego um vislumbre dele, eu me sinto me apaixonando ainda mais duro.

Os óculos de aviador ainda estão descansando no painel, onde Zeth os deixou. Ele me dá um olhar com o canto do olho e um pequeno, cauteloso sorriso se forma em seus lábios. — Diga-me que você pode lidar com isso, — ele diz. — Porque eu tenho que ouvir você dizer.

— Lowell? — eu pergunto, embora eu saiba que não é a isso que ele está se referindo. Ele pisca para mim, os primórdios do seu sorriso desaparecendo. Eu pego a sua mão direita do volante, segurando-a na minha própria. Este é um movimento corajoso – nós ainda não estamos exatamente no estágio em que tocamos muito um no outro fora do sexo. Eu estou pronta para estar, no entanto. Eu quero estar. Eu não sei como ele se sente sobre estar sendo abertamente tocado – até que ele entrelaça seus dedos nos meus e prende minha mão com força. Alívio corre por mim. Tudo, cada pequena ação, cada pensamento cuidadoso do começo ao fim, é como um experimento agora. Um experimento que poderia ser gloriosamente bem sucedido ou explodir na minha cara. — Eu posso lidar com isso, — eu digo, olhando ele nos olhos. — Eu posso

e eu vou pegar tudo que você tiver pra mim, Zeth. Eu sou mais forte do que pareço.

Ele balança a cabeça levemente, outro pequeno sorriso surge no canto da sua boca. Ele me olha fixamente, como se estivesse olhando dentro de mim, e então faz algo que faz meu coração cantar. Ele levanta nossas mãos até a sua boca e deposita um beijinho gentil no meu pulso. — Não importa o que você parece, Sloane. Você é a pessoa mais forte que eu conheço.

*****

Zeth para o carro do lado de fora da entrada do Marlewood Shopping Mall, ignorando as buzinas irritadas dos outros motoristas que têm que desviar ao redor do Humvee para passar. Michael não acorda nem assim. O homem pode dormir no meio de qualquer coisa.

Eu pego minha bolsa – a única que eu, de alguma maneira, consegui manter no meio de toda essa loucura – e abro a porta do carro. Zeth agarra meu pulso e aperta forte. — Espere.

Eu não ia fazer um grande negócio quando saísse do carro. Dizer adeus, mesmo que por algumas poucas horas, se tudo sair de acordo com o planejado, parece uma má ideia. Mais tensão. Mais estresse adicionado a tudo mais. Mas eu vejo a indecisão nos olhos de Zeth. Isso vacila e então não é mais indecisão, mas resolução. Ele se inclina no banco e cuidadosamente coloca a palma contra um lado do meu rosto.

— Não faça nada estúpido, — ele murmura. — Não me faça ter que te buscar, ok?

Eu aceno, e Zeth fecha o espaço de poucos centímetros que há entre nós. E ele me beija. Me. Beija. Por todo o tempo que eu viva, por todo o tempo que nós fiquemos juntos, eu nunca serei complacente sobre receber um beijo desse homem. Jamais. Eu esperei muito tempo pelo primeiro e agora e cada vez que ele colocar seus lábios contra os meus será uma ação para ser entesourada. A boca dele é quente e exigente. O toque cuidadoso da sua palma contra a minha bochecha rapidamente evolui quando ele solta meu pulso, então pode segurar meu rosto com as duas mãos. A sua respiração sai irregular e rápida, mas não porque o beijo o está excitando. Não é esse tipo de beijo. É por causa do que ele *significa*.

Quando ele me solta, eu experimento a maior onda de dúvida. Nós não deveríamos estar fazendo isso. Nós deveríamos estar realmente escapando de Rebel e fugindo para as montanhas. Eu sei que Zeth não acha que nós estaremos seguros até que Charlie esteja fora do caminho – eu rejeito o conhecimento de que ele acredita que o velho precisa ser morto – mas se nós mudarmos nossos nomes e comprarmos identidades falsas, quão difícil poderia ser fugir e se esconder? A realidade disso, do que fugir significaria, pisca na minha mente enquanto eu considero isso. Não ficar em nenhum lugar por muito tempo. Conseguir empregos de pouco prestígio. Nunca encontrar Lacey. Não sermos capazes de criar raízes.

Não poder ser médica.

Talvez a oportunidade já tenha passado, mas esse pensamento rola por mim como uma pedra. Porra. Quando eu olho para Zeth, sua testa está pressionada contra a minha, ele olha tão intensamente dentro dos meus olhos que eu praticamente posso ver os mesmos pensamentos passando pela sua cabeça. Ele sabe que nós não temos outro jeito de sair disso. E, além disso, ele não é um homem de dar as costas e fugir de qualquer coisa.

— Você tem que ir, — ele sussurra.

Como se para cimentar esse fato, há uma batida afiada na janela do passageiro do Humvee. Rebel fodido. Ele tem uma expressão distintamente severa e impaciente no rosto. Eu quero castrar o homem. Zeth me deixa ir, e eu saio rapidamente do carro. Eu não olho para trás. Eu não posso. Por alguma razão terrível, parece que eu acabei de dizer adeus a Zeth e não fosse vê-lo por muito, muito tempo.

— Jeito maravilhoso de ficar fora do radar, bloqueando o trânsito do lado de fora do lugar em que você supostamente está indo para uma reunião secreta, — Rebel diz.

— Você quer que eu faça isso ou o quê? — eu estalo de volta.

— Só dizendo. Aqui. — ele puxa do bolso de trás do seu jeans um pen drive; ele o entrega para mim, usando ambas as mãos para curvar meus dedos em um punho ao redor do objeto como se ele fosse sagrado. — Não perca isso. É protegido com senha.

— Qual a senha?

— Accordia, — ele diz lentamente, como se a palavra tivesse algum significado para ele.

Meu peito torce dolorosamente quando o Humvee atrás de Rebel sai do meio-fio e desaparece de vista. Eu coloco o pen drive na minha bolsa, fazendo uma carranca para Rebel. — Onde está a sua moto? Onde está a sua escolta? — os outros Widow Makers não são vistos em lugar nenhum.

— Escondidos. Lembre-se, não diga a ela onde me encontrar até você ter os papeis, e não lhe dê a senha do pen drive até que ela tenha terminado o negócio, também.

— Ok. Certo. — eu viro e ando em direção ao shopping – eu já tive o suficiente de falar sobre isso. Eu só quero acabar com isso – mas Rebel coloca uma mão forte no meu ombro. — Sloane, você tem que ir ver a sua irmã. Por favor. Uma vez que tiver esses papeis, você precisa ir ao Novo México. Ela está esperando por você. E ela não... Ela não vai me perdoar por não voltar.

Tenho vontade de dizer a ele que eu não dou a mínima merda sobre Alexis no momento, mas tenho a sensação de que isso não vai acelerar a situação. Ele só vai discutir sobre isso, e eu já estou quase atrasada para a reunião. — Certo. Merda. — eu esfrego as mãos no rosto, tentando manter a calma. — Eu vou vê-la. Mas não é comigo consertar a sua relação de merda, Rebel. E que tipo de nome é Rebel, afinal?

O Widow Maker sorri para mim – não é o que você espera de um homem que está prestes a se entregar de boa vontade ao DEA. — Um deliberadamente escolhido para irritar o meu pai, — ele responde. — Diga a Soph que eu irei pra casa em breve. — então ele se vira e anda pela rua.

Eu estou sozinha.

Eu não estive sozinha em tanto tempo que essa percepção vem com um choque. Ninguém me observando. Ninguém me protegendo para me manter longe de danos. E ninguém me impedindo de ir embora. Um comichão desce pelos meus braços e pernas. Eu poderia fazer isso. Eu poderia ir embora. Então o comichão se transforma em um sentimento paralisante, nauseante. Como se isso fosse uma opção. Sério, eu não seria capaz nem se tentasse. O homem por quem eu estou apaixonada sempre me puxaria de volta. Eu entro no shopping com uma pequena parte de mim gritando por dentro. Acho que é a parte no comando dos meus instintos de autopreservação.

Eu levo um tempo para encontrar a praça de alimentação. Ela fica três níveis abaixo no subsolo, mas Zeth me disse para fazer o

caminho mais longo, usando o maior número de escadas rolantes possível, assim eu poderia ter uma visão de todo o lugar. Guardar na memória onde estão todas as saídas de emergência. Traçar o caminho que eu vou tomar se precisar fazer uma saída rápida. Isso é quase uma perda de tempo, no entanto. Se Agente Lowell quiser me levar presa, isso não vai ser terrivelmente difícil.

São treze e cinco quando eu chego à praça de alimentação – o lugar escolhido para ser nosso ponto de encontro. Rebel pelo menos foi esperto sobre a localização e hora do nosso encontro. As multidões do almoço – hordas de pessoas em filas para pôr alguma comida em suas bandejas – criam um muro de corpos, ótimo para deslizar sem ser notado. Lowell já está sentada em uma mesa no meio da praça, olhos baixos e fixos na tela acesa do seu celular. Eu me apresso pelo movimentado mar de gente e me sento rápido do outro lado da mesa antes que eu tenha a chance de mudar de ideia e fugir.

Agente Lowell não tira os olhos do seu celular. Seus dedos se movem suavemente pela tela, digitado rapidamente. — Você está atrasada, — ela me informa.

— Eu sei.

— Isso me diz que você é não é confiável, Dra. Romera. Por que eu confiaria em alguém que não é confiável?

Eu não consigo evitar e rio disso. — Você não confia em mim. Você provavelmente nem ao menos sabia com certeza se eu iria aparecer.

Um sorriso frio e desagradável se espalha pelo rosto de Lowell. Ela larga o seu celular e finalmente olha para mim. — E supondo que você está certa? Eu não confio em você e você não confia em mim. Como esse arranjo vai funcionar?

Dou de ombros, dando a ela o meu próprio sorriso frio e desagradável. — Nós vamos contar com o princípio milenar da oferta e da procura, eu acho. Você quer informação que eu possuo. Eu quero algo em troca. É muito simples, na verdade.

Agente Lowell faz uma careta, passando uma mão pelo seu cabelo preso impecavelmente. Eu imagino o que essa cena parece para as famílias, amigos e colegas de trabalho sentados nas mesas ao nosso redor, rapidamente engolindo seus almoços. Agente Lowell e eu parecemos amigas nos encontrando para o almoço? Ou as pessoas

sentem a animosidade irradiando de nós, contaminando o ar com um fedor podre?

— Eu quero os dois, — Lowell me diz, seus olhos vagos. Na verdade, ela parece um pouco entediada. Há círculos escuros sob seus olhos, no entanto, e eu sei que a sua atitude blasé é fingida. — Se eu não tiver os dois, Rebel *e a sua irmã*, nós não temos um acordo.

O acordo que nós fizemos ontem no telefone foi por Rebel, mas eu me preparei para a eventualidade dela mudar de ideia e exigir mais do que havíamos combinado. Eu estou pronta para isso.

— Eu só tenho o Widow Maker. Se isso não é bom o bastante, então você pode esquecer a coisa toda. —Estreito meus olhos para ela. — Você realmente acreditaria em mim se eu dissesse onde ela está, de qualquer forma? Você realmente acredita que eu desistiria da minha própria irmã?

— Os boatos são que você não está tão feliz com a pequena Alexis hoje em dia, — Lowell diz. Ela pega o sanduíche de salada que parece velho em um prato à sua frente, distraidamente colocando-o de lado. — Talvez você tenha cansado de protegê-la.

Eu só balanço a cabeça. Agente Lowell suspira, empurrando o prato e colocando o sanduíche velho para longe. — Certo. Então Rebel por uma ficha limpa. Diga-me onde ele está.

— Eu preciso dos papeis primeiro.

Lowell me atira um olhar de desgosto. A mulher na verdade é bastante atraente, mas a sua desaprovação geral com a vida lhe deixa com algumas linhas profundas no rosto, fazendo-a parecer permanentemente infeliz. — Leva tempo para conseguir papelada como essa, Dra. Romera. E também é final de semana. Eu não posso só aparecer na porta da casa do Juiz Goldstein e começar a fazer exigências. Hoje é o Bar-Mitzvá da sua filha. Eu não vou conseguir a sua assinatura até segunda.

Eu estava preparada para essa desculpa, também. — Nós podemos remarcar esse encontro quando você estiver preparada, então. Mas eu não posso garantir que Rebel ainda vai estar onde ele está agora. Você conhece esses motoqueiros. — Eu pisco para ela um sorriso completamente falso. — Eles tendem a perambular muito por aí.

A boca de Lowell se torce em uma careta azeda. — Uma vez que nós estamos finalmente estamos tendo uma conversa, que tal eu e você

termos uma pequena verificação da realidade, hein? Existem algumas coisas que eu tenho certeza que você não tem ideia que podem mudar toda a sua atitude nesse arranjo. — Ela se inclina para o seu lado e puxa uma pasta de papel pardo da sua bolsa Louis Vuitton. Nos filmes, uma pasta de papel pardo nunca é boa notícia. Eu duvido que essa vá fugir à regra.

— Eu não me importo com o que você quer me mostrar, Denise, — eu estalo, colocando minha mão aberta contra o envelope, então ela não pode abri-lo. — Eu não estou interessada. Tudo que eu quero são os papeis, então nosso negócio aqui está terminado.

Lowell arranca a pasta de debaixo da minha mão e a abre de qualquer maneira. Ela coloca uma fotografia na mesa, em frente a mim. — Esse é Ray Peterson, — ela diz, batendo com a unha contra os fixos olhos arregalados do homem morto olhando para mim a partir da imagem. A foto é colorida, então não é difícil não notar a piscina de sangue na qual ele está deitado em cima. Eu me apoio contra a mesa e perscruto à frente, então eu posso dar uma boa olhada na foto. Lowell parece momentaneamente desapontada. Talvez ela esperasse que eu vomitasse ou algo assim. Táticas como essa talvez funcionem com alguém que não passou os últimos dois anos trabalhando na sessão de trauma de uma sala de emergência, mas uma vez que eu já testemunhei mais do que o suficiente de partes de corpos desmembrados e órgãos internos que não deveriam nunca ver a luz do dia, tudo que Agente Lowell consegue de mim é uma sobrancelha levantada. — O seu ponto?

— O meu ponto é que o chefe do seu namorado teve um desentendimento com Ray Peterson em agosto e então o pobre Ray aqui acabou com a parte de trás da sua cabeça explodida. Você está lidando com tudo isso muito bem, Dra. Romera. Isso está bem para você? — Ela puxa outra foto, dessa vez uma clara imagem do ferimento escancarado na cabeça de Ray. Eu pisco para isso, então fixo em Lowell um olhar escuro.

— Eu sei que Charlie Holsan é um imbecil. Você está insinuando que Zeth matou esse homem?

— Eu estou.

— E a sua prova?

— Zeth era um pau-mandado de Holsan até poucos meses atrás. Quem mais poderia ter feito isso?

Eu bufo, deslizando as imagens sobre a mesa para ela. — Esse é o tipo de lógica que condena criminosos, Agente Lowell? Porque se é, eu estou seriamente preocupada com o estado do sistema de justiça dos Estados Unidos.

— Deveria ser, — ela responde. — Talvez se fosse, então pessoas como Rebel e Zeth não estariam livres para incitar o caos. As pessoas não estariam aí fora sequestrando garotas jovens como Alexis pelas ruas. Aqui. — Ela puxa um maço de fotografias – pelo menos vinte – e as joga na minha frente. — Eles todos são homens mortos a mando de Charlie Holsan. Se o seu boy toy[2] não matou pelo menos a metade deles, então eu cago arco-íris, Sloane. E me conhecendo, eu realmente pareço o tipo de pessoa agradável que poderia fazer algo assim?

Meu pulso está acelerado – há muitas fotografias na minha frente agora, todas mostrando corpos mortos e mutilados de incontáveis homens – mas eu sei o que ela está fazendo. É óbvio pra caralho. Se ela puder me ligar, me fazer perceber quão perigoso é o homem ao qual eu estive aliada, então o seu trabalho vai ficar muito mais fácil. Que pena para ela que nada disso me surpreende.

Eu sei que Zeth feriu pessoas antes.

Eu sei que Zeth matou pessoas.

Eu sei que ele fez coisas impronunciáveis.

Eu sei que ele pensa que ele é um monstro.

Mas eu também *o conheço*.

Não há desculpa para tirar a vida de outra pessoa. Eu sei disso. Eu me apoio nisso e acredito nisso seriamente. Mas Zeth não matou os inimigos de Charlie porque ele queria, ou tinha vontade e, definitivamente, não foi porque ele gostava disso. Ele fez isso porque ele estava vazio. Ele fez isso porque ele esteve cercado por violência desde o momento em que ele nasceu, e ele nunca conheceu nada mais. Ele fez isso porque Charlie Holsan era o homem em quem ele se espelhava quando era criança. Charlie Holsan foi o modelo que deu a Zeth essas aberturas. Ele fez isso porque Charlie Holsan o ordenou a fazer.

---

[2] É um termo usado para se referir a homens usados por mulheres (e eventualmente por outros homens também) unicamente para fins sexuais (mas sem pagamento, pois não é o mesmo que um garoto de programa) e de companhia. É informal onde ambas as partes sabem que não haverá comprometimento emocional. A tradução literal seria “garoto de brinquedo, garoto para brincar”.

E apesar disso, apesar dessa brutalidade do seu passado e da sua educação, ainda há uma ternura dentro dele. Ele me protegeu. Ele lutou por mim. Ele encontrou minha irmã, e ele me carregou pelo meio de tanta coisa. Ele não está mais vazio. E eu sei com certeza que ele nunca irá ter aquela vida de novo. Não a menos que seja para me proteger.

— O homem tem um temperamento sórdido, — Lowell continua, passando pelas fotos. — E se não é uma marca da próxima vez, Sloane? E se for para a sua cabeça que ele está apontando uma arma?

Oh, cara. De nenhuma maneira do caralho. Então é isso. Eu já tive o suficiente. Fico de pé tão rápido que a cadeira de plástico barata em que eu estava sentada cai no chão. Parece que uma centena de pessoa parou de comer, beber, falar, rir e está me olhando. — Você não conhece esse homem. Você claramente não sabe nada dele.

Lowel levanta suas mãos. — Desculpe-me. Desculpe-me, Sloane. Só se sente, ok? Só se sente novamente. Nós não acabamos aqui.

— Eu acho que você vai descobrir que nós acabamos sim.

Eu me movo pela multidão, empurrando e deslizado pelas pessoas, tentando sair. Ela não pegou os papeis com aquele juiz. Ela nunca teria pego. Ela veio aqui para me convencer a trair Zeth e nada mais. Meu sangue está fervendo nas veias. Eu não tenho um celular comigo. Rebel insistiu, só no caso de eu estar sendo observada e não soubesse que as paredes têm ouvidos, mas agora eu desejo desesperadamente ter um. Eu quero ligar para Zeth. Eu quero encontrá-lo e dar o fora daqui.

Eu não me viro para ver se Lowell está me seguindo, mas eu sei que ela vai estar. Eu sei que haverá outros agentes misturados na multidão, me observando, também. Isso não importa. Eu ando cegamente, meu único pensamento é encontrar um jeito de sair dessa aglomeração. Eu corro para uma escada rolante, empurrando pessoas, determinada a chegar lá, e...

Eu paro.

Mas que porra?

Quando chego no topo da escada rolante, eu empurro o homem bloqueando o meu caminho, só para reconhecer a pessoa. Ele é o meu pai.

— Olá, Sloane.

Eu tropeço para fora do caminho, me apoiando contra o seu peito, as palmas das minhas mãos contra a jaqueta de camurça marrom que eu comprei para ele de presente no último Natal. Ele me dá um sorriso triste, e eu sei que estou prestes a ter o coração quebrado.

— Se você tiver um momento, — ele diz suavemente, escovando uma mecha de cabelo que caiu do meu rabo de cavalo para trás da minha orelha. — Eu acho que nós devemos ter uma conversa.

Capítulo Dois

ZETH

Eu não sei o que fazer. Eu nunca não soube o que fazer. Michael dificilmente será útil nesta situação, também. Desde que nós chegamos ao Fresco Coffee House, ele não fez nada além de se sentar lá, totalmente composto bebendo macchiato após macchiato e lendo o The Seattle Times.

Eu sinto que estou prestes a explodir, porra.

— Você vai ficar vibrando desse jeito durante todo o tempo em que estamos esperando? Eu deveria sentar em outra mesa? — Michael pergunta.

— Vá e sente-se em outra mesa de merda, — eu rosno. — *Eu te desafio.*

Michael dobra o jornal ao meio e o coloca sobre a mesa, fixando um olhar em branco sobre mim. — Você quer que eu faça algumas ligações? Descubra se alguém sabe algo sobre Charlie?

— Isso seria inútil. — Eu estou sendo um grande idiota, mas não posso evitar. Eu não consigo ficar aqui sentado. Michael está certo – eu estou literalmente vibrando em meu assento, tendo espasmos toda vez que a porra do sino da porta soa e alguém-que-não-é-Sloane entra. Michael pega seu celular e começa a fazer ligações. Eu encaro o teto, minha cabeça para trás, tentando me lembrar de como não perder essa porra.

Eu não tenho nenhuma ideia quem é essa pessoa que eu me tornei, mas, honestamente, eu estou um pouco assustado com ela. O velho vem lutando com esse novo cara, e eu tenho que dizer, esse novo fodido está espancando a minha versão calma, fria, e senhor de si mesmo.

Algumas pessoas considerariam isso um progresso, eu suponho. Nesse momento, eu não tenho certeza do que eu acho. Eu *sei* que estou preocupado pra caralho, e a sensação é horrível.

— Sim, sim, amigo, eu entendo. Sem problemas. Eu agradeço isso. Obrigado. — Michael encerra a ligação, encolhendo os ombros. Seu terno não está nem mesmo enrugado depois dele dormir três horas no banco de trás daquele carro monstruoso. Eu tenho vontade de sacudi-lo. — Trey e West não ouviram nada sobre Charlie durante toda a semana. Eles nem ao menos ouviram sobre o confronto no apartamento, então ou eles estão mentindo ou eles têm suas cabeças presas na bunda desde segunda-feira. Eles disseram que vão me informar se ouvirem alguma coisa, mas eu tenho que certeza que eles não vão.

Porra. Eu faço uma careta para o celular de Michael parado sobre o jornal descartado como se ele fosse o único responsável pela falta de qualquer informação que valha a pena. A coisa é que as pessoas não gostam de falar sobre Charlie. É um karma fodido do caralho. Você diz o nome do desgraçado e ele aparece. Causando destruição aonde quer que ele vá. As pessoas escuras para quem Michael está ligando por informação sabem muito bem que não devem sequer *pensar* no nome de Charlie Holsan, muito menos virar a casaca contra ele.

— Nós só temos que ser pacientes, Zee. Charlie dificilmente é o material de *pai do ano*. Lacey vai sair dessa e fugir na primeira oportunidade. Ela sabe como chegar até você, certo?

— Sim. Certo. — O último celular pré-pago que eu tive antes de Lace desaparecer ainda esta no bolso do meu jeans como uma bomba relógio da porra. Ninguém tem o número além de Sloane, Lace, Michael e Rebel, mas por alguma razão isso não parece seguro. Se nós não estivéssemos atrás de Lacey, eu teria descartado essa coisa dias atrás.

Eu o pego e o jogo sobre o papel próximo a Michael. Meu coração quase explode no meu maldito peito quando um segundo depois um toque de celular começa a soar como uma buzina. Eu acho que é o meu. Por um segundo eu me encho de terror – Sloane ou Lacey. De qualquer forma só podem ser más notícias. Notícias terríveis. Mas não é o meu; é o de Michel.

Ele o pega e confere o número. — Rebel. — Ele olha para mim com uma careta. Ele atende o celular, falando em sussurros. — Diga-me, — ele diz.

Eu observo a compostura de Michael se fragmentar e desintegrar pelos próximos sete segundos. — O que você quer dizer com *ela fugiu*?

As palavras são suficientes por si só para me ter atacando sobre a mesa e arrancando o telefone das mãos de Michael. — Ela fugiu? — Eu posso sentir meu coração batendo na porra das minhas têmporas.

— Eu tinha um dos rapazes olhando ela. Ela sentou com a puta do DEA por cinco minutos, olhou para algumas fotos, e então correu. Um cara velho aparentemente a parou e então um maldito homem de preto apareceu e agarrou a sua bunda.

— Então eles a prenderam? — Porra, eu sabia que essa era uma má ideia. Minhas mãos começaram a tremer com a raiva. — Se ela está em algum problema, eu juro por Deus que vou te esfolar vivo, seu filho da puta.

Rebel geme no telefone. É o tipo de som que eu faria se estivesse suportando alguém que deveria ter um bom senso melhor do que me encolerizar. — Não havia algemas. Ela abraçou o homem velho. Ela definitivamente não foi presa, imbecil, então te acalma, caralho.

— Me acalmar? Ok. Eu vou me acalmar quando me disser exatamente onde a minha namorada está.

A palavra namorada pulou da minha língua antes que eu sequer tivesse a chance de pensar duas vezes. Mas isso não é necessário, no entanto. Sloane *é* a minha namorada. Ela é até mais do que isso.

— Eu não sei exatamente onde ela está, óbvio. Eu não estaria te ligando, do contrário. Alguma ideia de quem o velho é?

Eu luto com a vontade de esmagar meu maldito punho na parede. — Ele tem cabelo grisalho? Magro? Levemente bronzeado?

A voz de Rebel soa distante enquanto ele consulta o cara que deveria estar na praça de alimentação do shopping. E então, — Sim, claro. Um homem velho.

Sim, claro não é algo que exatamente me enche de confiança, mas é melhor do que nada. O homem velho é o pai de Sloane. Tem que ser. O Dr. e a Sra. Romera devem ter voltado antes da viagem que Sloane os enviou. Eles deveriam estar fora do caminho enquanto tudo isso vem abaixo, mas agora parece que o pai de Sloane está bem no meio de tudo isso. Eu não vi isso vindo. Merda. — Ok, bem... Foda-se. Eu acho que seria melhor ligar para a mãe dela.

Eu acho que seria melhor ligar para a mãe dela. Ridículo. Quem sou eu, caralho? Michael me lança um olhar que diz que ele está pensando exatamente a mesma coisa. Rebel dá uma risadinha no

telefone. — Se você quer, homem. Só que seja lá o que você faça, não atire essa porra para mim.

— Eu não dou a mínima para você, filho da puta, — eu estalo. — Você está andando em uma linha fina agora. Você saiu em alguma missão para salvar uma garota quando já estava casado com Alexis? Você acha que Sloane não está 100% irritada com isso? Por que você só não...

Eu paro de repente. Rebel diz algo do outro lado da linha, mas eu não presto atenção. Meus olhos estão fixos no jornal que ainda está dobrado ao meio sobre a mesa entre Michael e eu.

Minha mente não consegue compreender o que está vendo – um símbolo preto, um bloco sólido de tinta no meio do rabisco de milhares de palavras marcando a página. A simples flor-de-lis pode não chamar a atenção de muitas pessoas nessa cidade, mas uma parcela da população reagiria apropriadamente ao testemunhar isso impresso. Ou etiquetado do lado de um prédio. Ou tatuado na pele de alguém, como está tatuada na minha.

Charlie fodido.

Eu agarro o papel e o abro, e com certeza é ele. Filho da puta descarado do caralho.



A DUQUESA

Amada companheira e mãe.

Sua perda é demais para suportar.

Partiu desse mundo sexta-feira pela manhã, tranquilamente enquanto dormia.

Funeral a ser realizado na Igreja Católica de St. Finnegan.

Domingo, 19 de Outubro, às 11h.

O velório seguirá no Hunt's Point.

Todos estão convidados e serão bem-vindos.

Eu olho para a parte superior da página – seção de óbito. Então é isso; a Duquesa está morta. Meu estômago aperta com essa nova informação. Eu sabia que isso ia acontecer, mas ainda assim... A mulher se preocupou comigo uma vez, e eu me importava com ela do meu jeito. Eu jogo o papel para baixo, empurrando um dedo acusatório para a flor-de-lis que Charlie usa como o brasão pessoal da sua família. Michael faz uma careta para o papel, vê o que eu estou apontando e seu rosto escurece.

— Hey? Hey, você está me ouvindo? *Zeth!* — Meu celular está gritando comigo. Ou melhor, Rebel está gritando comigo através do aparelho.

— *O quê?*

— Não se preocupe com Sloane. Eu vou encontrá-la, ok?

— Rebel, eu não confiaria em você para encontrar a minha garota nem se você fosse o último homem vivo. — Eu desligo o telefone. Eu não quero ouvir outra palavra saindo da boca dele.

Eu continuo esquecendo que Michael é primo desse imbecil. Ele levanta uma sobrancelha para mim, sua boca levantada nos cantos. — Você não é um fã, hein?

— Não. Desculpe.

— Não precisa se desculpar. Ele é um gosto que se adquire com o tempo. — Michael solta uma respiração, as mãos correndo pela frente do seu paletó. — Ok, então qual é o plano? Você vai se jogar na compaixão dessa agente do DEA ou o quê? Sloane disse para não fazer isso.

Levanto a cabeça, atirando nele um olhar sujo. — É rude fingir estar dormindo quando as pessoas estão tendo uma conversa particular.

— Não, não é. Ter uma sessão madura e elaborada quando alguém está preso na parte de trás do mesmo carro que você? *Isso* é rude.

Eu mordo a vontade de rosnar. Nós deixamos o café, mas não sem antes Michael devolver seu macchiato ao barista e informá-lo que seu café é ruim. Muito, muito, muito ruim. O barista só parece que acabou de cagar nas calças.

Quando estamos do lado de fora, a cidade está estranhamente parada, como se estivesse segurando a sua respiração, esperando uma tempestade que se aproxima. De alguma forma pode-se considerar assim. Em algum lugar fora daqui, Sloane está potencialmente sendo interrogada contra a sua vontade. Isso não me cai bem. Se eu não a tiver de volta em uma hora, Seattle vai ser atingida pela maior tempestade já vista. E essa tempestade serei eu. Michael entrega as chaves do Humvee de Rebel sem que eu tenha que pedir.

Ele sobe do lado do passageiro, colocando os meus óculos de aviador.

— O que nós vamos fazer?

— Nós, meu amigo, vamos encontrar algumas malditas garantias adicionais.

Michael dá pancadinhas no painel, sorrindo amplamente. — Parece um plano.

— E Michael?

— Sim?

— Uma vez que Sloane estiver de volta aonde ela deve estar... Eu vou precisar de um terno emprestado.

Capítulo Três

SLOANE

A última vez que vi o carro com painéis de madeira[3] do meu pai foi no espelho retrovisor de um carro de fuga. Eu nunca pensei que seria capaz de recuperá-la do complexo de Julio, e ainda assim, aqui estou eu, sentada no banco do passageiro, ouvindo a maldita coisa moendo e se asfixiando familiarmente demais enquanto nós nos dirigimos para fora da cidade.

— Então, por onde você acha que devemos começar? — Meu pai pergunta, suas duas mãos firmes no volante.

Sinto como se houvesse algo muito pesado pressionando o meu peito, me deixando com dificuldade de respirar. Minhas mãos estão tremendo. Estou tão lívida que mal consigo ficar parada. — Talvez do início? Como, por exemplo, como você se envolveu com o DEA, pai? Você *sabia* esse tempo todo, não sabia? Sabia todo o tempo que Alexis estava viva e não disse uma maldita palavra. Por isso você reagiu de forma tão estranha quando eu disse a você e à mãe que eu tinha encontrado ela. Deus!

— Sloane.

— O que, pai? Não falar o nome do Senhor em vão? O que diabos eu deveria dizer? Você esteve mentindo para nós. Mentindo para nós por anos. — Eu apoio meus cotovelos nos joelhos, me inclinando para frente, tentando clarear a cabeça. Mas é inútil. Eu não posso acreditar nessa merda. — Você nem ao menos negou, — eu sussurro. — Você nem sequer me disse que isso não é verdade.

Seu remorso rola para fora dele em ondas que praticamente me puxam. Como Zeth, meu pai nunca disse uma mentira. — Eu sinto

---

3 

muito, querida. Eu sinto mesmo. Mas era imperativo que você não soubesse onde Alexis estava.

— E a mãe? Era imperativo que ela não soubesse onde a sua maldita filha estava? Ela pensou que ela estivesse *morta*, pai!

— Eu sei, Sloane. Eu sei. Mas você tem que entender, eu fiz o que eu tinha que fazer. Isso foi do jeito que tinha que ser. Não ia ser para sempre.

Eu me endireito para poder olhar ele nos olhos – o homem que eu respeitei a minha vida toda. O homem de quem eu queria seguir os passos desde que eu era uma garotinha. O homem que me ensinou sobre amor e justiça e honestidade. Meu estômago retorce e eu percebo que algo terrível está prestes a acontecer. — Oh, não. Pai, encoste.

— O que é?

— Pai, só encoste a droga carro!

Ele puxa o carro para o lado da estrada, bem a tempo de eu abrir a porta e pôr para fora o conteúdo do meu estômago. Eu vomito com tanta força que meus olhos ficam cheios de lágrimas. Meu pai coloca a mão no centro das minhas costas e a esfrega para cima e para baixo, como ele fazia quando eu era criança e estava doente. A ação não me faz sentir melhor. Ela me deixa pior.

Ouço um carro parando atrás de nós e a trituração de pegadas no cascalho ao lado da estrada, e então uma voz profunda diz, — Nós não podemos ficar parados aqui. Ela pode vomitar quando nós estivermos no escritório de campo.

Eu não sei a quem essa voz pertence, mas eu já o odeio. Eu seco as lágrimas dos meus olhos e olho para cima para encarar o cara mais alto que eu já vi na vida. A sua SUV genérica está estacionada logo atrás de nós, a porta do passageiro escancarada aberta. Lowell está ao volante, me olhando com um olhar impassível e nada afetado. O mesmo que ela tinha quando me mostrou os cadáveres de muitos homens que ela diz que Zeth matou. Eu me levanto e cuspo no chão, me livrando do gosto de vômito.

— Diga à sua chefe que ela pode ir se foder, — eu digo ao gigante na minha frente. Eu arrasto minhas pernas de volta para dentro do carro e bato a porta com tanta violência que todo o carro balança.

— Você não sabe a verdade, querida. Eu acho que assim que eu explicar tudo, você irá entender, — meu pai diz suavemente.

Se ele acha isso, então ele tem outra coisa chegando. — Eu não me importo com a verdade agora, pai. É tarde demais. Você e Alexis traíram totalmente qualquer confiança que poderia existir entre nós. Vocês destruíram tudo. Eu só... Eu só não quero ouvir isso.

Um carro buzina atrás de nós – Lowell emputecida porque não estamos nos movendo. Meu pai liga o carro e a coloca de volta na estrada. Nós estamos, aparentemente, indo para um escritório de campo. Um lugar onde eu posso ser crucificada pelas recentes escolhas da minha vida. Eu não teria ido a qualquer lugar com meu pai ou a Agente Lowell se eu tivesse escolha, mas era isso ou ter a minha bunda presa e meus bens apreendidos até que eu colaborasse. Eu não toquei na minha conta bancária em semanas. Parece que o que quer que eu precisasse simplesmente estava lá, fornecido por Zeth e, mais frequentemente, por Michael. Mas em algum momento eu vou querer acesso ao meu dinheiro, e eu definitivamente vou querer voltar para casa. Mas quando diabos isso irá acontecer? O simples pensamento de ser capaz de pisar novamente dentro do santuário que eu criei para mim sem trazer esse montão de problemas junto parece uma piada.

Além disso, meu pai prometeu me deixar onde eu quisesse depois que eu o ouvisse, então essa parece ser a melhor opção no momento. Nós dirigimos por mais quarenta minutos passando por Mountlake Terrace, Lynnwood e o Aeroporto Paine Field, até chegarmos em Everett. Eu não estive aqui desde que era criança – uma festa de aniversário minha ou de Alexis, não consigo recordar agora. O lugar me lembra de gritos de criança e cheiro de hambúrgueres.

Meu pai para a caminhonete no estacionamento atrás de uma loja de bebidas. Ele desliga o motor e tira as chaves da ignição. — Sloane, você tem que saber que eu sinto muito. Eu não queria esconder nada de você para te enganar, ou a sua mãe. Eu...

— Quem sabe você só me mostra o que você tão desesperadamente precisa me mostrar e então você pode me levar de volta para as pessoas que não mentem para mim ou abusam da minha confiança, hein, pai? — me parece muito estranho que essa seja a verdade. Zeth nunca pediu a minha confiança e então me enganou. Ele nunca escondeu nada de mim. Se eu queria saber algo, se eu me encontrei em uma situação em que ele tinha o controle sobre mim, se a situação era ruim, ele nunca me machucou ou traiu. Ele foi honesto e me manteve segura. Zeth, o homem que eu conheço por ser um criminoso, me tratou com mais respeito do que meu próprio pai, um homem da igreja.

Ah, a ironia é tão agridoce que eu me sinto sufocando.

— Só mantenha a sua mente aberta, ok, filha? — meu pai diz.

Lowell e os seus subordinados pararam as suas enormes SUVs e já desceram dos veículos, esperando não tão pacientemente por nós. Eu não respondo ao meu pai. Eu desço do carro, atirando um olhar cruel para a mulher que parece ser o centro de todo essa bagunça do caralho. Lowell aponta na direção de uma escada de metal que ziguezagueia o lado da loja de bebidas, me dando um sorriso ameaçador. — Depois de você, — ela diz. O brilho de diamante dos degraus da escadaria já está quase desgastado no meio, uma mancha de aço prateado aparecendo no metal enferrujado. Os meus passos ressoam, ecoando pelo estacionamento enquanto eu subo um, dois, três lances, e então não posso ir mais longe.

Nós alcançamos o alto da escada, e em frente a mim há uma porta de aço sólida e reforçada, coberta com tintura verde escuro lascada pelo caminho. Lowell passa por mim e coloca um código no teclado na parede; a porta se abre, e um alarme soa dentro do prédio, um único barulho agudo, um *ernnnnn* que me recorda o som portões penitenciários. As que eu vi na televisão e, se tudo der certo, não as que em breve estarei chamando de lar.

Lowell se apressa para dentro do prédio, não se preocupando em verificar atrás dela para ver se eu estou seguindo-a. Eu não teria uma chance mesmo se eu quisesse; meu pai está logo atrás de mim, seguido pelo gigante que falou conosco para nos apressarmos ao lado da estrada antes, e mais dois caras em ternos imaculados. Papai me dá um sorriso triste, e eu não sorrio de volta. Por dentro o prédio cheira a Pop Tarts[4]. Queimadas. Alguém obviamente carbonizou o seu café da manhã tardio.

A luz florescente pisca sobre a minha cabeça, emitindo um alto zumbindo enquanto nós cinco nos movemos em silêncio e eficazmente pelo corredor. Há salas à esquerda e à direita. Nós passamos por portas abertas que eram somente grandes salas de concreto vazias. Sem mobília de escritório. Sem trabalhadores administrativos. Só caixas de papelão ocasionais e uma sala com um banquinho de madeira quebrado com somente três pernas em vez das quatro que ele obviamente tinha.

[4] Biscoito pré-cozinho e recheado. Possui diversos sabores, como chocolate, morango, baunilha, uva, etc. Deve ir ao forno antes de ser consumido.

Lowell segue com precisão militar, virando à esquerda e depois à direita enquanto o corredor serpenteia à nossa frente, até que nós chegamos a outra porta de segurança pesada de metal. Outro código é inserido no teclado. Outro alarme. Dessa vez há pessoas do outro lado da porta. Cabines de trabalho coladas umas às outras, fotografias presas às paredes, telefones tocando e olhares curiosos nos deram as boas-vindas enquanto nos dirigíamos para um escritório com a porta aberta do outro lado da ampla sala.

Lowell entra primeiro, então eu. Meu pai me segue, mas os homens sem nome param nas estações de trabalho, dispensados com um olhar superficial de Lowell.

— Por que você não senta? — Lowell acena com a cabeça para a cadeira em frente ao que eu assumo que seja a sua mesa. Quando meu pai oscila ao redor da mesa desnecessariamente grande e senta do mesmo lado que Lowell, eu quase vomito de novo, bem ali no chão. Isso é maluco pra caralho.

— Então, uma vez que você não se importou com as minhas fotos até agora, eu estou hesitante em tentar te mostrar mais algumas, — Lowell diz. — O seu pai tem outras ideias, no entanto. Ele sente que você deve ver por que é importante para nós encontrar a sua irmã. Você está disposta a ouvir o que nós temos a dizer dessa vez? Vai nos deixar te mostrar no que você se meteu?

Eu olho para o meu pai; ele não desvia o olhar, embora eu tenha a impressão que ele quer. — Eu sou um tipo de público cativo nesse momento, — eu estalo. — Só vamos acabar com isso.

— Bom. — Lowell abre o laptop que está sobre a sua mesa e faz uma careta, se concentrando na tela por um momento. Ela dá alguns cliques, aparentemente encontrando o que procura, e então gira a coisa para que eu possa ver a tela. É a sequência de uma câmera de segurança de algum lugar escuro e obscuro. É difícil ver muito no começo, mas parece que há neve no chão. Lowell aperta o botão de play e então a imagem ganha vida. Há um som. Eu vejo uma figura escura caminhando rapidamente em uma rua abandonada, sozinha, e meu coração parece que cresce no meu peito. É Lexi. Eu posso dizer pelo grande cachecol enrolado ao redor do seu pescoço – ela passou três meses tentando terminar a coisa antes de o inverno chegar e depois se recusou a deixá-la em casa uma vez que estava pronta.

De repente eu sei o que estou vendo. Eu sei o que estão me mostrando, e eu não quero ver isso. Inclino-me para frente no meu

assento, alcançando o laptop para virá-lo, muito perto da maldita coisa, para fazer isso parar, mas então Alexis congela na tela. Ela só para repentinamente em seu caminho, seu foco fixo em algo ou alguém que eu não consigo ver. Um segundo depois, eu vejo o que ela está olhando: uma longa fila de motos correndo pela estrada – três, cinco, oito – eu não sei quantas. Metade da estrada está cortada da tela, então poderia haver trinta, até onde eu sei. Alexis para e os observa passar, a estranha visão de muitos homens em suas motos, rasgando através do centro de Seattle o suficiente para fazê-la parar.

— Que diabos é isso? — eu sussurro.

Meu pai balança a cabeça. — Só continue olhando, querida.

Os motoqueiros desaparecem. Alexis permanece imóvel mais um momento, cabelo escuro voando sobre o seu rosto, provocado por um vento silencioso. Ela caminha até o meio-fio e olha de um lado ao outro da rua, como se ela fosse atravessar. De qualquer maneira, antes que ela consiga dar outro passo, uma figura escura, um homem, surge do beco lateral atrás dela e cai de joelhos, estendendo uma mão para minha irmã. Ele claramente a assusta; ela visivelmente pula e dá um passo para trás, para longe da pessoa.

Alexis para, como se tentasse decidir o que fazer, e então ela corre para frente, dobrando-se para o homem no chão, desenrolando aquele cachecol horroroso do seu pescoço.

— Ela estava ajudando alguém? — eu pergunto. Não tiro os olhos da tela, e nem meu pai ou Lowell respondem. Supostamente vou ver por mim mesma. Mas eu estou assustada. Eu sou uma covarde. Eu não quero vê-la se ferir, não importa quanto ela tenha me ferido.

As duas pessoas na tela estão conversando, isso é muito claro, e é incrivelmente frustrante que eu não saiba o que está sendo dito. Estreito os olhos para o laptop, embora não haja maneira que eu consiga ler nos lábios o que está saindo das suas bocas. A qualidade da imagem é tão pobre e pixelada que eu não consigo distinguir nem mesmo as suas feições faciais. Alexis oferece uma mão, mas o homem no chão recua. Confuso. Ele estava tentando alcançá-la um segundo atrás, mas agora ele parece assustado. Ele começa a se arrastar para longe dela, braços e pernas trabalhando contra a neve no chão, tentando colocar algum espaço entre eles. E então seu medo de repente faz mais sentido. Ele não está tentando se afastar de Alexis. Ele está tentando se afastar do grupo de homem que está se aproximando dela por trás.

Eu conto oito deles.

— Oh, meu Deus. — eu cubro minha boca com as mãos, meio que considerando cobrir meus olhos também. Alexis nunca se vira. Ela nunca sabe que os homens estão atrás dela. O mais alto deles, ombros largos e um mancar pronunciado, é o primeiro a alcançar a minha irmã. Ele cobre a sua boca com uma mão e a levanta do chão. As pernas dela chutam desesperadamente, mas o cara não a solta. Outro dos homens agarra a pessoa ainda deitada na neve e tenta levantá-lo, mas não tem sucesso. Em vez disso, ele o pega pelo braço e o arrasta de volta para o mesmo beco de onde ele apareceu. Os outros homens os seguem. Minha irmã é carregada pra dentro da escuridão pelo cara que manca.

E então ela se foi.

Lowell se inclina para frente e bate o laptop fechado. — O homem que você viu nessa sequência, aquele que ela encontrou primeiro? Esse era o Juiz Ryan Conahue. O corpo dele foi encontrado sob uma pilha de lixo na manhã após isso ter acontecido. O dono de um restaurante colocou seu lixo para fora às 5h30min e tomou um pequeno susto. Conahue foi esfaqueado uma vez no peito, direto no coração. Ele sangrou na neve.

Ela exibe outro arquivo que vem de uma gaveta na sua mesa e atira a imagem para baixo – um homem de cabelos prateados pelo fim dos 50, começo dos 60, olhos nublados encarando diretamente o céu, lábios azuis levemente separados. Há ali, com certeza, uma ferida em seu peito – a óbvia fonte da enorme quantidade de sangue que manchou o seu casaco e tingiu a neve ao redor dele de vermelho brilhante.

— Um juiz? Ele era um juiz? — eu pergunto.

— Sim, querida. Ele estava cuidando um caso de assassinato nessa época. Um homem tinha sido preso, um homem muito perigoso, e os seus companheiros, os homens que você viu no vídeo, não queriam que o juiz descobrisse que ele era culpado pelo crime. Eles estavam atrás do Juiz Conahue, tentando coagi-lo a libertar o indivíduo, mas ele se recusou.

— Então eles o assassinaram. — bem quando eu penso que isso não poderia ficar mais complicado, mais nada poderia ferrar...

Agente Lowell mexe em seu computador por um segundo e então o vira para mim. O vídeo já está passando. Uma van surrada está descendo a rua. Ela para em frente ao beco e dois homens saem. Eles vão para a parte de trás da van e abrem as portas. É difícil de ver o que

TRADUÇÕES
PEPPER GIRL

está acontecendo na boca do beco agora, porque a van está bloqueando a vista, mas eu posso ver uma briga tomando forma. Um braço, uma perna. Um dos homens cai na neve sobre a sua bunda, todo o seu corpo de repente possível de ser visto. Eu ainda não posso ver a sua cara direito, mas eu não tenho nenhum problema em ver seus ombros subindo e descendo – ele está rindo. *Rindo*.

As portas traseiras da van se fecham e então o homem que caiu se levanta e sobe do lado do motorista. Há um movimento na porta do passageiro, mas está tão escuro que eu não consigo ver quem sobe ali. A van arranca, e então eles se foram. A rua está vazia.

— Quem são eles? — eu pergunto. Há um caroço na minha garganta do tamanho de uma bola de basquete. Eu mal consigo falar.

Lowel se mexe em seu assento, arrastando os dedos sobre o arquivo gordo a sua frente. — Eles são um cartel.

— Colombiano?

Ela balança a cabeça. — Mexicano.

— Não... Não *Julio Perez*?

Lowell parece intrigada, como se eu finalmente estivesse falando a sua língua. — Não, não Perez, embora ele esta conectado a esse grupo. Eles são chamados de Los Oscuros. Seu líder, Hector Ramirez, começou com drogas, mas rapidamente percebeu que armas eram muito mais rentáveis. Eles tiveram sua base no México por anos. Alguma merda aconteceu em solo americano e Hector aparentemente decidiu que ele não queria mais os seus negócios administrados à distância. Ele imigrou legalmente e começou um negócio de limpeza de carpetes. Ele usava isso como uma fachada para lavagem de dinheiro. Ainda usa.

— E onde minha irmã entra nisso?

— Ele também vende buceta, — Lowell diz. Meu pai vacila – eu duvido que alguém já tenha dito *buceta* na frente dele antes. E eu definitivamente duvido que ele já tenha se referido a sua filha como buceta. Lowell obviamente não dá a mínima se ofendeu os sentimentos delicados do meu pai. — Sua irmã é uma garota linda, Dra. Sloane. Hector olhou para ela uma vez e viu cifrões. Ele fez um acordo com Perez. Perez a comprou dele, para mantê-la naquela sua Villa[5] de merda

[5] Uma Villa é algo como uma grande casa de luxo ou um solar, com um muro que a cerca. A ideia surgiu na Roma Antiga e, com o tempo, a ideia e as funções de uma

que ele construiu para si mesmo no deserto, mas o seu bom amigo Rebel, de alguma forma, conseguiu pôr as mãos dele nela. É onde as coisas ficam complicadas. Os Widow Makers estão em guerra com os Los Oscuros. O cartel descobriu que Alexis estava com os motoqueiros e eles imediatamente mandaram alguém acabar com a vida dela.

Minha cabeça está oficialmente doendo com esse desmoronamento de informações, mas eu entendo o que Lowell está me dizendo. — Eles a queriam morta porque os motoqueiros poderiam convencê-la a testemunhar sobre os Los Oscuros terem matado o juiz. Certo?

— Isso está certo, querida. — meu pai se inclina para frente, apoiando seus cotovelos contra a mesa. — Sua irmã me ligou quatro meses depois que ela desapareceu. Eu não sabia nada sobre o seu desaparecimento antes disso, eu juro. Ela me contou o que aconteceu e me pediu para lhe enviar algum dinheiro para que ela pudesse fugir. Ela estava apavorada, mas ela parecia estar bem. Ela me disse para não chamar a polícia, mas...

— O seu pai não é um idiota, Sloane, — Lowell diz. — Assim que ele descobriu que Alexis estava viva ele fez a coisa certa e contatou as autoridades. Nós estivemos lidando com o caso desde então.

Um raio de raiva queima por mim. — E por lidar com o caso você quer dizer quase matar a minha irmã?

— Quê? Ela foi... Alexis quase foi morta? — a descrença na voz do meu pai me faz gritar com ele. Ele pensa que está em posse de todos os fatos, mas na realidade ele tem sido mantido no escuro. Seu rosto fica branco como giz.

— Oh, sim, Agente Lowell não te contou? Que Alexis quase morreu porque a sua amiga aqui atirou nela?

Os músculos do rosto do meu pai se afrouxam, toda a sua expressão se esvaindo completamente. Ele não consegue acreditar nas palavras que eu estou dizendo – eu posso ver isso claro como o dia. Ele vira para Lowell, balançando a sua cabeça. — Com certeza isso não é verdade?

Eu recebo um olhar da mulher sentada à minha frente, como se eu tivesse deixado escapar um segredinho altamente inconveniente. *Yeah, eu aposto que é, vadia.*

Villa evoluíram. Dentro de uma Villa pode haver outras residências menores, além da casa principal.

— Eu só queria grampear o ombro de Alexis quando eu atirei nela. A moto em que ela estava desviou e a bala acabou acertando o seu torso.

— Você quase a matou, — eu estalo. — *Você quase a matou, caralho.*

— Isso é irrelevante agora. Eu não a matei. Sua irmã está viva e nós precisamos falar com ela. Seu envolvimento com a gangue de motoqueiros dos Widow Makers é um mistério para nós, mas a sua insistente recusa em deixá-los nos leva a acreditar que ela está trabalhando com eles agora. Nos últimos 18 meses, doze pessoas morreram por causa da guerra entre a gangue de motoqueiros de Rebel e o cartel. Nós precisamos que as mortes parem, e nós precisamos da sua irmã. Existe um buraco de 30 minutos entre o desaparecimento de Alexis no beco e aqueles homens arrastando-a para a van. Durante esse tempo ela testemunhou o assassinato de um dos mais proeminentes juízes da Suprema Corte de Seattle. Nós precisamos dela, Sloane. Nós precisamos que ela testemunhe.

Testemunhar.

E então é isso. Toda a coisa faz muito sentido agora. Sim, claro que é por isso que o DEA está tão desesperado em pôr suas mãos nela. Eles precisam dela para fechar o seu caso, e para fazer isso eles querem colocar Alexis na tribuna, assim ela poderá falar contra um cartel mexicano louco pra caralho. E eles estão imaginando porque ela não quer ir com eles?

— Ótimo. Então você está disposta a jogar pessoas inocentes debaixo do ônibus para conseguir o que quer, certo? Você está disposta a atirar nas pessoas e roubar as suas carreiras, arruinar tudo que elas trabalharam duro para conseguir, certificando-se que elas percam tudo, só para que você possa pegar o seu cara. Foda-se todo mundo que fique no seu caminho, certo? — Eu quero dar o fora daqui. Quero tanto sair daqui que me sinto doente. Os olhos do meu pai se arregalam com a surpresa.

— É importante que aqueles homens paguem pelo que fizeram, Sloane. É importante que a justiça...

— Foda-se a justiça! Foda-se o DEA e foda-se você, pai. Lexi pediu para que você não contatasse a polícia, e olha onde nós estamos agora. Minha vida está arruinada, e Lexi está se recuperando de um ferimento que quase tirou a sua vida. Ela poderia ter facilmente morrido, ok? E a

Agente Lowell aqui não poderia estar se importando menos com essa merda toda.

Lowell bate com a mão na mesa, enviando um punhado dos seus papeis voando para todos os lados, caindo no chão. — Eu me importo em proteger pessoas que devotam suas vidas ao cumprimento das leis, Dra. Romera. Eu me importo com o crime organizado nesse país destruindo tudo que os Estados Unidos prezam.

Ela soa como se já tivesse dado essa besteira de discurso patriótico algumas vezes antes. Eu rolo meus olhos. — Eu estou pronta para ir embora agora, se você não se importa.

Lowell se encosta-se a sua cadeira, soltando um suspiro exasperado. — Esse cartel mata *crianças*, Dra. Romera. Eles vendem escravas sexuais de doze anos. Você quer isso na sua consciência?

— A minha consciência não tem nada a ver com isso.

— Tem a ver se você se recusa a agir. Esse é um crime de omissão.

— Eu não quebrei nenhuma lei. Eu não participei de nenhum crime. E agora que eu estou pensando nisso, as suas ameaças são vazias, não são? Você não tem embasamento para bloquear meus bens. Você só está se agarrando em palhas de merda.

— Oh, Dra. Romera, — Lowell ri, — aqui é onde você está inteiramente enganada. Talvez você devesse ler isso. — ela desliza outro pedaço de papel em minha direção, dessa vez com algo escrito, não uma fotografia.

Relatório da Testemunha

Grace Miller

Meus olhos correm pelo documento, meu sangue correndo frio nas veias. Isso é sobre o sangue. O sangue que eu roubei do hospital para dar a Zeth. Grace me delatou, contou tudo a eles. Eu leio, meus olhos borrando um pouco as palavras. *Suspeita. Defensiva. Fornecimento desaparecido.*

— Eu não posso acreditar...

Lowell pega de volta o relatório da testemunha, roubando-o dos meus dedos. — Você não pode acreditar que a sua amiga entregou você? Sra. Miller estava sendo interrogada em relação ao crime como se ela o tivesse cometido. Ela obviamente percebeu que falar a verdade era melhor do que perder a sua única fonte de renda. Uma mãe solteira tende a ser muito pragmática quando olha para o todo.

Mãe solteira? Eu nem sabia que Gracie tinha um filho. Eu não posso culpá-la por dizer a verdade, eu acho.

— E sobre congelar os seus bens, nós absolutamente podemos fazer isso, Sloane. O RICO Act define que tudo que você tenha ou possua pode ser nosso em dois segundos se nós decidirmos viajarmos por essa estrada.

— RICO Act?

— O Racketeer Influenced and Corrupt Organizations Act[6]. Isso quer dizer que tudo que eu suspeito que você ganhou a partir do seu envolvimento com Zeth e a ganguezinha de Charlie Holsan, ou talvez da sua conexão com Rebel e os Widow Makers, pode ser bloqueado e posto em quarentena indefinidamente.

Meus pulmões parecem que vão entrar em colapso. Pelo olhar presunçoso na cara do monstro e pelo olhar preocupado do meu pai, eu sei que ela está dizendo a verdade. Então não é só o meu trabalho que eu estou perdendo aqui. Eu estou perdendo *tudo*.

— O que sugiro é que nós... — Lowell para de falar quando há uma batida rápida na porta e outro agente, um homem que eu não conheço, coloca sua cabeça dentro da sala. Ele parece preocupado. — O que foi? — Lowell estala.

— Uma ligação acabou de chegar. É ele. Mayfair. Ele disse alguma coisa sobre um cara chamado Ernie?

O rosto de Lowell perde a cor. Eu suspeito que o meu também. Zeth? O que diabos ele está fazendo? Agente Lowell se levanta, coloca suas mãos nos quadris, caminha em uma direção e então muda de

[6] Literalmente pode ser traduzido como algo do tipo “Ato dos Influenciados por Mafiosos e Organizações Corruptas”. É uma Lei Federal americana que estende sanções penais e causa de ação civil por atos praticados como parte de uma organização criminosa. O RICO Act permite que os líderes de uma gangue sejam julgados por crimes que ordenaram ou assistiram, além do próprio subordinado que o executou de fato. Essa lei foi inicialmente pensada para pegar grandes membros da Máfia, mas atualmente vale para qualquer organização criminosa que cometa os crimes abrangidos por essa lei.

ideia, voltando por outro caminho. — Imbecil do caralho. Maldição. — ela olha para o outro agente. — Ok, o coloque na linha.

Ela nem sequer dá uma chance da linha tocar. Assim que o telefone vem à vida ela agarra o aparelho da base e rosna para o receptor. — Mas você tem coragem, porra.

Meu pai só me dá um olhar em branco. Eu não posso ouvir o que Zeth está dizendo, mas pelo olhar de Lowell, é ouro puro. Ela fica em um tom de roxo intenso enquanto perambula de um lado para o outro, ouvindo o que quer que ele esteja dizendo a ela.

— Você percebe que essa é apenas outra infração na sua... — Zeth deve tê-la cortado, porque Lowell para no meio da frase. Seus olhos encontram os meus, não mais frios, mas cheios de fúria. — Ok. Certo. Tudo bem. — ela bate o telefone para baixo e inala, puxando uma respiração profunda e irritada. — Alan, parece que é melhor você levar sua filha de volta para a cidade. *Agora*.

Capítulo Quatro

ZETH

O Humvee cheira a mijo. Rebel vai ficar irritadíssimo com o acidente que acabou ocorrendo, mas eu estou me sentindo bastante bem com as coisas agora. O Schnauzer[7] de Lowell – Ernie, de acordo com a sua plaquinha de identificação em formato de osso – está sentado no banco de trás do carro, ofegando com a sua língua pendurada para fora sobre dentes muito brancos. Lowell definitivamente parece o tipo de idiota que escovaria os dentes do seu cão.

— Ela realmente acreditou que você ia matar o cachorro dela? — Michael ri. Eu dou a ele um olhar confuso, e o seu sorriso evapora. — Oh, sim. Claro. Você totalmente *mataria* o cachorro dela, não é?

Ernie parece estar sorrindo para mim quando eu o verifico pelo espelho retrovisor. Eu não sou um monstro. Eu não mataria a porra do cachorro só porque a sua dona precisa de algumas lições de boas maneiras. Não a menos que eu realmente precisasse.

Michael e eu ficamos em silêncio e a respiração ofegante de Ernie é o único som que enche o carro enquanto nós esperamos do lado de fora da estação de ônibus pela chegada de Sloane. Ela sabe o caminho. Um daqueles filhos da puta vai largá-la na cidade e ela vai pegar um ônibus, indo direto para aquela cafeteria horrível que nós originalmente combinamos de nos encontrar. Nós estamos esperando pegá-la antes que ela tome o ônibus.

Não temos que esperar muito tempo. Estou esperando uma SUV preta – muito previsível? – mas ao invés disso eu sou cumprimentado com a visão de um certo carro com painéis de madeira que puxa fora da estrada do lado de fora da estação. É o carro do pai de Sloane, aquele

---

[7] 

que nós abandonamos na Villa de Julio. Então eu estava certo; o homem velho no shopping era o pai dela. O carro estaciona, e então... Nada acontece. Nós nos posicionamos longe o bastante da estrada para não sermos vistos, mas isso também significa que nós não conseguimos ter uma visão clara do que está acontecendo. Michael pega um binóculo e espreita o outro carro através dele.

— Ela está lá? — eu pergunto.

— Sim.

— O que eles estão fazendo?

— O cara velho está falando. Sloane está encarando o painel. Ela parece irritada.

Eu estendo minha mão, esperando pôr eu mesmo os olhos nela. Michael me passa o binóculo, e então lá está ela, carrancuda. Irritada não chega nem mesmo perto de descrever a expressão em seu rosto. Assassina. Isso é mais próximo. Sloane acena, e então ela está se movendo. Ela desce do carro, batendo a porta atrás dela. Eu jogo os binóculos no banco de trás, quase esquecendo que Ernie está ali. Pulo pra fora do Hummer, não querendo perdê-la de vista. Isso seria típico pra caralho, não seria? Recuperar a garota só para perdê-la devido a uma pura inaptidão da porra enquanto ela espera para pegar o ônibus.

O pai dela ainda está estacionado do lado de fora da estação e no celular quando eu deslizo pelo seu carro. Ele não me vê. Além disso, com o meu capuz levantado, minha face escondida nas sombras, eu sou o tipo de homem que o Dr. Romera propositalmente tentaria não fazer contato com os olhos. Eu corro pela estação, indo direto até o terminal 458. Paro e olho para esquerda, perscrutando a estação vazia por sinais de vida, por sinais de Sloane. Outra esquerda.

E eu caminho direito para um punho estendido.

— Zeth? *Mas que diabos?* — Sloane recua a sua mão, tremendo. Minha boca arde como uma cadela. Eu toco com a ponta dos dedos no meu lábio inferior e o sangue que eu encontro me surpreende. Ela me bateu na porra da cara. Ela me bateu e tirou sangue, caralho. Eu olho para ela, que instantaneamente se encolhe para trás.

— Desculpe, eu... Eu pensei que você fosse um dos caras de Lowell.

Caminho em direção a ela, conferindo para ver se não há ninguém ao redor. O lugar está deserto, o que é estranho a essa hora do

dia, mas altamente conveniente pra caralho. Sloane dá um cauteloso passo para trás, um olhar meio que em pânico no seu rosto. — Zeth, só se acalme. Isso foi um acidente, — ela sussurra.

Eu a agarro pela cintura e a levanto até que seus pés não tocam o chão. Ela congela por um segundo – não totalmente certa do que fazer – mas então torce o corpo para tentar se libertar do meu aperto. Eu invisto para frente com ela em meu braço, batendo as suas costas contra a placa de anúncios que mostra os horários de saídas dos ônibus, e batendo o meu corpo contra o dela. Logo depois vem a minha boca. Seguro o rosto dela com as duas mãos e pressiono meus lábios contra os dela. Eu não estou lutando contra a vontade de ser rude com ela nesse momento. Em vez disso, eu me faço ser rude. Isso é necessário – meu alívio ao vê-la sã e salva é o suficiente para me deixar tonto. E eu quero devorá-la de algum jeito doente, pressioná-la em mim para que nós não sejamos mais dois indivíduos, mas uma entidade única, viva e respirando, onde a ameaça da separação nunca será um problema novamente. A pele dela está quente debaixo das minhas mãos. Seu coração está martelando no peito, eu literalmente sinto o ritmo pulsante contra o meu próprio tórax. Ela exala afiadamente quando eu provoco seus lábios a se separarem; deslizo minha língua dentro da boca dela e provo o seu gosto. Ela responde, lentamente primeiro, e então algo estala. Suas mãos estão me arranhando, puxando o meu capuz e desajeitadamente abrindo o zíper do meu casaco. Eu quero que ela tire isso de mim. Eu quero que ela tire cada peça de roupa do meu corpo e eu quero remover as dela também. Eu quero fodê-la até que ela grite bem aqui e agora na estação de ônibus de Seattle.

Mas nós não podemos.

— Sloane? Sloane, espere. Nós temos que sair daqui. — Eu seguro o seu rosto entre as minhas mãos de novo – sua respiração é até mesmo mais rápida do que a minha, seus olhos completamente brilhantes. — Mas você deveria saber uma coisa, — eu sussurro, meus lábios roçando levemente contra os dela.

Parece que ela está drogada. — O quê?

— Você sabia que estava sendo seguida, e você se virou e defendeu a si mesma. Nada... *Nada* jamais foi tão sexy quanto isso.

Uma breve tentativa de sorriso passa pelas suas feições. — Estou feliz que impressionei você, — ela diz.

Eu não posso acreditar nessa mulher. Caralho, o que eu fiz para merecer alguém como ela? Para merecer o olhar que ela está me dando nesse momento? Esse é um mistério que eu nunca vou desvendar. — Sloane, me considere *sempre* impressionado. — eu a abaixo lentamente até que ela ponha os pés no chão. — Mas agora nós precisamos ir embora antes que Lowell apareça e me castre.

Ela me dá um olhar de soslaio enquanto eu a guio pelo caminho que eu vim, direto para o Hummer e Michael. — Que diabos você fez, Zeth? E quem é Ernie?

Eu quase quero sorrir. Foda-se. Eu me deixo ter esse. Eu sorrio amplamente. — Você, — eu digo a ela, — está prestes a descobrir.

* * * * *

— Você sequestrou o *cachorro* dela?

— Tecnicamente ele *cachorrestrou* ele, — Michael diz. Eu ponho Sloane no banco de trás com Ernie, tomando cuidado para que ela não sentasse na mancha molhada que ele criou mais cedo, e então subo no lado do passageiro. Sloane olha para o Schnauzer em dúvida. Ernie olha de volta para ela da mesma forma.

— Como diabos você descobriu onde ela vive, em primeiro lugar? — Sloane pergunta.

Michael liga o motor e nós saímos daqui. — Lowell está registrada na Califórnia atualmente. Eu tenho um cara que descobre coisas, no entanto. Ela está ficando em um hotel no centro. Ele hackeou os detalhes dela no sistema deles e nos disse que ela fez check in[8] com um animal.

Eu observo Ernie lamber as costas da mão de Sloane, sentindo um orgulho do caralho de mim mesmo. — E uma agente do DEA que não consegue ficar separada do seu cachorro enquanto viaja deve realmente amá-lo muito.

— Oh, meu Deus, não me admira que ela tenha ficado tão pálida. Ela vai te enforcar por isso, baby. — Sloane ri.

[8] Processo de dar entrada em um hotel, aeroporto, hoje em dia usado também em aplicativos onde vc marca que chegou em algum lugar.

Baby.

Eu queria bater nos idiotas apaixonados que usavam esse tipo de carinho uns com os outros antes. Mas quando Sloane diz isso... Eu realmente não sei o que pensar. Eu pego o sorriso divertido de Michael, coçando nos cantos da sua boca, e eu não tenho vontade de socá-lo nas bolas. Eu só levanto minhas sobrancelhas para ele com o meu próprio olhar de choque e diversão. O filho da puta sorri e então é como dia de Natal e mamãe e papai não estão brigando.

— Eu acho que é melhor nós darmos o fora daqui, — ele diz. As palavras saem da sua boca com um som arredondado, moldadas pela textura do seu sorriso.

Capítulo Cinco

SLOANE

Nós fazemos check in em um hotel, ou ao menos eu acho que é um hotel. O lugar é chamado de The Regency Rooms, embora não haja nenhum sinal do lado de fora do edifício de dezesseis andares. Não tenho nem ideia que tipo de classificação de estrelas esse lugar tem. O lobby tem metros infinitos de placas de mármore branco com sussurros de cinza. Não há sofás. Não há obras de arte genéricas. Nada a não ser o mármore branco e a mesa da recepção, que, como o resto do lobby, é a epítome da simplicidade. Um homem senta-se atrás da mesa, um terno cinza e uma parede de dentes brancos nos saudando com um sorriso prestativo.

— Tão bom vê-lo novamente. Sr. Hanson, — ele diz para Zeth. Meu estômago se aperta com o nome – *Hanson*. Eu conheço esse nome. É o nome que Eli me deu quando eu tive que me vender por informação. É o nome que eu dei para a recepcionista do Hotel Marriot quando eu estava fazendo check in no que parece uma eternidade agora. Zeth me dá um olhar cauteloso, e então dá um aceno curto para o cavalheiro impecavelmente arrumado que está deslizando um cartão-chave pelo balcão liso e frio em direção a nós. — Vocês ficarão conosco por quanto tempo? — ele pergunta.

— Cinco noites, — Zeth responde. Ele parece... Ele parece um pouco desconfortável.

— Oh, excelente. O senhor estará aqui para a nossa celebração de domingo à noite então. Gostaria de reservar uma cabine?

Michael tosse, embora a tosse pareça mais uma risada. O som alto ecoa pelo ambiente cavernoso como uma afiada explosão de aplausos. Zeth gira lentamente e lhe dá um olhar sujo. Eu não sou estúpida; eu posso ver que Michael está tentando disfarçar um sorriso enquanto cobre a boca com a mão fechada em um punho.

Zeth coça a mandíbula. — Não, não será necessário, obrigado.

Celebração? Reservar uma cabine? Com a reação menos que sutil de Michael à pergunta do recepcionista, eu de repente tenho uma

imagem muito vívida do que acontece no The Regency Rooms. Esse é o tipo de lugar que esconde segredos depravados e provocantes nos seus cantos escuros. Zeth pega o cartão-chave do balcão e pega nossas malas, mais roupas e artigos de higiene pessoal adquiridos por Michael, e então ele nos guia até um elevador pequeno e lustroso. Não há botão para chamá-lo, somente um painel preto preso à parede que Zeth toca com o cartão-chave. Um ícone de estrela branca aparece no painel preto, pulsando muito ligeiramente.

O lugar é super surreal pra caralho. Eu lanço um último olhar sobre o meu ombro quando a única porta sem emendas do elevador desliza aberta nos permitindo entrar, e pego o recepcionista nos observando. Ele me dá uma muito lenta e deliberada piscadela. Minhas bochechas ficam em chamas. Entro no elevador, incerta sobre mencionar a sugestão libertina do homem aos rapazes. Porque isso foi, definitivamente, uma sugestão. Uma garota sozinha indo para um quarto em um lugar como esse? Com *dois* homens? Eu me viro enquanto nós esperamos o elevador começar sua ascensão, Zeth de um lado meu e Michael do outro, e uma parte malvada de mim assume as rédeas. Eu faço contato visual com o recepcionista. E pisco de volta para ele.

A sua fachada profissional desmorona quando ele me dá um apreciativo sorriso. As portas fecham e então somos só nós três. Michael me acotovela nas costas e se inclina para frente, então sua boca está perto da minha orelha. — Você está se comportando mal, Dra. Sloane?

Não posso evitar. Eu rio. Zeth dá a Michael um olhar de advertência. — É melhor que você não esteja flertando com a minha garota, caralho. — ele levanta uma sobrancelha para o amigo e o seu comportamento é todo de briga, embora eu possa dizer que ele está apenas brincando.

Brincadeira e Zeth Mayfair. Eu nunca teria pensando que isso pudesse andar junto, mas eu aprendi meio tarde que o homem que eu chamo de meu na verdade é uma alma muito engraçada. Ele só esconde isso muito, muito bem. Michael endireita a sua gravata, dando uma olhada para o contador – *doze, treze, catorze* – e diz, — Eu? Eu nunca nem sonharia com isso.

O elevador para no décimo sexto andar – a cobertura, é claro – e nos encontramos no corredor vazio. Há somente duas portas aqui. A da esquerda está marcada com um A; a da direita, com um B. Michael morde um sorriso de novo e Zeth atira uma mochila nele. Eu não sei

como eu deixei isso passar antes, mas é uma mochila preta. Meu coração começa a correr no meu peito com a visão dela. Eu nunca pensei que admitiria nada desse tipo, mas eu senti saudade da mochila. Eu não tenho ideia de por que Zeth está jogando-a para Michael. Ou ao menos não até que Zeth rosna, — Não diga uma palavra da porra. Eu quero dizer isso.

Eu tenho um diploma em Medicina. Eu tenho um diploma em Ciência, também. Eu sou uma pessoa bastante inteligente. É óbvio que há algo muito interessante sobre estar aqui, nesse corredor, parados entre essas duas portas. Michael pega a mochila de Zeth e a empurra no peito dele. — Vou te ver em um par de horas, eu suponho. — ele não espera por uma resposta. Puxa o cartão-chave do seu próprio bolso e o desliza na fechadura da porta com o B. Ela se abre e ele desaparece lá dentro, deixando eu e Zeth com a porta A.

— Deixe-me adivinhar, — eu digo. — Esse é, normalmente, um momento *escolha a sua própria aventura*, hein? Escolha a porta da esquerda e consiga uma coisa, escolha a da direita para conseguir outra?

Zeth me atira um olhar surpreso. Eu estou amando o lento derretimento do gelo que está tomando lugar dentro dele. Ele é um idiota se achou que estava escondendo isso de mim. E o fato que ele tem deixado a si mesmo ficar mais e mais ao meu redor nos últimos dias significa que eu posso testemunhar um alcance de emoções inteiramente novo em seu rosto. Surpresa é uma das mais fofas. Ele parece meio inocente com aqueles grandes olhos castanhos crescendo abertos, embora as palavras que saiam da sua boca a seguir estejam muito longe disso.

— Você é esperta demais para o meu gosto, garota zangada. Agora que você sabe o nosso segredinho, você vai ter que ser punida.

Os dedos dos meus pés se curvam dentro dos meus sapatos. Ele está brincando de novo. Eu acho que ele está brincando. Ele abre a porta, coloca a mochila para dentro junto com as nossas duas outras malas, e então se vira para me encarar no corredor. Ele coloca seu capuz e começa a caminhar na minha direção. — Quando as pessoas vêm aqui, Sloane, uma delas sempre dá a outra uma opção.

Oh, merda.

Com seu rosto coberto de sombras naquele capuz...

Com o olhar predatório e escuro em seus olhos...

Com o jeito que ele anda em direção a mim como se estivesse faminto. Tão faminto...

Meu corpo vem à vida.

— Eles podem pegar a pessoa pela mão, — Zeth fala em voz grave, profunda. Ele pega a minha mão. — E eles podem pressionar essa pessoa contra a parede. — eu já estou caminhando para trás, minha respiração saindo e entrando nos meus pulmões em explosões curtas e pesadas. Minhas costas batem na parede e o poderoso corpo de Zeth se inclina contra o meu, me prendendo. — E eles podem chegar perto...

Ele está tão perto quanto ele pode. Sua boca está a menos de um centímetro da minha. Eu quero... Não, eu *preciso* que ele me beije. Eu preciso demais disso. Zeth lambe seus lábios, e esse não é um movimento provocador. Eu posso ver nos olhos dele, ele quer me beijar também.

— Porra, Zeth. — eu murmuro as palavras. Eu não tenho ar para falar mais alto. Zeth sorri um pouco. O jeito intenso que ele me estuda – seus olhos viajando dos meus próprios para a minha boca, para o meu pescoço e então tudo de novo – me dá a impressão de que ele está fascinado com o que está vendo. Se esse é o caso, então somos dois.

— E essa pessoa pode dizer à outra pessoa, — ele sussurra, — Escolha o seu veneno, garota zangada. — sua língua lambe o topo do meu lábio, me enviando um coro de vibrações formigando pelo meu corpo. Meus mamilos estão tão duros que eles começam a doer. Deus, isso é tão confuso. Eu tenho que tê-lo.

— Quais... Quais opções a pessoa teria? — Eu mal estou me controlando mais. Minhas mãos estão suando, desesperadas para agarrá-lo. Zeth me encara por um longo segundo, e então cuidadosamente abaixa sua boca, mal tocando seus lábios nos meus.

— Prazer, — ele sussurra. Há uma bola de calor se torcendo em um nó no meu estômago. O calor explode em um inferno, me queimando por dentro quando ele pega meu lábio entre seus dentes e puxa forte. A surpresa da sensação me faz suspirar. — Ou... *Dor*, — Zeth me diz.

Minha cabeça está girando. Pela necessidade nos olhos de Zeth, eu sei que isso não é um jogo. Não é um conversa hipotética. Eu devo escolher agora, e eu sei qual opção Zeth quer que eu faça. Pela primeira vez, não há uma sombra de dúvida na minha mente. Eu quero o que ele quer.

— Dor, Zeth. Eu quero a dor.

Zeth rosna baixo no fundo da sua garganta. Não há nenhuma maneira que ele vá se segurar. Adrenalina corre por mim quando ele bate seu corpo no meu, suas mãos indo para debaixo das minhas coxas e me erguendo do chão. Eu me enrolo ao redor dele – braços, pernas. Meu coração. Enrolo *meu coração* ao redor dele como se disso dependesse minha vida. Ele me beija, seus lábios encontrando os meus, e eu não preciso mais respirar. A boca dele na minha é tudo que eu preciso. Suas mãos segurando minhas coxas é tudo que eu preciso. Somente *ele*. Ele é tudo.

— Porra, Sloane, você me transforma de dentro pra fora, — ele murmura, sua língua me lambendo de novo, me provando. Eu não sei se a sua declaração é uma coisa boa ou ruim, mas pelo tamanho da sua ereção, estou supondo que é boa. Eu espero. Ele me carrega para dentro do quarto, batendo a porta atrás dele. Eu não registro um único elemento ao nosso redor. Aqueles olhos marrons procurando os meus, espiando profundamente dentro de mim, são as únicas coisas que eu vejo. Nós nos movemos da sala principal para outra, menor – um quarto – e Zeth me joga na cama. Nossas mãos freneticamente arranhando as roupas um do outro. Isso – nosso desespero para ver, sentir, provar, tocar o outro – é diferente de todas as outras vezes que estivemos juntos. Estamos vindo para isso como iguais, e pela primeira vez eu sinto que Zeth está tão fora de controle quanto eu.

Mas isso não dura muito, é claro. Ele se separa de mim, levanta e arranca seus jeans, os chutando para fora com um olhar escuro e sedutor no rosto. O homem dolorosamente bonito à minha frente, nu como no dia em que nasceu, pega meu tornozelo, levanta minha perna e beija o arco do meu pé. — Espere aqui, — ele me diz. E então ele desaparece pela porta.

Eu sei onde ele está indo. Eu sei com o que ele vai voltar. Meu sangue corre pelas minhas veias, me acendendo. Ele me deixa com o sutiã e calcinha, mas eu não quero removê-los eu mesma. Eu quero que ele os tire de mim, da mesma forma que ele tirou tudo mais: rudemente. Ele não demora o bastante para que eu regule minha respiração. Meu peito ainda está pesado quando Zeth reaparece na porta com sua mochila preta firmemente apertada em uma mão.

— Saia da cama. Fique de quatro, — ele comanda.

Eu o obedeço, meu corpo formigando com antecipação. Eu quero chupá-lo. Lambê-lo e mordê-lo e fazer cada centímetro dele meu. Zeth

coloca a mochila na beira da cama e mexe ali dentro, completamente alheio a quão perfeito ele é. Seu corpo é perfeitamente simétrico, músculos tensos e apertados juntos, ombros, pernas, nádegas, costas – cada partezinha dele habilmente unida. Como alguém que estudou anatomia humana por muitos anos, eu posso dizer seguramente que Zeth é o dono do mais perfeito corpo que eu já vi na vida.

Quando ele se vira para me encarar, seu pênis está rígido e ereto e ele está segurando um pedaço de tecido comprido em sua mão. — Feche seus olhos, — ele diz.

É quase insuportável não poder vê-lo, mas eu obedeço. Uma vez que meus olhos estão fechados, Zeth roça o objeto contra a minha bochecha e desce para o meu pescoço. Pelos meus seios inchados. O material é sensualmente áspero, o fio se pegando em minha pele. Eu começo a tremer quando Zeth esfrega isso gentilmente contra meus lábios. Eu abro a boca, quase implorando a ele para fazer o que eu acho que ele vai. Colocar o comprimento de seda crua entre meus lábios e me amordaçar. Mas ele não faz, no entanto. Em vez disso ele a prende ao redor dos meus olhos, apertado o bastante para que eu não veja absolutamente nada. Eu o sinto se movendo para longe de mim.

Quando ele volta, faz exatamente o que eu estava esperando que ele fizesse. Remove a minha roupa de baixo e não é muito gentil. Ele agarra as alças do meu sutiã primeiro e desliza algo gelado e duro contra minha pele. Algo afiado. As alças vão embora quando ele as corta uma de cada vez. Minha calcinha é a próxima. Ele puxa o tecido do meu quadril esquerdo e rasga, e então o lado direito, arrancando a peça do meu corpo.

— Dor é uma coisa estranha, Sloane, — ele diz suavemente. — As pessoas têm uma ideia totalmente errada sobre isso. Desde o nascimento, crianças são mimadas e entram em pânico quando se machucam, então crescem acreditando que é uma coisa ruim. Assim que as terminações nervosas começam a enviar mensagens para o cérebro, os receptores de medo vêm à vida. Eles completamente piram. O que eles ensinam a vocês na faculdade de medicina sobre a dor?

— É uma técnica de sobrevivência, — eu sussurro.

Zeth se aproxima – eu posso senti-lo parado diante de mim. Tudo que eu preciso fazer é me estender e alcançá-lo, mas eu sei que não devo. Não é esse o meu papel. — Certo, — Zeth diz. — Mas não significa que nós deveríamos ter medo disso. Nós deveríamos abraçar isso. Saborear. Conhecer os limites da nossa dor, e entender o que nós

podemos tolerar. — algo duro pressiona contra minha bochecha, e minhas mãos pressionam o carpete, os dedos automaticamente se curvando. — Eu sei o que você consegue tolerar, Sloane. Eu já te disse antes, e você já confiou em mim. Você confia em mim agora?

— Sim. Eu confio em você.

Meus lábios formigam quando ele me beija, então. Um beijo suave e leve que provoca uma piscina de calor na boca do meu estômago. — Obrigado, Sloane, — ele sussurra. — Eu vou te machucar agora, mas eu prometo que você vai gostar disso.

Uma promessa de Zeth significa algo. Se ele promete que eu vou gostar disso, eu não tenho absolutamente nenhuma preocupação quanto a isso, mas isso não impede a ondulação nervosa que cresce em mim. Posso ouvi-lo se movendo ao meu redor, como se estivesse me observando de todos os ângulos, tentando decidir por onde começar. Ele não me deixa esperando muito.

Algo pontiagudo se arrasta pela curva da minha espinha, começando pela base do meu pescoço e viajando lentamente para baixo, até alcançar a curva da minha bunda. Eu não tenho nem ideia do que seja. Não é gelado, então provavelmente não é de metal. Não é afiado, então não é uma faca.

— Você usa graduação de dor no hospital, não é? — Zeth sussurra, sua voz grossa com luxúria.

— Sim.

— Diga-me como isso funciona.

— Nós... Nós pedimos ao paciente para nos dizer quanta dor ele está sentindo em... Uma escala de um a dez.

— E isso ajuda vocês? — Zeth traça seja lá o que ele tem na mão pelos meus ombros, e eu sinto mais dessa coisa contra mim. Algo longo e fino, sólido e quase quente.

— Sim, isso... Nos ajuda a graduar quanto alívio para dor eles precisam. Nos diz a gravidade do problema.

A pressão do brinquedo de Zeth desaparece. — Nós vamos usar o seu sistema hoje, Sloane. Quando eu te perguntar, você me dá um número.

— Ok. — por alguma razão, eu me sinto um pouco tranquilizada com isso. Provavelmente não deveria, mas me sinto.

Estou relaxando com a situação quando um ferrão brilhante de dor morde a carne das minhas nádegas. É a surpresa que me pega mais que a dor. Eu grito, quase saltando da minha posição.

— Fique firme, garota zangada, — Zeth me diz. — Agora. De um a dez. O que é isso? Realmente pense.

Eu levo um segundo para fazer isso. — Três, — eu digo. — Isso é um três. — eu não posso mais sentir a queimação, então não posso dar um número maior. Zeth saberá que eu estou mentindo para fazê-lo pegar mais leve comigo, e eu tenho a sensação que isso terá o efeito totalmente oposto.

— Boa garota, Sloane. Isso foi um três. — eu mal ouso respirar enquanto ele caminha ao meu redor. Eu pulo quando a vara – só pode ser uma vara – faz contato com o meu peito. Zeth passa o comprimento de madeira debaixo de mim, através dos meus seios, fazendo meus mamilos latejarem. — Você é perfeita pra caralho. Bonita pra caralho, — ele me diz. — Respire, Sloane. Você tem que se lembrar de respirar.

Eu inalo, puxando uma lufada de oxigênio para dentro dos meus pulmões, e é quando o segundo golpe me atinge. Na minha bunda novamente; dessa vez é mais forte. Mais intenso. — *Caralho!*

Zeth ri baixinho. Eu posso imaginar o seu olhar – a diversão dançando ali enquanto ele me observa me contorcendo. — Que boca suja você tem, garota zangada. Que número você dá pra esse?

— Seis, — eu digo ofegante, fazendo o meu melhor para continuar imóvel. Eu quero passar meus dedos na área macia onde ele me bateu com a vara – parece que um vergão está se formando ali, que seria raivoso e vermelho se eu pudesse vê-lo no espelho.

— Não, não, esse foi somente um cinco. Tome uma respiração profunda. Encha seus pulmões, relaxe seu corpo, e então me diga novamente. Que número você dá para esse?

Eu tomo uma respiração profunda. Relaxo meu corpo. E ele está certo. — Certo. Cinco.

Zeth me beija, pressionando seus lábios contra o meu ombro. Ele está parado atrás de mim, mas não por muito tempo. Ele se move até estar na minha frente. Eu estou quase pronta para isso dessa vez quando ele toca a ponta da vara na minha pele. Em vez de usá-la para

infligir dor, ele arrasta a ponta pelo meu estômago e abaixo, até que ela fique entre minhas pernas. O comprimento duro e inflexível da madeira desliza pela minha buceta, entre as dobras de carne, me sondando, procurando meu lugar doce. Não demora muito para encontrá-lo. Assim como com a faca, há algo apavorante sobre um objeto que pode me causar grande dor também ser usado para me trazer prazer. Todo o meu corpo vibra quando Zeth desliza a ponta da vara uma e outra vez dentro e fora da minha buceta, às vezes aplicando pressão, mas principalmente me provocando tanto com isso que eu mal consigo impedir meus braços e pernas de tremerem. Eu gemo, tentando não balançar meus quadris em direção à vara.

Eu posso sentir quando Zeth descobre que eu já tive prazer suficiente. Segundos depois eu percebo que isso está vindo, e a vara faz um som quando corta o ar. Uma ferroada de dor explode na minha cabeça quando a madeira se conecta com a parte de trás das minhas coxas, logo abaixo da curva da bochecha da minha bunda.

— *Ahhh! Merrr...* — eu engulo um palavrão implorando para ser gritado bem alto, enterrando meus dedos no carpete.

— E esse? — Zeth sussurra em meu ouvido. Sua respiração na pele do meu pescoço envia uma onda de calor que me arrepia.

Quero dizer sete. Eu quero muito dizer sete, mas eu não digo. — Seis, — eu arquejo.

Zeth faz um som gutural – o som da sua aprovação. Ele corre as pontas dos dedos pela minha bochecha, desce para o meu pescoço, meu ombro e pelas minhas costas enquanto caminha ao meu redor. — Abra bem as suas pernas para mim, Sloane.

Eu estremeço quando separo bastante os meus joelhos, fazendo como ele disse. Não posso lutar contra a poderosa necessidade de me empurrar contra ele quando Zeth mergulha em seus joelhos e pressiona a si mesmo entre as minhas pernas. Ele está tão duro. Tão duro, empurrando seu pênis para frente e esfregando contra meu clitóris. Ele se curva sobre mim e começa a beijar minhas costas, uma vértebra de cada vez.

— Oh, Deus. Porra. — eu quero que ele deslize dentro de mim. Quero senti-lo dentro de mim tão fundo quanto possível, me enchendo, me esticando, me possuindo, mas em vez disso Zeth se afasta e usa a vara de novo. Um sete. Dessa vez é um sete.

— Ahhh! Zeth! *Filho da puttttttt...* — está ficando mais difícil sufocar o palavrão. Sinto-me sem fôlego. Como se eu tivesse caído de bunda e isso tivesse levado até o último resquício de oxigênio para fora de mim.

— Oito? Ou sete? — Zeth pergunta. Eu posso ouvir a torção trabalhosa na você dele, como se ele mesmo estivesse com dificuldade para respirar.

— Sete. Você está gostando disso, não está? — eu meio que rio, meu corpo ainda tremendo.

— Oh, bom Deus, garota. Você não tem ideia do quanto. — ele se inclina para frente e então seu pênis está pressionando urgentemente contra a minha buceta de novo, mas agora ele enrola seu braço em volta do meu corpo, alcançando meu clitóris. — Você não está gostando, Sloane? Porque eu sinto que você poderia estar.

Ele está certo. Isso pode ser totalmente fora da minha zona de conforto, mas a antecipação da dor, seguida pela dor real, está me deixando louca. E a queimação... A queimação é bonita pra caralho. Cada vez que a vara bate na minha pele eu praticamente me divido em duas tentando escapar, e tentando me inclinar para isso ao mesmo tempo.

— Eu... Eu...

— Diga, Sloane. — ele se inclina para trás e a vara vem de novo – fogos de artifício detonam através do meu corpo. Onda após onda de dor surgindo e pulando por mim, aumentando minha frequência cardíaca. Minha garganta aperta.

— *Sloane*. Diga.

— Sim. Eu gosto. Eu... Eu gosto disso.

A vara vem de novo. Dessa vez eu não consigo me impedir de gritar. — O que foi esse, Sloane? — Zeth pergunta, sibilando através dos dentes.

— Oito! Esse foi um oito!

Ouço o som de algo sendo jogado do outro lado do quarto e então Zeth está se batendo dentro de mim, seu pau martelando fundo, duro e rápido.

— Caralho, Sloane. A sua bunda está tão vermelha. Eu quero te espancar.

— Por favor. *Por favor.* — isso é tudo que eu consigo dizer. Eu quero que ele me espanque. Eu quero sentir a dor latejante, picante e ardente que corre por mim enquanto ele se lança dentro de mim, uma e outra vez.

— Merda. — Zeth usa a sua palma em mim. Um alto *crack* enche o quarto quando a sua mão se conecta, a dor menos afiada do que com a vara, mas o suficiente para me fazer gritar.

Cada músculo do meu corpo se aperta e canta com a sensação de Zeth me fodendo. Ele me fode tão duro que eu literalmente sinto meu orgasmo se construindo a cada investida, a tensão me batendo como um soco na barriga. De novo, e de novo, e de novo, e então...

— Eu não posso... Oh, pppppporra. Zeth, eu não posso...

Zeth cobre o meu corpo com o seu ainda estocando em mim. Ele contorna meu corpo, alcança um mamilo, e o belisca duro. Ao mesmo tempo eu sinto seus dentes mordendo meu ombro, enviando uma parede de energia crua batendo através de mim.

Eu grito. Grito tão violentamente quando eu gozo que minha garganta parece que foi despedaçada. Eu não grito o nome dele ou peço a ele que pare. É só um som estilhaçado – a mais pura libertação.

Zeth ruge quando ele goza também. Até agora ele esteve segurando seu peso corporal, mas quando ele fica mole devido ao clímax, seus braços e pernas cedem. O resultado é um imediato esmagar de ossos. Nós dois vamos para o chão, ele sobre mim.

— Porra. Desculpe, — ele se desculpa, engolindo ar. Ele se move levemente, arrastando a si mesmo para o lado. Claramente custa energia que ele não tem se esticar para tirar a venda dos meus olhos. Nós estamos cara a cara, então, olhando um para o outro, narizes separados por poucos centímetros. Suas bochechas estão levemente vermelhas do esforço, seus lábios separados. Ele parece tão estranhamente angelical – cabelo escuro despenteado para todos os lados – que é quase difícil de acreditar que ele é o pequeno depravado que acabou de esfolar minha bunda cruamente. Eu começo a rir primeiro. Zeth se junta a mim um segundo depois. Ele me beija rudemente, fingindo rosnar.

— Oh meu Deus, mulher. Você não deveria explodir em risadas depois de algo como isso, — ele me diz, com uma falsa expressão severa. — Então é isso. Você está em apuros agora.

Capítulo Seis

ZETH

Subimos na cama e Sloane desmaia sem dizer uma palavra. Mas eu não. Eu fico ali olhando para o teto, lutando contra o desejo de fechar meus olhos. Estou cansado pra caralho, mas não posso me deixar dormir. Simplesmente não posso. Recentemente, tenho sonhado com a minha mãe, a praia e o calçadão – mas não há garantias de que eu não vá sonhar o outro sonho essa noite. Não há garantias de que eu não vou surtar e tentar estrangular a minha garota até a morte se eu acordar e ela estiver deitada ao meu lado. Não posso correr esse risco. Permaneço deitado mais um tempo, curtindo o ritmo lento da respiração dela no escuro, sua mão descansando levemente sobre o meu estômago, sua cabeça apoiada no meu ombro, cabelo escuro derramando-se atrás dela nos travesseiros espalhados, e eu sei que tenho que ir.

O problema é que eu realmente quero ficar pra caralho.

Ela mal se mexe quando eu deslizo de debaixo dela. Na cozinha, faço café para mim com uma saudável dose de tequila em vez de leite. Eu me sinto uma merda. Nunca quis dormir na mesma cama que uma mulher antes. Isso, essa necessidade de segurá-la contra mim toda a noite, é um choque brutal no sistema de protegê-la. Pior, porque é de mim que ela precisa ser protegida. É assim que a nossa vida vai ser? A gente transar e então eu me esquivar dela todas as noites, tendo que rastejar para fora de uma cama quente para poder me trancar longe? Isso não me cai bem. Nada bem mesmo.

Termino o café e faço outro, dessa vez sem a tequila. Assim que a cafeína chuta lá dentro, coloco qualquer roupa e vou até o quarto de Michael. Ele abre a porta na terceira batida. A sua aparição instantânea me surpreende.

— Opa. Indo a algum lugar? — parece que ele vai. Com o seu terno preto e camiseta de um branco puro, é isso ou ele já está pronto para o funeral da Duquesa. Michael me presenteia com um dos seus raros amplos sorrisos.

— Ah, só estava planejando ir ver um amigo.

Ele está indo trepar com alguém. Eu todo o tempo que eu conheço Michael, ele nunca me ofereceu qualquer informação sobre mulheres – ele tem mantido os lábios tão apertados que eu frequentemente imaginei se ele não jogava no outro time – mas eu sei que ele sai para ter alguma diversão de vez em quando. Eu não acho que confiaria nele se ele não fizesse isso.

— Certo. Ok, bem... — eu não sou o tipo de homem que fica entre um cara e a sua parceira de foda. Eu começo a me afastar da porta.

— Você está bem? Precisa de algo? — Michael pergunta. — Tudo estará arrumado para amanhã.

— Sim, não. Tudo está bem. Eu só... — eu sou a pessoa mais esquisita na face da Terra. Eu tento virar e voltar para dentro do quarto marcado com um A na porta, mas uma mão para sobre o meu ombro, me fazendo parar no meio do caminho.

— Você está preocupado? De compartilhar o quarto? Com Sloane? — Michael pergunta.

Alguns meses atrás, eu teria rido dele por fazer essa sugestão. Alguns meses atrás, eu provavelmente teria dado um soco em seu braço forte o suficiente para deixar um hematoma e dito a ele para parar de ser tão fodidamente ridículo. Mas agora... Eu viro e encaro meu amigo, lutando pelas palavras certas. — Eu não estou... Eu não... — tomo uma respiração profunda. — Não é sobre o quarto. Estou preocupado de compartilhar uma *cama* com ela.

Michael não ri, que é a única coisa que lhe salva de levar um soco na cara. Ele faz uma careta, assentindo para mim. — Então, você está preocupado com a coisa de dormir? Porque você *quer* compartilhar uma cama com ela?

Deus, por que é tão difícil admitir isso para outra pessoa? — Sim.

Michael continua acenando, seus olhos sérios enquanto ele pensa sobre isso. — Bem, — ele me diz, — parece ser muito injusto que você deva ter que se preocupar com isso por toda sua vida. Não é? — Talvez Michael tenha previsto o mesmo futuro que eu acabei de prever para mim e Sloane, deitado naquele quarto escuro, odiando a mim mesmo. — Acho que a pergunta que você deveria fazer a si mesmo, chefe, é... Você acha que vale a pena encarar esse problema particular por ela? Ela é para sempre? Porque você só pode manter um desses elementos

na sua vida para sempre – a garota ou o monstro que importuna seus sonhos. A escolha é sua.

A franqueza da sua resposta me deixa um pouco nervoso – nós não falamos sobre esse tipo de coisa – mas eu estou em uma encruzilhada aqui. E o que ele está dizendo, na verdade, faz sentido. Tudo bem em ser um homem sobre as coisas e mostrar ao mundo um exterior duro, mas às vezes ser um homem significa admitir que você precisa de uma ajudinha. E... E eu acho que cheguei nesse ponto. Só pensar nisso me deixa inquieto, mas a garota... Sloane vale a pena. Ela tem que valer. — Michael, eu preciso de uma carona.

Ele não questiona isso. Ele não diz uma palavra. Ele dá um passo para fora do quarto e fecha a porta atrás dele, endireitando sua gravata. Eu já sei a resposta para a pergunta, mas uma vez que nós estamos tendo a nossa própria versão de uma DR, eu tenho que dizer que estou interessado no que Michael pensa sobre a questão que ele jogou em mim agora pouco. — Só para saber... — Michael aperta o botão para chamar o elevador. Nós esperamos em silêncio por um momento, e então eu tomo coragem e falo o resto da pergunta. — Você acha que ela é para sempre?

Michael olha para frente, esperando a porta do elevador abrir. — Ah, eu sabia que você era o pra sempre dela assim que eu vi o jeito que ela olhava para você, Zee. — ele desliza suas mãos dentro dos bolsos, limpa a garganta. E então ele se vira, me olha direto nos olhos e diz, — Eu estou realmente feliz que você tenha descoberto que ela é o *seu*, cara. Porque você merece isso. E ela também.

* * * * *

É quase meia-noite quando Michael me leva até o outro lado da cidade até uma entrada de um parque muito familiar. Eu não lhe dei as direções; ele só sabia onde eu queria ir. Bem, não é que eu realmente *quisesse*. Eu definitivamente não *quero* estar aqui. Mas porra... A mulher é a única opção que tenho disponível para mim a essa hora da noite, sem ter marcado hora.

— Tem certeza que ela é segura, cara? — eu pergunto enquanto desço do cinco portas genérico que Michael conseguiu no “lugar de ficar”, como ele o chama. Ele sabe a que *ela* eu estou me referindo perfeitamente bem.

— Claro. Vejo você mais tarde.

— Certo. — eu bato a porta fechada e bato com a palma no teto do carro, e Michael arranca pela rua. Ele me deixa parado em frente ao prédio que eu honestamente pensei que nunca colocaria um pé de novo. O prédio de Pippa Newan é do tipo com um guarda noturno e porteiro – algo inteligente para uma médica que trata de criminosos agressivos todos os dias. Contudo, se você interfona e diz que está visitando um amigo, não há muito que se possa fazer para mantê-lo do lado de fora. Eu uso o truque da Garota Escoteira; pressiono o primeiro botão e arrasto meu dedo pelos trinta ou mais botões iluminados no painel do interfone. Leva somente um momento para que a porta dê um zumbido e se abra.

O guarda e o porteiro nem mesmo me questionam quando eu vou direto para o elevador. Já vi muitas vezes que se você exala confiança e parece saber onde está indo, você não vai ser incomodado. Eu acho que nesse caso particular, também ajuda que eu pareça bater os pesos corporais deles combinados. Meu interior está sussurrando enquanto eu vou de elevador até o andar de Newan. Eu não sei se isso é excitação ou pavor me circulando, mas seja o que for, sinto que vou vomitar. Ridículo pra caralho.

Quando chego à porta de Newan, faço uma pausa. Isso é uma ideia? Da última vez que Sloane veio aqui, a vadia chamou o DEA. Eu admito, ela não acreditava que nada de ruim fosse acontecer com a amiga dela; ela fez isso porque queria que Sloane me largasse. Há um pequeno receio de que ela faça a ligação novamente. Então não, suponho que essa é uma ideia realmente terrível pra caralho, mas eu tenho que arriscar. Sloane vale a pena. Sinto que há muita coisa em jogo nisso. Fecho minha mão em um punho e dou um murro forte contra a sólida porta de madeira.

Eu espero.

Nada.

Talvez ela não esteja em casa. Eu alcanço meu bolso à procura das minhas ferramentas – nada diz *surpresa!* como um criminoso condenado esperando por você no escuro – quando há uma suave raspagem do outro lado. Há um olho mágico na porta, mas eu não o cubro. Dou um passo traz e então a boa doutora consegue dar uma boa olhada em quem está à sua porta.

— O que *diabos* você quer? — Newan estala através da porta.

Dou de ombros. — Sua ajuda. — eu coloco isso o mais claramente possível. — Você ofereceu seus serviços pouco tempo atrás. Estou esperando que a oferta ainda esteja de pé.

Há uma longa pausa enquanto Newan pensa nisso. Ela ri. — Você me sequestrou e me algemou em um banheiro.

— Você traiu sua amiga. Você mereceu isso.

Mais silêncio. — O que te faz pensar que eu arriscaria deixar você entrar nesse apartamento? Comigo sozinha? Como eu vou saber se você não está aqui para me matar?

— Se eu estivesse aqui para te matar, eu não teria batido, caralho. Se você não quer me deixar entrar, Dra. Newan, então nós podemos falar pela porta. Eu estou bem com isso.

Uma distinta quietude se desenvolve. Do tipo que me faz pensar que Newan escapuliu para longe da porta – talvez para pegar o telefone? Talvez Lowell vá estar aqui antes do que eu esperava. — O que você acha, Newan? — eu pergunto.

Estou surpreso quando ela me responde imediatamente, mais alto que antes. Ela não foi a lugar nenhum. — Diga-me por quê. Diga-se por que você quer fazer isso agora.

— Porque eu não quero machucá-la. Porque eu quero fazê-la feliz. — essas sãs as duas mais verdadeiras declarações que já passaram pelos meus lábios. Nada jamais significou tanto. Há uma pausa, e então um gentil *click* quando a tranca é destravada. A porta se abre alguns centímetros, revelando uma Pippa Newan desconfiada. Ela está de pijama, seu cabelo em um coque bagunçado no topo da cabeça. Por todo o tempo que ela gasta se deixando tão polida e imaculada, ela é muito mais atraente assim. Na verdade eu posso ver porque um cara poderia lhe dar uma conferida. Talvez.

— Vá para lá, — ela me diz.

Dou um passo para trás longe da porta, me inclinando contra a parede oposta. Mostro a ela minhas mãos – sem armas. Ela abre a porta um pouco mais e se inclina contra o batente. — Você nunca vai conseguir fazer isso funcionar, Zeth, — ela me informa.

— E por que isso?

— Porque você é supercontrolador e participar de terapia significa entregar o controle para outra pessoa. Ou ao menos conceder que

alguém possa estar melhor equipado para lidar com a situação do que você.

Eu não tinha pensado sobre isso antes, mas eu suponho que ela esteja certa. Talvez seja por isso que eu tenha ficado ofendido pra caralho quando ela tentou me subornar no seu consultório quando voltei para a vida de Sloane. — Eu posso admitir que você está qualificada para me ajudar. Não é o bastante?

Ela estreita seus olhos para mim. Cruza os braços sobre o peito. — Talvez. Espere aqui. — ela anda para trás sem tirar o foco de mim até desaparecer nas sombras do seu apartamento não iluminado. Eu faço como ela diz e não movo um músculo. Quando ela retorna, não consigo manter o sorriso no rosto. Ela tem um Taser[9]. Ela o levanta, então posso vê-lo claramente. — Se nós vamos fazer isso, eu vou ter isso comigo todas as vezes. Você entende que eu vou disparar em você e chamar a polícia sem pensar duas vezes, certo?

— Sim. Eu entendo.

— Certo, então. Você pode entrar.

Para ser honesto, estou um pouco surpreso que ela tenha concordado com isso. Se eu estivesse na sua posição, provavelmente não teria nem mesmo aberto a porta. Ela entra nas sombras de novo, e eu a sigo para dentro do apartamento, meus movimentos lentos pra caralho, considerados pra caralho. Eu nunca fui atingido por um Taser antes, mas eu posso imaginar que não é nada divertido. Newan bate em um interruptor em algum lugar, e o seu mundinho frio e estéril vem à vida sob uma série de lâmpadas halógenas. Ela inclina a cabeça em direção a um enorme sofá parado bem em frente de uma vasta parede de vidro. Não há sinal de televisão. É como se a vista deslumbrante da cidade distante, visível pela janela que vai do chão ao teto, tivesse anulado a necessidade desse tipo de coisa. Eu caminho pelo apartamento, minha boca doendo pelo esforço de manter-me sorrindo enquanto Newan aponta o Taser bem para o meu peito. Tiro a minha jaqueta, principalmente para que ela possa ver que eu só estou usando uma camiseta e não estou carregando nada sob o couro, e então me atiro para trás no sofá.

Newan desliza por mim e se empoleira na borda de uma poltrona artística que parece incrivelmente desconfortável. Se essa cadeira fosse

[9] Uma arma de eletrochoque é uma arma de baixa letalidade que se usa de uma descarga elétrica de alta tensão para imobilizar momentaneamente uma pessoa.

uma pessoa, poderia ser uma supermodelo – muito magra e muito pretensiosa. — Então sobre o que você quer falar? — Newan pergunta.

— Não é você que deveria me dizer?

Ela rola os olhos. Eu aposto que essa mulher foi uma criança mimada no ensino médio. — Zeth, é meia-noite. Isso não é uma sessão típica, ok? Vamos cortar a enrolação.

— Tudo bem. — eu fixo meus olhos nela, imaginando como ela vai levar isso. Eu nunca disse a ninguém sobre a escuridão que me atormenta. Nenhuma alma viva na face da Terra. Eu já imaginei a reação dos outros por vezes demais, no entanto. Nojo. Horror. Pena. Pena é o pior. — Eu tenho pesadelos, — eu digo a ela. — E eu sou geralmente violento quando acordo deles.

— E o que acontece nesses pesadelos? — ela pergunta. A mudança nela é sutil, mas eu posso ver isso à distância – ela de repente se transforma na médica, embora em uma médica muito desconfiada e cautelosa, ao invés de uma mulher guardando rancor. O jeito que ela pergunta sobre os meus pesadelos é tão superficial, tão clínico, que é quase fácil dizer a ela. Quase.

— Eu estou dormindo na minha cama, — eu conto a ela. — Eu sou jovem. Eu não sei qual minha idade.

— Antes ou depois dos seus pais morrerem? — Newan interrompe. Não há aproximação sutil com essa daí. Ela só vem com tudo.

— Depois, — eu digo.

— Você sabe onde está?

— Sim.

Ela me dá um olhar.

— No meu quarto. Na minha cama na casa de Charlie.

— Certo. E o que acontece enquanto você está na cama na casa de Charlie?

— Eu acordo e há um travesseiro sobre o meu rosto. Eu não consigo respirar.

Newan acena, passando o Taser de uma mão para a outra. Ela não deveria estar anotando essa merda ou algo assim? — E o que você faz? — ela pergunta.

— Eu surto completamente. Eu chuto e me arrasto e luto pela minha liberdade. Eu caio da cama e abraço a parede. Eu vejo... Eu *o* vejo, então.

— Ele?

— Ele diz que ele sou eu, minha sombra, mas eu sei que não pode ser. Esse homem é um adulto e cheira a uísque, e eu sou pequeno. Eu sou realmente pequeno.

— Então você fala com ele?

— Ele fala comigo.

— Ele diz mais alguma coisa?

— Ele diz que vai me matar.

— E como você reage a isso?

Atiro nela um olhar de pouco interesse. — *Mal.*

— Eu só estou tentando conseguir uma percepção de quem é essa sua versão, Zeth. Às vezes nosso subconsciente incorpora nossos medos mais secretos, nos fazendo fracos nos sonhos, nos tirando nosso poder e nós nos sentimos incapazes de nos proteger ou defender. Isso geralmente está relacionado a uma sensação de insegurança da qual podemos nem sequer sermos conscientes no dia-a-dia. E dada a vida que você vive, eu não estaria surpresa se for isso o que está acontecendo com isso.

— Não é isso o que está acontecendo comigo, — eu digo a ela.

— Ah, não? Porque você é invencível, não é? Porque você é o grande e mau Zeth Mayfair e você não se preocupa com merda nenhuma?

Eu rio com isso. Ela está fazendo um relativamente bom trabalho em esconder, mas eu sinto vontade de apontar isso – *Hey, Doc. O seu desprezo está aparecendo.* — Não. Eu não sou invencível. E eu me preocupo com as coisas. Mais e mais a cada dia da porra, ao que parece. Eu digo que isso não é o que está acontecendo comigo porque realmente não é. Meu subconsciente não fode com o que aconteceu dentro da minha cabeça quando eu durmo. É mais como se fosse uma

gravação de vídeo estragada. A mesma cena fica se repetindo uma e outra vez. *Ela repete o que aconteceu de verdade.*

Demora um segundo para ela processar. — Então isso é real? *Foi* real?

— Foi.

Ela me dá um olhar cauteloso que eu assumo que ela reserve para todas as vítimas de abuso. — E o homem, ele... Ele tentou te matar mesmo?

Eu aceno. Parece como se as minhas memórias estivessem tentando se fazer conhecidas – tentando se fazer desagradavelmente conhecidas. Eu não deveria compartilhar esse pedaço escuro de merda de mim com ninguém. Eu deveria escondê-lo e deixá-lo apodrecer dentro de mim. Deixar que isso apodreça de dentro pra fora. Sou atingido pelo cheio rançoso de álcool quando penso no que vou compartilhar com a mulher sentada do outro lado da sala. Sou atingido pelo cheiro azedo do odor corporal e o gosto do meu próprio medo adolescente na boca. — Ele vem até mim toda vez. Ele vem com seus punhos. A pele dele é escorregadia pelo suor, nua...

— E ele abusa de você sexualmente?

Eu disse a Sloane que eu nunca fui abusado sexualmente, e essa é a verdade. Mas também é verdade que eu provavelmente teria sido se não tivesse lutado tão duro. — Ele estava... Ele *sempre* estava duro. Eu podia sentir o pênis dele contra mim enquanto nós lutávamos. Mas eu nunca o deixei chegar perto o bastante para fazer alguma coisa.

— Ele nunca te tocou?

Fecho meus olhos. — Não. — eu nunca fui tocado porque eu mordi, chutei, arranhei, eu lutei com cada grama de força que eu tinha. Lutei com o abandono de uma pessoa que preferiria morrer a submeter-se a essa humilhação. Tão jovem quanto eu era, isso foi o suficiente. Mas não impediu os espancamentos.

— Quantas vezes isso aconteceu?

— Eu não sei. Toda noite. Toda noite por anos.

— Mas quando você sonha, é sempre a primeira vez que isso aconteceu que você revive, correto?

— Sim. — eu já sei por que: a primeira vez foi a pior. Da primeira vez que isso aconteceu, eu era mais novo do que todas as outras vezes nas mãos do monstro que invadia meu quarto todas as noites. E depois, eu esperava por isso. Eu sabia que isso viria, e eu estava esperando. Eu estava acostumado com espancamentos, mesmo naquela idade, dada a propensão do meu tio para abuso de álcool e punhos rápidos. Mas sim, a primeira noite foi diferente. Na primeira noite, no escuro, quando a figura nua e sombria disse que ia me matar, eu ouvi a intenção na sua voz e sabia que ela falava serio. Eu sabia que ia ter que lutar pela minha vida.

— Esses sentimentos não são para que você sofra, Zeth, — Newan diz. — Essa é a sua mente implorando ajuda. O seu subconsciente suplicando, exigindo que você lide com o trauma que viveu quando criança, porque uma parte de você ainda está lutando com a figura escura dentro da sua cabeça. Mesmo que você seja um adulto fisicamente forte agora, a cada noite você ainda é afetado pelo que aconteceu porque você nunca sentiu que *parou* de lutar pela sua vida.

As palavras de Newan arrebentam uma corda em algum lugar profundo bem dentro do meu centro. Essa ideia, no entanto – a ideia de que eu ainda sou um pequeno magricelo fodido, lutando a mesma luta maldita, depois de todo esse tempo – é o bastante para me deixar doente. — Então, o que você está dizendo? Eu preciso crescer e encarar essa coisa de frente? O que há para encarar? Eu nunca soube quem era o cara. Havia pelo menos vinte ou trinta homens em torno da casa de Charlie à noite. Poderia ser qualquer um deles.

Newan balança a cabeça. — Você sabe exatamente quem ele era. Quando estiver pronto, você vai conseguir perceber isso por si próprio. Nesse meio tempo, sim, eu suponho que o seu breve resumo esteja correto. Você precisa crescer. E isso significa continuar a terapia. Esse não é um conserto simples, Zeth. Você é fodido pra caralho.

Eu rio. — Esse é o seu diagnóstico oficial?

— Eu não precisava falar com você para saber que você era fodido. Mas sim.

— Então eu tenho uma vida toda de terapia pela frente? Uma vida toda de revisar e falar sobre meus sentimentos? E então talvez eu não tente matar qualquer um que aconteça de estar no mesmo quarto que eu enquanto estou dormindo? — eu digo qualquer um, mas é bastante claro a quem estou me referindo – *Sloane.* Newan inclina sua cabeça para um lado, me dando um olhar curioso.

— Você realmente se importa com ela, hein? Eu sabia que você se importava, mas isso... Isso é totalmente contra o arquétipo de comportamento. Eu nunca pensei que você seria capaz de vir até aqui.

— Porra, não fique tão impressionada, Newan. Eu ainda sou eu.

Ela dá de ombros. Eu noto com alguma diversão que o Taser, em algum ponto dos últimos minutos, foi abandonado no braço da poltrona. — Ok, então, — ela diz. — Respondendo à sua pergunta, sim. Você tem muito trabalho pela frente. Mas eu posso te ajudar. — ela franze as sobrancelhas, como se oferecer sua assistência lhe causasse dor física. — Dizer que eu estou em conflito sobre isso seria o eufemismo do século, mas se você está disposto a fazer esse sacrifício por Sloane, então eu sou a última pessoa que vai te falar para não ir em frente. Podemos nos ver duas vezes por semana. Deixe as coisas rolarem. Nesse meio tempo, se os seus impulsos violentos te preocupam, eu posso dar alguma medicação para ajudar com isso.

— Pílulas para dormir?

— Antipsicóticos.

Eu me levanto. Estou no meio do caminho em direção à porta antes que Newan perceba que ela fodeu as coisas. — Eu não quero dizer que você é um psicopata, Zeth. Eu só quis dizer que os antipsicóticos têm mostrado uma ajuda significante quando...

— Cale a boca. — eu me viro, direcionando a força total da minha raiva para ela. — Eu não vou tomar nenhuma pílula do caralho, Newan. Nada. Nem pílulas para dormir. Nenhum antipsicótico fodido. *Nada.*

— Ok. — Ela levanta suas mãos – o Taser está mais uma vez firmemente apertado em sua mão direita. — Esqueça a medicação. Eu ainda vou te ajudar.

— E por que diabos você faria isso? — eu rosno.

Ela parece infeliz quando abaixa as mãos. — Porque... Apesar do que você pode pensar, eu amo minha amiga, Zeth. E eu sei que ferrei as coisas, mas tudo que eu sempre quis é que ela estivesse segura. Se eu te ajudar, se eu tiver certeza de que você está saudável e lidando com a sua bagagem, então eu tenho certeza que você jamais a machucaria.

Tenho vontade de vomitar naqueles azulejos elegantes do caralho. Como nenhuma outra pessoa, essa mulher tem a habilidade de me fazer sentir uma pilha de merda. — Ok, certo. Eu vou me encontrar com

você, Newan. Mas eu juro por Deus, se você tentar qualquer coisa com os policiais...

— Eu não vou. Prometo. Mas você tem que *tentar*. — Eu a olho ameaçadoramente, lutando com a vontade de lhe perguntar que porra ela acha que eu estou fazendo bem agora. — Só vir aqui não vai resolver isso, Zeth, — ela diz como se estivesse lendo a minha mente. — Você não pode continuar me chamando de Newan. Você usa meu sobrenome como uma arma contra mim – algo que você fazia com os outros presos na cadeia? Você os via como inimigos. Pessoas para manter no comprimento do braço. E faz a mesma coisa comigo. Se você me vê como sua inimiga, nós nunca seremos capazes de trabalharmos juntos para chegar onde você claramente quer estar.

Uma parte de mim quer fugir agora mesmo. Eu quero sair por essa porta, batê-la e nunca olhar pra trás. Eu não posso ver o que ela está falando – nós dois trabalhando juntos para me consertar. Um time. Mas então eu me lembro da pressão da cabeça de Sloane contra o meu peito, o peso sólido e tranquilizador, e eu sei que irei fazer o que for preciso. Eu quero lhe dar o que ela quer. O sexo é extremamente bom, mas eu a conheço. Ela deseja um nível de intimidade comigo que eu estou aterrorizado de dar a ela agora, porque as consequências são muito horríveis. E mais do que isso, nunca pensei que veria esse dia, mas *eu* quero esse nível de intimidade também.

— Tudo bem. Eu vou tentar.

— Bom. Eu fico feliz. Realmente fico. Mas... Você sabe que isso vai ser difícil, certo?

Abro a porta, parando na entrada. — Nada na minha vida tem sido fácil, *Pippa*. Eu estaria realmente surpreso pra caralho se o universo decidisse me dar uma folga agora.

Capítulo Sete

SLOANE

Eu acordei com o cheiro de ovos. O outro lado da cama está lamentavelmente vazio. Meu coração afunda um pouco, o que é estúpido, eu sei, mas às vezes uma garota gosta de ser surpreendida. No bom sentindo, não pelo cano de uma arma ou algo igualmente terrível. Enquanto estou pensando nisso, um pequeno grito quebra o silêncio do quarto e meu coração pula na garganta. Sento-me para encontrar um par de aquecidos olhos castanhos olhando para mim. Ernie, o Schnauzer, está estirado aos meus pés no fim da cama. Ele faz um som descontente – *oww!* – e lambe os beiços, claramente desgostoso por ter sido perturbado por mim em seu sono, e então descansa a cabeça sobre suas patas.

— Oh. Você, — eu digo a ele. Ele me dá um olhar com o canto do olho, seus longos bigodes cinzentos se contorcendo quando ele me dá um calmo *uffff*, que eu estou assumindo que seja um meio latido. Ele continua a resmungar quando eu puxo meu pé de debaixo dele e saio da cama. Meu corpo está dolorido de um jeito que me faz sorrir secretamente para mim mesma. Zeth-dolorida. Eu sou uma fã de estar Zeth-dolorida.

Eu não vi muito do nosso quarto ontem à noite. Enfio meu nariz nos quartos enquanto faço meu caminho em direção cheio dos ovos sendo preparados – um, dois, três quartos, que se parecem com um escritório, o que é meio estranho, e um que eu só posso descrever como um bar. Uma piscina em miniatura está no centro do último quarto à direita do corredor antes de chegar à cozinha, talvez somente uns 9m² de área total, mas eu posso dizer pelo matiz escuro da água que a coisa é profunda.

— Bom dia, — uma voz diz atrás de mim. Michael. Eu viro e ali está ele em um primoroso terno preto, completado por camisa e gravata pretas.

— Bom dia, — eu respondo. — Por que você está vestido como se fosse a um funeral?

Ele levanta uma sobrancelha para mim. — Porque nós vamos a um funeral. Zeth não te disse?

— Não.

— A Duquesa. — Michael me dá um aceno discreto. — Charlie postou um obituário no The Seattle Times. Ele vai estar lá, o que significa...

— Que Lacey provavelmente também vai estar.

Novamente, outro aceno. — Eu tenho um vestido pronto para você. Ele está pendurado na cozinha.

De fato, quando eu chego à cozinha, um saco de roupa branco está enganchado na maçaneta de uma das portas dos armários aéreos, e Zeth Mayfair está de pé no fogão, mexendo em um panela do que só podem ser ovos. Ele olha sobre o seu ombro, me vê e para o que está fazendo. Não posso evitar, mas noto que ele parece cansado. — Aquele merdinha te acordou? — ele pergunta para mim.

— Quem? Michael?

— Não. Ernie. — ele aponta atrás de mim – para o Schnauzer amarrotado parado logo atrás de mim. O seu pelo está todo enrolado e espetado para cima. Bed head[10] canino.

— Eu o acordei, na verdade, — digo a Zeth. — ele não ficou muito feliz com isso.

Zeth geme, mascarando um pequeno sorriso. — Ele claramente não está dando a mínima por estar longe de Lowell. O pobre bastardo provavelmente nunca vai se esquecer de nós quando o devolvermos.

Ernie inclina a cabeça para um lado, suas estranhas e pequenas sobrancelhas de Schnauzer parecem se puxar juntas em uma careta cômica.

— Eu acho que você pode estar certo.

Zeth volta para a sua tarefa meio esquecida e pega a panela, servindo colheradas de ovos mexidos sobre fatias de torrada já com manteiga. Três pratos para nós três. Ele alcança um para Michael, um para mim e desliza talheres pelo balcão em nossa direção.

---

[10] *Bed head* é uma expressão que se usa em referência àquele cabelo amarrotado e bagunçado que temos ao acordar, antes de escová-lo.

Eu tenho que dizer que estou um pouco chocada quando como um pouco da comida e ela realmente tem gosto de ovos mexidos. Se tivesse algum gosto, eu esperava que fosse de algo fracamente cancerígeno – um pouco queimado, ou pelo menos com sal demais. Como se pode ver meu homem pode cozinhar, ao menos, coisas simples. Michael comprimenta Zeth com o seu garfo e leva seu café da manhã para comê-lo em outro lugar.

— Você não me disse sobre o funeral, — eu digo entre mastigadas. Zeth se inclina sobre o balcão, o volume da sua considerável estrutura de repente muito dentro do meu espaço pessoal.

— Eu estava um pouco contente demais ao ver que você ainda estava viva.

— Você estava, não é?

Ele acena. — Além disso... — uma careta estranha se forma no seu rosto, — toda essa coisa com Lace...

— Eu sei. Ela pode não querer vir conosco.

Aço frio e afiado pisca nos olhos de Zeth. — Eu não planejo dar a ela uma escolha.

Honestamente, pegar Lacey de volta pode ser o melhor. Removê-la dessa situação por completo. Mas tudo que imagino nesse momento é o confronto no funeral e um punhado de pessoas muito escandalizadas tentando expressar seu luto, e eu não vejo isso terminando bem. Eu não posso imaginar nada produtivo para dizer, então mantenho minha boca fechada. Zeth sai para localizar Michael, dizendo alguma coisa sobre um plano de ação.

Uma vez que termino meu café da manhã, encontro os dois acariciando Ernie na sala. Eles não me veem por um momento, e eu os observo esfregando suas mãos através do pelo do cão, coçando a sua barriga e fazendo um alvoroço com ele, o que me faz sorrir. Nenhum desses homens teria me parecido pessoas de cachorro, e ainda assim a evidência está bem aqui na minha frente. Eles amam esse cão esquisito.

Zeth me vê primeiro. Ele se levanta, limpando as mãos nos jeans. Ele clareia a garganta, apontando para Ernie. — Nós só estávamos verificando ele para... Vermes no intestino.

— Certo. Como ele está?

— Tudo bem.

Eu mal consigo manter uma cara séria. — Isso é tranquilizador. Eu vou me arrumar agora. Parece que nós temos um longo dia pela frente.

* * * * *

A Igreja Católica St. Finnegan é um edifício alto com torres pontiagudas e aparência antiga nos arredores do Hunt's Point[11]. Quando nós chegamos os sinos estão tocando, o que significa que o caixão da Duquesa já foi levado para dentro. Michael estaciona o carro na rua em frente à igreja – há muito espaço disponível – e ele, Zeth e eu nos encaminhamos para lá. O vestido que Michael comprou para mim é respeitoso ainda que seja justo no meu corpo ao mesmo tempo, talvez mostrando curvas demais considerando a situação. Não é como se eu já tivesse conhecido a Duquesa, no entanto. E apesar da natureza estressante da nossa razão para estar aqui essa manhã, as mãos de Zeth estrategicamente roçam minhas curvas quando ele me ajuda a sair do carro, um lembrete gentil e incendiário do nosso joguinho com a vara. Nós fazemos nosso caminho até a entrada da igreja, e eu faço o meu melhor para não apreciar o seu toque um pouco demais.

O interior da St. Finnegan é igual ao de qualquer igreja católica. Muitos bancos de madeira escura, vitrais coloridos nas janelas, filigrana dourado e uma representação de 3 metros de altura de Cristo na cruz na extremidade do prédio, atrás do altar. O cheiro me atinge como uma explosão do passado. Livros empoeirados, madeira, cera, incenso, camisas formais – essas são as essências da minha infância.

Não há muitas pessoas sentadas nos bancos. Acho que isso explica o amplo espaço para estacionar lá fora. As duas fileiras da frente estão tomadas, talvez cerca de 20 costas nos encarando quando entramos no recinto. Meus saltos modestos enviam um eco de passos em direção ao teto alto e abobadado enquanto nós tentamos nos esgueirar sem sermos notados. Ninguém se vira para ver quem são os retardatários. O padre à frente da congregação interrompe suas palavras e nos dá um sorriso apertado e incomodado enquanto Zeth me direciona para um dos bancos vazios à esquerda, na metade do comprimento da igreja. Ele continua uma vez que estamos sentados.

[11] Uma cidade na região metropolitana de Seattle.

Nenhum de nós presta atenção na missa. De nós três talvez eu seja a menos sutil quando ergo meu pescoço, procurando por um flash de cachos loiros familiares. Não vejo Lacey em lugar nenhum. O joelho de Zeth começa a balançar para cima e para baixo – ele também não consegue vê-la.

— Foda-se, — ele diz baixinho. Blasfemando na igreja? Mesmo que a minha fé esteja ausente há algum tempo, ainda sinto minhas bochechas ficando vermelhas. — Ela não está aqui. — ele se inclina para sussurrar na orelha de Michael. Ele, por sua vez, faz sua própria varredura através da coleção insignificante de pessoas sentadas na frente da igreja. Ele balança a cabeça. Zeth aparenta como se seu sangue tivesse começado a ferver em suas veias.

— *Charlie* fodido não está aqui. Nem os seus rapazes. Nem unzinho deles, — ele sibila. Isso não faz sentido algum.

— Mas Michael disse que Charlie postou um obituário? Por que ele não viria?

Zeth contrai sua mandíbula, estalando suas articulações uma por uma. — Porque ele sabia que nós viríamos.

Alguém se vira e nos manda fazer silêncio, segurando o dedo indicador contra os lábios – uma senhora com cabelo amarelo xixi preso em um penteado popular nos anos sessenta. Zeth desliza sua mão sob o meu braço e gentilmente me levanta. Michael não precisa de nenhum encorajamento. Ele se levanta e nós três saímos pelo caminho em que entramos. Menos de um minuto. Nós estivemos no funeral por menos de um minuto, e parece que a coisa toda foi uma grande perda de tempo. Assim que as portas da igreja se fecham atrás de nós, Zeth belisca a ponte do seu nariz e blasfema. Alto, dessa vez.

— Qual a porra do jogo dele? Eu vou matá-lo. Eu vou matá-lo, caralho.

— Nós não deveríamos ficar parados aqui fora, — Michael diz. — Ele poderia ter homens para nos pegar um por um, ou algo assim.

Os olhos afiados de Zeth inspecionam da esquerda para direita, como se estivesse procurando por atiradores escondidos. — Você está certo. — ele segura a minha mão. — Vamos lá. Vamos dar o fora daqui.

Meu pulso está acelerado quando chegamos no carro. Paranoia tem estado me chutando por dentro há algum tempo. Não há carros suspeitos em marcha lenta no meio-fio. Nenhum espertinho de terno se

escondendo atrás das lápides no frondoso pátio da igreja. Mas eu não posso evitar... Eu sinto como se algo ruim estivesse para acontecer. Michael tem as chaves do carro prontas. Ele está prestes a abrir a porta quando Zeth segura o seu braço. — Espere. Espere um segundo.

Boom, boom, boom – meu coração está batendo como um tambor. Zeth olha para o carro, sobrancelhas franzidas juntas. Michael faz a mesma coisa. — O que é, chefe? Você viu alguma coisa?

Zeth balança a cabeça. — Eu não sei. Verifique os arcos da roda.

Michael fica de joelhos e começa a verificar a parte de baixo do carro enquanto Zeth força o capô aberto. É Michael quem encontra o dispositivo. — Porra, Zee. — é tudo que ele diz. É tudo que ele tem tempo de dizer. Ele pula de pé e então Zeth está me agarrando ao redor da cintura e correndo. Eu perco meus sapatos. Meu tórax e o ombro ainda ferido são pegos pela dor. Zeth grita alguma coisa, mas eu não escuto o que ele diz. Meu pulso igual a uma britadeira se sobressai sobre tudo. E então isso vem.

Estranhamente, não é o som da explosão que se gruda na minha memória; é o som do vidro estilhaçando. Os lindos vitrais das janelas da igreja de St. Finnegan se espalhando quando a bomba que estava escondida no arco da roda do nosso carro detona.

Céu.

Concreto.

Céu.

Concreto.

Céu...

Eu vejo o concreto chegando para mim. Eu sinto a leveza no meu estômago. Sinto as múltiplas forças, como mãos me agarrando, puxando e empurrando em oito direções diferentes. Sinto o oxigênio sendo sugado para fora dos meus pulmões.

E então eu não sinto nada.

Capítulo Oito

ZETH

— Você está pronto, bebê? Oh meu Deus, Paul. Veja. Veja.

Um assobio estridente está perfurando meu tímpano. Não tenho nenhuma ideia de quando eu já me senti tão mal. Minha cabeça... Minha cabeça está me *matando*. Parece que meu cérebro está literalmente revoltado com o resto do meu corpo, tentando me causar tanta dor que eu simplesmente morra. Porra. Há um monte de pensamentos envolvidos na tentativa de me mover a uma posição sentada. Meus ombros, cotovelos, pulsos – cada junta em meu corpo – parece que foram deslocados e forçados de volta no lugar.

Eu posso sentir cheio de açúcar. Algo doce.

— Eu não acredito nisso, — a voz da mulher sussurra. É um sussurro suave, as palavras sentidas profundamente, mas o volume está alto. Alto de partir as orelhas. Eu não tenho ideia de que merda está acontecendo. Arrisco abrir um olho, então o outro, e a dor na minha cabeça aumenta. Estou olhando para um brilhante retângulo de luz branca. Formas escuras se movem dentro da luz.

— Ele nem sequer percebeu. Olhe, — a voz feminina sussurra de novo. Eu semicerro os olhos, tentando clarear minha visão, e as coisas começam a tomar uma forma adequada. Estou olhando para um tela de cinema. E na tela...

— Ele é um menino grande. Eu não tinha ideia que ele iria crescer tão rápido.

— Sim, ele vai ser alto como o seu pai.

Minha mãe. E meu pai. Bem, o homem que eu me recordava como sendo meu pai, antes que Charlie arruinasse a porra da minha vida e anunciasse que *ele* é o meu pai de verdade. Os braços do meu pai estão ao redor da cintura da minha mãe por trás, seu queixo descansando no ombro dela, e os dois estão olhando enquanto um pequeno bebê rechonchudo mantém seus braços com covinhas acima da sua cabeça e dá passos cambaleantes por um longo caminho.

— Ele tem os seus olhos, Paul, — outra voz diz de algum lugar ao fundo. — Tão escuros. Ele vai aterrorizar as moças com esses olhos. — Minha mãe vira para a câmera – ela sabe que está sendo filmada – e coloca a língua para fora para pessoa que está filmando. — Oh, cale a boca, Dee. Eu não aguento ouvir isso. ele nunca vai crescer. Ele vai ser pra sempre o meu garotinho.

Dee, seja lá quem for, ri. — Você vai ser a mais superprotetora das mães, não vai? Seu filho não vai trazer uma mulher para casa até que ele já esteja casado com ela, com medo que você vá odiá-la à primeira vista.

Ao fundo, o bebê se desequilibra e cai para trás, na própria bunda. Há talos de grama empreendedores empurrando seu caminho para fora do concreto rachado onde ele está sentado agora, as lâminas verdes apontando para o céu. O bebê pega um punhado com a sua mão gordinha e tenta arrancá-lo da terra.

— Não, Zeth. Isso não é para comer, garotinho. — minha mãe se libera do abraço do meu pai e levanta o bebê – eu – do chão. Ela então volta e me apresenta para a câmera, como se eu fosse um troféu que ela não consegue parar de mostrar para o mundo. Mesmo então meus olhos eram mais escuros que os seus castanhos chocolate. Eu estendo as mãos sujas e enlameadas e tento batê-las contra a lente da câmera.

— Não, bebê. Essa é a nova câmera da Duquesa. Você não pode quebrar isso. Psico-Charlie vai ficar furioso.

— Hey, por favor, não o chame assim. E não me chame de Duquesa, também. Eu odeio isso.

Minha mãe vira seus enormes olhos abertos para a câmera, olhando diretamente para a lente.

— Charles Holsan, você é um idiota arrogante que vem tratando a minha melhor amiga como merda. Agora coloque um anel no dedo dela e um bebê na sua barriga, ou a deixe em paz. — Ela ri, sua expressão séria se desintegrando em um grande sorriso que ilumina todo seu rosto. Ela se parece com Lacey. Linda.

— Ele está muito longe de ser ruim como todo mundo pensa. Você deveria conhecê-lo um pouco melhor. Ele realmente gosta de vocês dois.

— Ele não gosta de mim. Ele me odeia, — meu pai diz. — Eu não consigo fazer nada certo na opinião do homem.

— Ele só nunca teve um contador antes, Paul. Não se preocupe. É o seu seco humor inglês. Demora um pouco para se acostumar. Tudo bem, eu tenho que ir. Você, — a mulher, Duquesa, diz para minha mãe, suas unhas bem feitas de repente visíveis na tela quando ela aponta, — Precisa se lembrar de mostrar ao seu marido algum amor. Ele vai começar a achar que você está escolhendo um favorito.

Minha mãe sorri para Paul sobre o seu ombro, me abraçando apertado no seu peito. — Awww, baby. Você sabe que eu te amo, certo? — ela dá um sorriso malvado. — Mas eu amo Zeth mais. Ele veio de mim e você. Ele é a perfeição. Eu nunca vou amar nada nesse mundo como eu amo esse menininho.

Meu coração parece que dá cambalhotas no peito. Meus olhos estão queimando. Eu tento me manobrar em uma posição mais vertical, mas meu corpo está dolorido pra caralho. Eu preciso levantar. Eu preciso encontrar Sloane e Michael. Eu cerro meus dentes, usando uma combinação de um pouco de força superior no corpo e ímpeto para me erguer.

Uma voz vem da escuridão, quase em cima de mim. Eu quase cago nas calças. — Esse sempre foi a porra do problema dela, sabe? Ela sempre amou você mais do que qualquer pessoa ou coisa.

Charlie Holsan está sentado à minha direita, confortavelmente largado em um assento estofado. Ele vira e me dá uma olhada clínica, mais uma vez. — Você não está parecendo tão quente, meu garoto. Dor de cabeça?

— Foda-se, cuzão.

— Rá! Eu amo isso pra caralho. Você sempre teve uma boca fodida. — Charlie volta a olhar para a tela, como se eu não existisse. Eu levo um momento para olhar ao redor. Sem guarda-costas. Sem Sloane. Sem Michael. Sem Lacey. Ninguém. Só eu e ele em um cinema vazio. Esse é um lugar velho, tradicional. O tipo de local com cortinas brocadas que se abrem separadas no início da apresentação, revelando um novo e fantástico mundo no qual você está prestes a mergulhar. Não há apoiadores de copos ou qualquer coisa reclinável nos assentos. Pelas cornijas[12] elaboradamente presas no teto e o grande arco sobre a tela, esse lugar foi definitivamente construído nos anos 20.

[12] São enfeites de gesso que decoram tetos e, eventualmente, paredes (onde elas se encontram com o teto).

Luto para ficar de joelhos e então me atiro de costas na cadeira à minha esquerda. — Onde estão os outros, Charlie? Onde diabos está Sloane? Que porra você fez?

Charlie levanta uma mão, apontando um dedo no ar. O vídeo meu com a minha mãe começa outra vez. Sua risada. *Você está pronto, bebê? Oh meu Deus, Paul. Veja. Veja.* Eu cambaleando nos meus primeiros passos por um caminho irregular.

— Eu amei a sua mãe desde o primeiro momento em que pus os olhos nela. Você sabia disso? — Charlie diz, ignorando as minhas questões.

Quero cortar fora a língua desse filho da puta por sequer falar sobre ela. Eu não vou entrar nessa com ele. Eu vou encontrar meus amigos e depois acabar com a vida desse bastardo miserável. — Onde. Eles. Estão. Porra?

Charlie olha para mim novamente, um sorriso pequeno e divertido em seu rosto. — Eles estão vendo outro filme, eu receio. Eles não estavam muito interessados nessa sessão. Especialmente a sua irmã. Ela tem tido uns dias difíceis.

— Porque você a convenceu de que a Duquesa era a sua mãe, quando ela não era, seu fodido. E agora a mulher está morta.

— E agora a mulher está morta, — Charlie concorda, lentamente acenando com a cabeça. Ele bate o dedo indicador contra o queixo, aparentemente meditando sobre algo. — Realmente é uma merda fodida da minha parte ter feito isso, eu suponho. Mas se a vida é alguma coisa, ela é um círculo. A Duquesa queria demais filhos. Ela não os podia ter, no entanto. E a sua mãe roubou Lacey de mim antes que eu sequer tivesse a chance de dar uma olhada nela. Então eu achei que fosse sensato tirar Lacey dela no fim. Dá-la para a Duquesa.

— A Duquesa está morta. Minha mãe está morta. Você não pode buscar vingança contra os mortos, Charlie. E certo pra caralho que você não pode mascarar as suas falhas como um ser humano dando uma filha falsa para uma mulher morta, também.

— Oh, mas aí que você se engana, Zeth, meu garoto. Eu acredito piamente em vida após a morte, e eu acredito piamente que a sua mãe está olhando para os seus filhos. Então ela definitivamente pode se machucar comigo fodendo as crenças de Lacey. E ela pode definitivamente se machucar porque o seu precioso garotinho sabe que ela era uma prostituta fodida. Eu tirei tudo dela. Eu fiz isso para que

nenhum deles pudesse trabalhar. Nenhuma pessoa que seus pais conheciam os ajudou com medo do que aconteceria se eu descobrisse, você vê. Eu fiz isso para que só houvesse uma opção restante para ela, e tive certeza pra caralho que isso arruinasse o casamento da sua mãe. — ele sorri. — Exatamente como eu queria. Isso foi antes de eu saber que ela estava grávida da minha criança, mas ainda assim. Tudo está bem quando acaba bem, certo?

Eu não tenho ideia de que tipo de forma eu tenho agora – estou assumindo que seja ruim, uma vez que eu fui jogado tão longe com a explosão – mas isso não importa. Se eu morrer tentando, eu vou fazer esse homem pagar pelas coisas que ele fez. As coisas que ele disse. Mas primeiro, e preciso saber a verdade.

— Você não é meu pai, né?

Charlie me dá um olhar frio. Ele alcança o bolso do peito do seu paletó, pega um frasco pequeno e prateado e desenrosca a tampa. Eu sei o que tem dentro. Ele vira um fino pó branco nas costas da mão, levanta para o seu nariz e inala afiadamente. — Eu fiz a minha primeira carreira de coca no dia em que a Duquesa chegou em casa e me disse que a sua melhor amiga estava grávida. Eu fiquei furioso pra caralho. Essa foi a primeira vez que eu dei um tapa naquela vaca idiota também. Um dia de muitas primeiras vezes. — ele sorri para mim, como se estivesse me contando uma piada engraçada. As drogas fazem isso com ele. Ele age como se estivesse feliz, como se o zumbindo fosse o suficiente para levantá-lo, quando tudo que está fazendo é deixá-lo mais irritado. Mais amargo. Mais agressivo. Mais perverso.

— A Duquesa veio saltitando até o quarto, toda feliz com as boas notícias, balbuciando sobre como Celia e Paul iam ter um bebê. Celia e Paul. Celia e Paul. Celia e Paul filho da puta. Ele não estava errado, sabe. Eu realmente odiava aquele fodido. — Charlie faz outra carreira. Dessa vez ele nem finge sorrir.

— Essa também foi a primeira vez que eu já tive ciúmes de outro homem. Eu tinha mais dinheiro que qualquer um que eu conhecia. Uma casa grande pra caralho. Eu tinha tudo que pensei que eu precisasse, mas então veio a puta da sua mãe com todo aquele cabelo loiro cacheado e aquele sorriso que parecia acender o mundo, e eu a queria. E eu não poderia tê-la por causa de Paul. Porque ela não me queria. E então você chegou e eu vi como você a fez feliz pra caralho, e eu odiei você. Você deveria ser o meu filho. Mas não era. Você foi a cola que os deixou mais fortes. — Ele aponta um dedo acusador para a tela,

onde minha mãe está me pegando do chão, retirando pedaços de grama das minhas mãos gordinhas.

Isto me bate com o peso de uma bola de 10 kg no peito. Ele não é meu pai. Charlie realmente não é meu pai. Um suor frio brota na minha pele, meu estômago girando; o alívio é grande demais. Melhor que meu pai seja um homem morto que eu mal consigo me lembrar do que esse pedaço de problemas. — Então você mentiu sobre Lacey, também?

Charlie me olha penetrantemente com o canto do olho, batendo com o frasco prateado contra a sua perna. — Oh, não, filho. Lacey é minha. Eu a pus na sua mãe uma noite. Eu enviei seu pai, o fresco do Paul, para fora da cidade por mim. Ele precisava recolher algum dinheiro, eu lhe disse. Então assim que ele foi, eu fui fazer uma visita para a sua mãe. Ela sempre foi um pouco desconfiada comigo. Eu esperei anos por isso, no entanto. Anos. E eu estava pronto esperando ela ficar impressionada com a merda que eu levei para ela ou com o dinheiro que eu tentei lhe dar. Eu a fiz me deixar entrar. E então eu a fiz se comportar enquanto eu conseguia o que eu queria.

Foda-se a dor no meu corpo. Eu pulo do meu assento, me lançando para o homem. Meu punho rejeita a dor quando eu o dirijo para o rosto de Charlie uma, duas vezes, e então de repente eu estou sendo arrastado para longe dele. Eu chicoteio; eu chuto; eu berro. Eu não consigo me libertar. O'Shannessey e Sammy estão me segurando pelos ombros – eles devem ter estado espreitando no escuro o tempo todo. Charlie se endireita no assento, e então cospe sangue no chão. Ele limpa seu lábio com o lenço de bolso que O'Shannessey, sempre o fodido puxa-saco, lança para ele.

— Isso foi muito rude, — Charlie me diz. — Para ser honesto, no entanto, eu posso ver porque você está chateado sobre o fato de eu ter me forçado para dentro da sua mãe. Mas você deveria saber, apesar de quão ferozmente ela lutou comigo, eu pude ver em seus olhos que ela gostou. Ela sempre foi o tipo de mulher que fingia ser boa, quando por dentro ela estava implorando por isso. Se eu a tivesse conhecido antes que ela casasse com Paul, ela teria sido minha. Eu não duvidei disso nem por um momento.

— Você está sonhando, porra. — eu dou outro puxão para tentar me soltar, mas parece que estou mais fraco do que eu pensei. O'Shannessey e Sammy conseguem manter o aperto sobre mim, embora eu não faça isso fácil para eles.

— Falando em sonhos... — Charlie diz. — Como você tem dormido esses dias, Zeth? — algo doente e assustador, de repente, percorre a boca do meu estômago. — Depois que veio viver comigo, você nunca parecia conseguir ter uma boa noite de sono.

Porra. Não. Eu não quero pensar nisso agora. Eu não quero pensar *nele*. — É melhor você me matar agora ou calar a porra da boca, Charlie, do contrário eu vou cortar a sua garganta.

Ele ri. — Você costumava dizer isso quando eu ia até você, também. Você se lembra? *Foda-se, imbecil,* — ele diz, imitando a voz alta e fraca de uma criança. — *Você não vai me matar. Você não vai me tocar. Eu vou te matar antes. Eu vou cortar a porra da sua garganta.*

Eu não quero me lembrar dessas palavras. Elas não aparecem nos meus pesadelos, mas elas são verdadeiras, porra. Eu as disse. Eu disse essas palavras quando estava tentando me defender... *Dele.* Isso faz sentido, é claro. Um profundo e óbvio tipo de sentido que eu deveria ter notado há muito tempo. A coisa é que eu sabia. Eu já sabia o tempo todo, mesmo naquela época, mas não podia admitir para mim mesmo. Quando Charlie veio por mim e me levou embora da casa do meu tio em Las Flores, eu pensei que aquele homem forte e poderoso tinha vindo para me salvar. Ele me tratava como um filho. Eu não queria acreditar que era ele que ia ao meu quarto todas as noites, tentando me estuprar. Me matar.

Quando isso começou a acontecer, eu resolvi comigo mesmo que o homem no escuro não queria realmente me machucar. Se ele queria tanto transar comigo, ele teria que gostar muito de mim, certo? Eu era muito jovem para perceber que estupro e assassinato andam de mãos dadas. Eu pensava que estuprar alguém era um ato de amor torturado em vez de vê-lo pelo que realmente é – degradação. Humilhação. Um ato de ódio tão cruel e perverso que mesmo criminosos na prisão espancam estupradores até a morte.

— Não diga mais nenhuma maldita palavra, — eu estalo.

Charlie levanta uma sobrancelha para mim. O vídeo da minha mãe parou de passar. Ele levanta sua mão, gesticulando para quem quer que esteja na sala de projeção para recomeçar do início. — Por que você não quer que eu fale sobre isso? — ele me pergunta. — Isso quer dizer que você não quer que eu fale sobre eu matar o seu melhor amigo e depois deixar você apodrecer na cadeia pelo seu assassinato? Significa que você não quer que eu fale sobre como eu tentei jogar a sua

namorada para fora da estrada? Isso quer dizer que você não quer que eu fale como eu joguei a sua mãe para fora da estrada?

— *O quê?* — na noite em que Charlie matou Murphy, ele havia feito insinuações sujas sobre a Duquesa. Com o temperamento de merda de Charlie, eu sempre pensei que essa era a razão pela qual ele enfiou uma faca no seu pescoço e abriu a sua garganta. Mas isso... Isso mal é registrado com a sua última confissão. O policial que reportou a morte dos meus pais disse que meu pai tinha uma obstrução na artéria que explodiu enquanto dirigia. Que eles bateram com o carro direto em um semáforo. Mas Charlie... Charlie?

— Ah, vamos lá. Não pareça tão surpreso. A vadia da sua mãe fugiu com a minha criança. Eu não poderia deixá-la escapar disso. Eu não perdoo, Zeth. *E com certeza pra caralho, eu não esqueço.*

Capítulo Nove

SLOANE

— Sloane. Sloane, acorda. — alguém está me sacudindo. Com força. É possivelmente o pior sentimento do mundo. Eu não sinto que deveria acordar ainda. Eu provavelmente não deveria acordar por um bom tempo. — Sloane, você precisa levantar. Agora!

A urgência na voz da pessoa penetra na neblina rondando minha cabeça. Tudo vem como uma enchente de volta para mim – a igreja, o caixão, a bomba. O azul celeste do céu sem nuvens girando junto com o tom de cinza industrial da rua abaixo de mim. A dor, o calor e o pânico. Eu abro os olhos e Lacey está sobre mim, me olhando, preocupação tomando seu rosto.

— Oh, graças a Deus. Você está viva. — suas mãos estão tremendo quando ela afaga meu torso, seus dedos gentilmente puxando e tentando juntar os pedaços do meu vestido retalhado. Eu olho para o meu corpo para descobrir que eu estou uma bagunça. Uma bagunça fodida do caralho.

— Que diabos está acontecendo? — eu coaxo.

— Charlie tentou matar vocês. Mas não deu certo, — Lacey explica. Eu tento sentar e não consigo. Lacey engancha um dos meus braços sobre o seu ombro e me coloca em uma posição sentada. A sala gira um pouco, mas então diminui e para completamente. Michael está deitado no chão a alguns metros de distância. Ele parece estar em uma posição de recuperação.

— Merda! Ele está bem? — eu me arrasto para frente de quatro, pegando seu colarinho desajeitadamente, tentando desabotoar sua camisa para poder verificar seu pulso. E está lá, firme e forte, embora um pouco lento.

— A cabeça dele estava sangrando quando eles o trouxeram para cá, — Lacey diz. — Parou há algum tempo, no entanto. Eu não sabia o que fazer.

Ela está certa – a cabeça de Michael está ferida, logo abaixo da sua têmpora direita. O sangue já está coagulado ali, formando o começo de uma cicatriz. Eu forço suas pálpebras aberta e tento ver se as pupilas respondem, embora na escuridão do quarto seja difícil de dizer. Eu acho que sim. Seu corpo provavelmente está apenas tentando se curar sozinho, mas ele ainda precisa de cuidados médicos. A primeira coisa que eu faço é uma varredura pela sala, não por um kit médico ou por uma saída, mas pela única pessoa que pode fazer isso ok. A única pessoa capaz de consertar isso. Mas ele não está aqui.

— Onde está Zeth, Lacey? — ela me dá um olhar culpado. Meu estômago começa a torcer, como se eu estivesse prestes a vomitar. — Lacey, onde está o seu irmão?

— Charlie o levou para o porão.

— Porão? Que diabos de porão? *Onde* nós estamos? — a sala é uma caixa escura e quadrada – sem janelas, sem mobília. Nada. Está totalmente vazia além de nós três. Há somente uma porta de saída com um teclado preso à parede próximo a ela.

— Costumava ser um antigo cinema, — Lacey diz, fungando. — Charlie disse que ele trouxe minha mãe aqui para um encontro uma vez. Quando ainda estava aberto.

Eu me sento no chão frio e duro, dobrando meus joelhos e abraçando-os contra o meu peito. — Lace... Deus, Lace, Charlie não trouxe a sua mãe aqui, eu te juro.

Ela morde seu lábio, me olhando. — Eu sei, — ela diz com uma voz baixa. — Eu sei que ele não trouxe. Mas ele *disse* que sim.

— Você sabe que a Duquesa não era a sua mãe?

Ela acena. — Eu nunca acreditei nele.

— Então... — Eu mal posso falar. Uma onda de raiva se constrói no meu peito, fazendo minha garganta fechar. — Então por que você falou com ele no telefone? Por que diabos você foi embora com ele?

— Porque... — ela cobre seu rosto com as mãos. — Isso parece estúpido agora.

— Lacey, me diga! — estou à beira de gritar.

— Porque eu já sabia que ele era meu pai. E... E eu queria que ele pensasse que eu acreditava nele quando ele me ligou. Por isso eu

disse... Por isso eu disse todas aquelas coisas horríveis. Me desculpe, Sloane, sério, eu não queria dizer nada daquilo.

— *Quê?* — isso é uma loucura completa. Ela *sabia?* Primeiro Zeth sabia todo o tempo que Lacey era sua irmã, e agora ela está me dizendo que ela sabia que Charlie era seu pai? O que há de errado com essas pessoas? Por que diabos eles mantém suas descobertas para si mesmos? Eu quero agarrar Lacey e sacudi-la. Sacudir algum bom senso do caralho para dentro dela. — Por quê?

A garota loira dá de ombros, puxando um fio solto do suéter rasgado que ela está usando. — Porque ele continua fodendo tudo para o Zeth. Ele tentou te machucar. Eu queria... Eu queria matá-lo. Eu tentei. É por isso que eu estou aqui em vez de lá fora com eles.

— Você tentou matar Charlie?

— Com uma chave de fenda.

Nada disso faz sentido. Eu pressiono minha testa contra os joelhos, tentando respirar em meio ao pânico que está se agarrando a mim. — Ele poderia ter te matado, Lace. No que você estava pensando?

Ela não diz nada. Quando eu levanto a cabeça para censurá-la um pouco mais, eu vejo que há lágrimas escorrendo pelo seu rosto.

— Eu estava pensando que eu queria vocês dois seguros. Eu estava pensando sobre a vida normal que vocês dois merecem compartilhar. Vocês não conseguiriam ter isso com Charlie ao redor e você... Você nunca perdoaria Zeth se ele o matasse. Isso iria acabar com você.

Eu quero negar isso, mas as palavras ficam presas na minha garganta. Honestamente, eu fiz tudo ao meu alcance para não pensar nisso. Eu já sei faz algum tempo que matar Charlie é a única maneira que Zeth vê para que nós dois tenhamos uma vida juntos, exatamente como Lacey está dizendo, mas eu coloquei isso na minha mente. Tentando me fazer acreditar que eu estou bem com isso porque Charlie é uma pessoa má. Porque Charlie irá nos matar na primeira chance. Mas eu não estou bem com isso. Eu não estou bem há algum tempo.

Lacey começa a chorar.

Arrasto minha bunda em direção a ela e envolvo um braço ao redor do seu ombro. — Zeth nunca iria querer que você fizesse algo assim por ele. Nem eu quero. Você quase quebrou o coração dele quando foi embora com aquele homem.

Ela se vira para mim e começa a soluçar, sua voz abafada no meu ombro. — Eu sei. Mas... Ele já fez tanto por mim. Tudo. E você também. Eu já matei Greg Mallory. Eu imaginei que isso não seria tão ruim. Eu poderia fazer isso de novo se precisasse.

— Oh, merda, Lace. — eu a abraço apertado, correndo minhas mãos para cima e para baixo nas suas costas. Essa pobre garota. Eu tenho que admitir, eu estive com raiva desde que ela saiu do apartamento de Zeth com Charlie. Ela escolheu nos deixar. Ela escolheu *ele* sobre o seu irmão e eu. Isso doeu mais do que palavras podem sequer descrever, mas isso aqui dói mais. Ela fez tudo isso, se colocou nessa posição terrível, por nós. Eu não posso lidar com isso.

Minhas próprias lágrimas quentes escorrem rapidamente pelas minhas bochechas. Lacey enrola seus braços ao redor da minha cintura, chorando ainda mais forte. Por um breve e frágil momento, nós estamos desesperadas e inconsoláveis. E então eu coloco um fim nisso.

— Vamos lá. Sente-se. Nós precisamos descobrir o que vamos fazer. — eu seco meu rosto com as costas da mão e depois seco as lágrimas de Lacey também. Ela pisca para mim, sua silhueta minúscula tremendo contra a minha.

— Nós não podemos fazer nada.

— Claro que podemos. Sermos derrotistas é a única maneira que nós com certeza iremos perder aqui, — eu digo. — Quantos homens Charlie têm com ele?

Lacey pensa um pouco. — Eles vêm e vão o dia todo. Eu não sei.

— Ok. Bem, eu sei o tipo de homem que Charlie é. Ele não vai nos deixar aqui esperando por muito tempo. E quando ele mandar alguém por nós, estaremos prontas. Certo? — eu não tenho ideia de onde essa merda está vindo. Eu sei o tipo de homem que Charlie é? Nós estaremos prontas para ele? Sério? Soa incrivelmente clichê e totalmente inacreditável, mas parece que eu quis mesmo dizer isso. Me dá um ar de plausibilidade. Lace me dá um olhar duvidoso, mas depois acena lentamente, ainda mordiscando seu lábio.

— Fale-me sobre a chave de fenda, — eu digo.

— Eu a arrebatei quando eles pararam os carros no estacionamento subterrâneo. Eles têm uma garagem embaixo daqui. Alguns dos caras consertam carros antigos para Charlie. Eles estavam discutindo sobre se eles deveriam voltar por você e Zeth, então não me

notaram deslizando isso para dentro do bolso. Ela era pequena. — ela olha para baixo, para suas mãos. — Eu deveria ter esperado. Nós estávamos subindo as escadas para entrar no prédio e eu não aguentei mais. Ele só ficava fungando e fungando e eu sabia por quê. Estava escrito no seu rosto. Eu não me importei, então. Eu só queria que ele morresse. Tirei a chave de fenda do meu bolso e estava indo bater na parte de trás da cabeça dele, mas os dois imbecis atrás de nós me agarraram antes que eu conseguisse. — ela olha para mim, os olhos ainda brilhantes devido às lágrimas. — Charlie *não ficou* feliz.

— Eu posso imaginar.

— Ele tinha um quarto pronto para mim. Era todo cheio de renda cor de rosa e essas bonecas bonitas. A cama era grande. Tinha uma dessas cortinas penduradas nela. Eu não sei como se chama.

Um dossel. Eu tinha um dossel na minha cama quando eu era uma garotinha. Eu me sentia como uma princesa, e todas as noites meu pai fechava o véu e deitava sobre as cobertas junto comigo, lendo historias dos livros dos Irmãos Grimm até que eu caísse no sono. A pobre Lacey nunca teve nada disso. Talvez de alguma maneira, dando isso a ela agora, Charlie estivesse tentando ser um pai para ela. Mas quando o seu filho tenta te atacar pelas costas com uma chave de fenda, eu imagino que isso mude as coisas. Eu estou certa.

— Ele não me deixou ficar lá, no entanto. Ele disse que eu tinha que aprender algum respeito e me jogou aqui.

— Pelo menos ele não te matou.

— Ele não pode me matar, — ela diz tristemente.

— Por que não?

— Porque ele me contou que Zeth não é filho dele. E ele não tem irmãos ou irmãs. Nenhum outro parente vivo. Eu sou a única pessoa viva no planeta que compartilha a sua linhagem. E... Ele está morrendo, Sloane. Ele não tem muito mais tempo de vida.

* * * * *

Charlie Holsan está a caminho de morrer. Obrigada, universo. Eu não me lembro de já ter ficado tão feliz na minha vida com um

prognóstico terminal. Isso faz de mim uma pessoa horrível? Eu me recordo de Zeth dizendo que ele achava que Charlie estava doente, e agora que isso está confirmado, parece que um peso foi tirado dos meus ombros. Eu não tenho ideia do motivo. Eu ainda estou presa em uma caixa de concreto sem nenhuma maneira de escapar. Eu ainda não tenho ideia onde o homem que eu amo está, ou ao menos se ele está bem. Mas de alguma maneira, só saber que Charlie não vai viver muito mais, é levemente reconfortante.

Depois de uma hora segurando Lacey nos meus braços e a consolando, Michael começa a se mexer. Suas pálpebras piscam abertas, sua mão direita fazendo um abrir e fechar involuntário.

— Michael? Michael, você está bem? — eu verifico a resposta das suas pupilas de novo, embora ainda seja difícil de ver como suas íris reagem com tão pouca luz. Ele murmura algo baixinho, olhos focando nada em particular, e então é como se o seu sistema reiniciasse bem na minha frente. Ele inala com vontade, abre bem os olhos, arqueia as costas e então de repente Michael está acordado. Devidamente acordado. Ele olha para mim, dois pequenos vincos se formam entre suas sobrancelhas.

— Onde está Zee? — são as suas primeiras palavras. Não há confusão sobre onde nós estamos. Não há uma verificação nele mesmo para ver se está tudo bem. *Onde está Zee?*

— Nós não sabemos. — coloco a ponta dos meus dedos no seu pescoço, verificando seu pulso. Ainda lento, mas firme. Se nós estivéssemos no hospital, eu estaria muito preocupada com o meu paciente. Iria querer mantê-lo lá por alguns dias, para monitorá-lo. Haveria ressonâncias magnéticas para checar as suas funções cerebrais e órgãos internos. Haveria pelo menos três pessoas, cada uma responsável por fazer uma parte diferente de Michael funcionar bem, observando-o de hora em hora.

Eu estaria na mesma posição. No entanto, uma vez que nós não estamos no hospital, eu só posso avaliar como ele está se sentindo e seguir em frente. Não há nada que eu posso fazer se ele tem uma compressão no cérebro ou uma hemorragia interna, mas ainda assim...

— Você sente náusea, — eu pergunto.

— Não. — Michael parece ameaçador na pequena quantidade de luz deslizando por debaixo da porta, jogando seu rosto em sombras. Toda a sua cabeça parece uma caveira: olhos mergulhados na

escuridão, bochechas magras e ocas. — Eu sinto vontade de matar alguém, — ele range.

Eu tive o bom senso de ser intimidada por Michael na primeira vez que o encontrei, mas nesse momento eu posso ver como ele pode ser realmente aterrorizante se você conhece esse seu lado mau. — Você e eu, amigo. Mas nós estamos presos aqui.

O rosto de Michael se distorce em um rito de raiva. Eu acho que ele vai pular de pé e começar a bater nas paredes, quebrando-as com as próprias mãos nuas, mas então Lacey escorrega pelo chão de concreto liso, se torce de forma que suas costas estão de frente para Michael, e se aninha nele. Todo o seu comportamento muda no tempo de uma piscada.

— O que você esteve fazendo, garota? Hm? — ele sussurra para ela, enrolando um braço protetoramente ao redor dela. Lacey não responde. Ela fecha os olhos e dorme. Eu não durmo. Só o mero pensamento disso é risível. Tudo que eu posso pensar é em Zeth e que diabos Charlie está fazendo com ele. Não pode ser algo bom. Seja o que for não pode ser bom.

* * * * *

ZETH

— Você quer sal? Nunca colocam sal suficiente na porra da comida. — Charlie desliza um saleiro para mim; eu o pego antes que voe para fora da mesa direto para o chão de carvalho polido. A massa que O'Shannessey jogou na minha frente sem nenhuma cerimônia, de cara feita o tempo todo, é o excesso de sal. Eu não comi nada; eu sei só pelo cheiro da sobrecarga de sódio. Depois do cinema, Charlie me arrastou por dois lances de escada para o que deve ter sido o lobby principal do lugar. A mobília foi arrancada. Não há mais nada, mas o velho tapete vermelho emaranhado, desgastado, esfarrapado em alguns lugares pelos pés de milhares de pessoas e a cabine de vendas ainda permanecem. O lugar ainda tem um cheiro levemente doce, misturado com o ranço da poeira, da idade e do tempo.

— Os médicos dizem que a radioterapia matou o meu paladar, — Charlie me diz enquanto enrola um pouco de massa no seu garfo e o enfia dentro da boca. — eles são cheios de merda, no entanto. Existem poucas coisas que eu ainda posso sentir o gosto. Alho. Uísque. — ele sorri para mim. — Buceta. Desde que eu ainda consiga sentir gosto de uísque e buceta, eu não dou a mínima para o resto.

A menção de Charlie à radioterapia confirma minhas suspeitas – ele está doente. Ele não está apenas doente. Ele está *morrendo*. — Quanto tempo você tem? — empurro o prato para longe de mim, meu estômago retorcendo.

— Disseram que eu tinha dois meses, — Charlie diz, com outro sorriso para mim. — Cinco meses atrás.

— Ah, que pena.

— Rá! — ele empurra com o garfo na minha direção, espalhando molho pela mesa. — Você não poderia se importar menos se eu vivo ou morro, garoto. Mas é legal que você finja, certo?

— Oh, eu definitivamente não dou uma merda para isso. Quando você estiver morto, Charlie, eu vou dançar pra caralho em cima do seu túmulo.

— E o que te faz pensar que você não vai estar debaixo da terra muito antes de mim?

Ele tem um ponto aqui. Eu só lhe dou um olhar cheio de ódio do outro lado da mesa. Se não fosse pelo fato de O'Shannessey e Sammy terem armas apontadas para mim, eu me lançaria sobre a mesa e afogaria o filho da puta na sua Alfredo Pomdero[13]. Eu quero ver o velho sufocando.

— Por que aqui, Charlie? Por que diabos você nos trouxe aqui?

Charlie me olha sobre a sua refeição, mastigando de boca aberta. — O cinema? — seus olhos viajam até o teto, como se estivesse observando a opulência decadente e vendo algo completamente diferente. — Sua mãe costumava vir aqui com a Duquesa todos os sábados, para a matinê. Elas pensavam que viviam na porra dos anos 40, aquelas duas. Eu pensei por um tempinho que a Duquesa estava me traindo. Mandei a seguirem só para ter certeza de que ela estava mantendo os malditos joelhos juntos, e eles me disseram que ela vinha aqui para ver Casa-fodida-blanca e antigos filmes com Rita Hayworth.

[13] A massa.

Esse era o único lugar em Seattle que costumava passar essa merda na época. E aquela vadia estúpida, ela me irritou um dia, então eu comprei o lugar e o fechei. Mas a cozinha ainda funciona. — ele me dá uma piscadela – a piscadela de um bastardo insano. — Aqui é grande e silencioso. O prédio está aqui há tanto tempo que as pessoas esquecem que ele sequer existe. É parte da paisagem. As pessoas o olham sem realmente vê-lo. Isso o faz o tipo perfeito de lugar para colocar as coisas abaixo quando necessário.

Escondendo-se à plena vista. Eu não tenho ideia de onde nós estamos geograficamente – ainda em Seattle? – mas eu estou apostando que seja em algum lugar bastante óbvio.

— Você não vai comer sua comida? — Charlie pergunta. Ele fala comigo no tom de conversa de um amigo preocupado. Eu sufoco a risada amarga que quer explodir de mim.

— Eu preferiria morrer de fome. — na verdade eu estou morto de fome, mas a sensação não parece certa. Meu estômago alterna incontrolavelmente, um minuto exigindo comida, no próximo ameaçando expelir seu escasso conteúdo bem em cima da mesa. Suor quente e frio, também. Seja lá o que aconteceu com o meu corpo naquela explosão, está seriamente descontente comigo nesse momento, isso está muito claro. E eu não tenho nem ideia se Sloane está bem, o que também está me deixando louco.

— Você deveria comer, — o velho repete. — Você vai precisar da sua força em breve.

Isso soa ameaçador, mas e daí? Ameaças são coisas com as quais eu realmente não estou nem aí. Dor física não significa nada para mim. Encontrar Sloane, ter certeza que ela está bem e então fazer esse bastardo pagar, nessa ordem: isso é tudo que me importa.

— Você sabe que não fiquei exatamente decepcionado quando descobri que você não tinha morrido naquela explosão. Desde que eu peguei você do seu tio, tenho aproveitado para foder com você. Eu já ganhei um imenso, interminável tipo de satisfação por ver você sofrendo por toda a sua vida. Eu sempre pensei que eu estaria lá quando você morresse para poder aproveitar isso também. A bomba foi um pouco sem classe, eu sei, mas foi necessária. Você não tem se comportado, Zeth. E eu não posso tolerar isso. Mas então, milagre dos milagres, você e seus amigos do caralho sobreviveram, e eu tive o meu desejo, depois de tudo. Eu vou olhar você morrer. — ele espeta o frango no seu garfo e empurra em sua boca. Eu imagino isso espetado na sua garganta.

Imagino sua cara ficando roxa enquanto ele engasga e sufoca lutando por ar.

— Então, com isso em mente, eu organizei um pequeno entretenimento para mim mesmo. Há seis caras a caminho daqui, cada um deles com um deles pronto para te dar uma lição. Eu lhes disse que eles poderiam ter alguns rounds, ver quanto tempo eles podem durar. Provavelmente não vai ser muito, uma vez que você é um bárbaro e eles estão acostumados a foder cães vadios. Eu acho que isso é minha culpa. Quando eu costumava ir ao seu quarto à noite, acabei criando um monstro, não é? Criei um lutador – um fato que não tem trabalhado a meu favor nos últimos dias, mas ainda assim. Valeu a pena só por ouvir você chorando, porra. E se você não estiver morto quando o ultimo homem pisar no ringue, melhor para mim. Isso significa que eu mesmo vou poder te matar.

Eu odeio que ele fale sobre o que ele fez para mim com tanta desenvoltura. O homem me fodeu de mais maneiras que eu posso contar. Ele me enviou para, possivelmente, o pior lugar da Terra e me deixou lá para apodrecer por anos. Ele matou a minha mãe. Ele espreitou nas sombras do meu quarto quase todas as noites desde que eu era só um adolescente melequento – tentou me matar – e ainda assim não mostra nenhum remorso. Onde eu estou ansioso, ele está claramente orgulhoso pra caralho das suas realizações.

— Então você precisa trazer seis caras para me colocar para baixo antes de atirar em mim, velho? É isso? Eu me lembro de você ser muito mais valente quando eu tinha um terço do tamanho que eu tenho agora.

O'Shannessey dá uma risadinha relinchada. Charlie não olha para o homem, mas cada músculo do seu corpo enrijece. O'Shannessey percebe que ele acabou de ferrar as coisas e limpa a garganta, mudando o peso de um pé para o outro. — Eu não sou um maldito idiota, Zeth. — Charlie estala. — Eu não passei por semanas de terapia e agulhas, e exames sem fim e humilhantes pra caralho só para você poder esmagar seu punho na minha cara. Você terá que me desculpar se eu pareço um pouco... Delicado, mas quero preservar o que eu tenho de vida.

A coisa é que ele não parece nada delicado. Ele mal parece ter a idade que tem desde que apareceu na casa do meu tio e me levou embora. Eu fecho minhas mãos sob a mesa, sentindo onda após onda de adrenalina correndo pelo meu corpo. Apesar de estar com muita dor, eu só estou esperando pelo meu momento. Esperando pelo meu

momento de acabar com isso de uma vez por todas. E eu não pretendo esperar os amigos de Charlie chegarem.

Eu conheço o tipo de homem que ele chamou para vir aqui. O tipo que perdeu familiares por ordem de Charlie. Tudo a fazer seria pegar algumas palavras cuidadosamente sussurradas nos ouvidos certos – *Zeth Mayfair, foi ele quem fez isso* – e eu tenho certeza que metade do submundo de Seattle está uivando pelo meu sangue.

Charlie vira a cabeça, mas não olha para O'Shannessey – o velho não esqueceu o pequeno deslize que acabou de ocorrer. Estou apostando que vai haver repercussões para isso em algum momento. Algum momento em breve. Charlie nunca foi de deixar qualquer retribuição esperar muito. — Vá e traga as garotas, — ele estala. Para Sammy, ele diz, — Mate o outro.

Michael é o outro. Estou levantando em meus pés, pronto para começar a merda, quando sinto uma explosão de dor no meu peito. Meu corpo se trava, e por um momento eu não consigo descobrir por quê. Eu não tenho controle sobre nenhuma parte de mim. Minhas mãos, braços, pernas, nada funciona. Eu tremo, mal conseguindo respirar. Eu consigo rolar meus olhos para a fonte de toda a dor – dois pontos quentes queimando no centro do meu peito – e eu vejo as sondas ali, enterradas na minha pele. Um Taser. Depois de ter meticulosamente evitado ser atingindo por Pippa, eu fui atingindo por um agora, aqui. Por Charlie. Eu nem sequer vi esse chegando. Que irônico.

— Firme, filho, — ele diz sorrindo. — Minha pontaria já não é tão boa. Eu poderia acertar as suas bolas da próxima vez.

É como se as veias debaixo da minha pele estivessem tensas, esticando e puxando. A corrente elétrica ainda está fluindo através de mim, dando voltas e voltas de ondas excruciantes. O'Shannessey e Sammy voltam para o lobby, observando-me grunhir de dor, claramente lamentando de terem perdido a porra do show. Imbecis. Assim que nós estamos sozinhos, Charlie desliga o Taser, colocando o mecanismo de disparo para baixo, ao lado de sua comida. Eu suspiro procurando por uma lufada de oxigênio e realmente aprecio pela primeira vez a sensação de como é bom ser capaz de encher os pulmões.

— Não se mexa novamente, — Charlie avisa. — Essa coisa não é exatamente da mesma graduação da polícia, se é que você me entende. Eu poderia fritar você até a morte facilmente, e assim como a minha mira, meu estômago não é o que costumava ser. Eu acho que o fedor da

sua carne sendo assada vai ser o suficiente para arruinar o meu almoço.

— Você machuca um deles e eu vou...

— Você ainda vai ficar sentando e se comportar, porra! Não teste a minha paciência, *seu filho da puta,* — Charlie ruge, batendo suas palmas contra a mesa. Os talheres de cada lado do prato de comida pulam tão altos que o garfo cai no chão. — Agora cale a maldita boca e espere Lacey e aquela buceta totalmente arrogante chegarem. Abra sua boca só uma vez e eu juro que vou ajustar essa merda para o nível mais alto do caralho.

Eu não sei que diabos eu devo fazer. Sammy está indo matar Michael, e literalmente não há nada que possa impedi-lo. Eu serei incapacitado assim que mover um músculo, e então no que isso ajudaria alguém? Eu sento em silêncio, olhando Charlie através do comprimento da mesa enquanto conto todas as vezes que Michael já iludiu a morte. Há pelos menos três ocasiões que eu consigo me recordar de cabeça. Eu espero que essa vá ser a quarta.

O'Shannessey volta com Lacey e Sloane alguma minutos depois. Elas estão segurando uma a outra, braços ligados, olhos bem abertos. Sloane está coberta de sangue, seu vestido retalhado de cima a baixo. Ela parece estar com muita dor. A vontade de ir até ela, pular para fora da cadeira e segurá-la em meus braços é quase forte demais para negar. — Você está bem? — Pergunto a ela, levantando minhas sobrancelhas.

Ela acena. — Dolorida. Mas, sim. Eu estou bem. Michael...

— Vai ficar bem também. — a confiança na minha voz vai contra tudo que eu estou sentindo agora, mas eu preciso que ela veja que tudo vai ficar bem. Eu preciso que a minha irmã veja isso também. Lacey me dá um olhar nervoso, seus olhos brilhando do jeito que eles ficam quando ela acabou de chorar.

— Eu sinto muito, Zeth, — ela sussurra. — Eu não queria deixar você. Eu não quis dizer...

— Está tudo bem. — eu balanço minha cabeça. Ela tem que saber que eu não estou zangado com ela. Confuso, claro, mas não zangado. Eu deveria ter feito uma porra de trabalho melhor protegendo-a. — Isso não importa agora, ok?

Charlie, como o cuzão do caralho que ele é, continua enrolando massa ao redor do seu garfo. — Por que vocês não se sentam, moças?

Vocês deveriam se juntar a nós. Lacey, é o costume que o filho de um chefe de família se sente a sua direita. Como eu não tenho nenhum filho, você vai ter que fazer isso.

Nem Sloane nem Lace parecem inclinadas a se sentarem conosco, mas O'Shannessey não lhes dá muita opção; ele as empurra para frente com a coronha da sua arma. Arrastando duas cadeiras extras para elas, ele senta Sloane à minha direita e Lacey à minha esquerda. Toda a coisa de sentar é como um fodido jantar de família. Lacey olha para mesa sem piscar. Ela está batendo seus dedos, uma e outra vez – mindinho, anelar, dedo médio, indicador. Indicador, dedo médio, anelar, mindinho. Não é um bom sinal.

— Você precisa... Precisa tirar as sondas dele, — ela diz, ainda olhando para o mesmo pedaço de madeira.

Charlie coloca seu garfo para baixo. — O quê?

— Tire as sondas dele. — seus olhos cintilam no meu peito, mal tendo tempo suficiente de olhar para as pequenas farpas de metal que estão ligadas a fios cavados em mim. Eu sempre ouvi que quanto mais músculos você tem, maior a dor ao ser atingido por um Taser. Eu não tenho ideia se isso é verdade ou não, mas eu *posso* confirmar que isso dói como um filho da puta. Todo meu corpo parece estar eletricamente carregado. Os dedos de Lacey trabalham mais rápidos conforme ela fica mais ansiosa – eu posso ver isso se construindo em seus olhos. Como se ela fosse um objeto muito curioso, Charlie estuda cada um dos seus movimentos com uma carranca no rosto.

— Que diabos há de errado com você agora? — ele estala.

— Você está machucando-o. Você precisa parar de machucá-lo.

— Eu não vou parar, querida. Eu vou machucá-lo um pouco mais, e você vai sentar aí em silêncio e prestar atenção. Você vai ter que machucar pessoas, também, para sobreviver nesse mundo, Lacey.

Uma única lágrima balança na ponta de um dos cílios de Lacey. Ela oscila e então cai na mesa. Ainda sem piscar. Ela está parada em um precipício muito alto agora, e ela está prestes a caminhar até a borda; eu passei bastante tempo com a garota para conhecê-la por dentro agora, e ela não está em um bom lugar. Nenhum de nós está na porra de um bom lugar, mas Lacey não está equipada para lidar com esse tipo de estresse.

— Eu não vou, — ela sussurra. — Só o deixe ir embora.

O homem velho bufa, se inclinando mais perto sobre mesa. Até um homem cego poderia ver que Lacey não está tranquila agora, que ela está lutando mentalmente para lidar com o que está acontecendo ao seu redor, mas não Charlie. Não, seu próprio pai se recusa a ver. Ele se aproxima e bate no rosto dela, tão forte que rasga o seu lábio. Lacey grita, agarrando a bochecha com as duas mãos, seus olhos marejados com lágrimas.

Com Taser ou sem Taser, eu não posso deixar isso passar sem reagir. Eu nem sequer penso nas consequências. Eu pulo e me lanço, buscando o filho da puta sentado à minha frente. Eu quero minhas mãos enroladas ao redor da sua garganta. Eu quero esganar a porra da vida fora dele. Eu quero...

Um relâmpago branco ondula pelo meu corpo, mais forte, mais intenso do que eu experimentei antes. Alguém grita. Minha cabeça bate na mesa, e então eu caio. Caio no chão. Eu não consigo ver em meio a dor. Não consigo respirar. Não consigo pensar. Tudo que eu posso fazer é ouvir...

Ouvir o grito.

Capítulo Dez

SLOANE

Sabe aquele velho ditado, quanto mais alto, maior a queda? Ele é verdadeiro. Zeth cai duro. Sua cabeça bate no canto da mesa enquanto seu corpo se agarra e tranca em uma posição rígida, e ele tomba para o lado, incapaz de estender a mão para amortecer a queda. Ele leva um segundo golpe na cabeça quando atinge o solo.

— *Parepareparepareparepareparepare**PARE!*** — Lacey repete a palavra que corre dentro dela, cavando as mãos no seu cabelo. Eu deslizo da minha cadeira, a dor cantando em voz alta quando meus joelhos batem no tapete fino. Eu agarro o braço de Zeth, tentando descobrir a melhor maneira de ajudá-lo. Eu posso tocá-lo sem tomar um choque, contanto que eu não o toque entre o lugar onde as duas sondas estão mordendo sua pele. Mas eu não posso tocar as sondas propriamente ditas, ou também vou ser atingida com toda a força pela corrente elétrica. Foda-se. Porra! Que diabos eu vou fazer?

Mãos me agarram por trás, firmes a agressivas, e me arrastam. Contorço meus braços e pernas, tentando me libertar, mas eu sinto como se estivesse afundando debaixo da água com algo pesado preso nos meus tornozelos. Não há nada que eu possa fazer para me soltar.

— Pare! *PARE!* — Lacey grita.

— Puta do caralho. — o rosto de O'Shannessey está de repente no meu, empurrando-se bem perto. — Você vai se arrepender do dia em que nos impediu de levar a garota.

Tento me torcer para fora do seu aperto, mas O'Shannessey claramente não vai deixar isso acontecer. Esse não é um movimento do qual me orgulho, mas é a única coisa que consigo pensar: eu o mordo no antebraço que ele está usando para tentar me sufocar. Ele geme de dor, mas mesmo assim não me solta.

O salto da bota de Zeth salta para cima e para baixo contra o chão com a força do choque sendo administrado nele. Eu preciso parar isso. Eu tenho que parar. Quando estou prestes a fazer um ato improvisado na tentativa de me libertar, ouço um som que congela meu

sangue. Um tiro. Eu fico instantaneamente mole. Um polido par de sapatos de couro preto italiano aparece na minha linha de visão. A sala fica totalmente silenciosa. Ouço os joelhos de Charlie estalar quando ele se abaixa entre mim e Zeth. O tick-tick-tick do Taser ainda está funcionando. Minha respiração é difícil, raspando para dentro e para fora, para dentro e para fora em rápidas sucessões sobre os meus dentes.

— Mulheres que são apanhadas pelo meu mundo tendem a nunca saírem vivas, Dra. Romera. Celia, a Duquesa... E tantas garotas que eu sequer sei os nomes que eu enviei para a Califórnia para serem vendidas por Perez e seus lacaios Neandertais. Todas mortas. — ele olha para mim então – olhos mortalmente frios. Nem um grama de humanidade dentro deles. — *Todas* vocês morrem. Eventualmente.

Eu tento chicotear com meu pé, mas O'Shannessey me dá um apertão curto, forte – um aviso. Comporte-se. — E Lacey? — eu cuspo. — Ela é sua filha. Você a está arrastando para isso e você nem ao menos a conhece. Ela não é...

— Perfeita. Eu sei. Ela não é perfeita.

Eu não ia dizer isso. Me dói que Charlie diga isso, porque Lacey é perfeita. Ela só está muito traumatizada pela vida de merda que ela teve que lidar. Atiro para ela uma rápida olhada sobre o meu ombro, e a mulher loira está de joelhos, os braços cobrindo sua cabeça, protegendo a si mesma. São olhos estão fixos em Zeth; ela está chorando em silêncio. A mesa na qual estávamos sentados minutos atrás está de lado, seu conteúdo esmagado e espalhado pelo chão.

— Lacey está quebrada. Isso é muito, muito claro para mim agora. Mas eu tenho um tempinho para consertá-la antes de ir, Doutora. E então ela estará no comando do pequeno império que eu esculpi por mim mesmo. Ela terá um coração negro e será forte como o seu papai. Não é verdade, menina Lacey? — ele para, olha para Lace, como se esperasse uma resposta. Ela fica de pé, uma expressão vazia em seu rosto, e cai ao lado do seu irmão.

— Dê para mim, — ela sussurra. Ela estende a mão. Charlie considera a sua palma aberta por um momento, e depois dá de ombros.

— Certo. Eu não o quero morto ainda, de qualquer maneira. — ele bate com o Taser na mão de Lacey e ela imediatamente o desliga. O tick-tick-tick para, assim como os músculos de Zeth param de saltar. Ele exala suavemente, como se estivesse segurando a respiração todo esse tempo.

— O que eu devo fazer com ela? — O'Shannessey pergunta, apertando seu agarre ao redor do meu pescoço e peito. Pontos pretos dançam na minha visão. Eu tento colocar meus dedos debaixo do seu antebraço, mas a tarefa é impossível. Do canto do meu olho, posso ver o braço de Zeth se mexendo, embora o movimento seja fraco. Seus olhos estão abertos. Isso é uma pequena benção. Se seus olhos estão abertos, então ele não perdeu a consciência... O que eu posso ou não estar prestes a fazer.

— Vá descobrir porque Sammy está demorando tanto. Leve-a com você. — Charlie sorri e eu sei o que ele vai dizer a seguir. Pânico se agarra ao meu coração e aperta forte. — E... *Mate-a.*

Abro minha boca para gritar com toda a energia que me resta, tentando me libertar, mas não é a minha voz que sai. Outro grito, selvagem, alto e desesperado rasga o ar. Lacey. Tudo fica em câmera lenta. Eu vejo os acontecimentos dos próximos quatro segundos como fotos instantâneas, quadros imóveis, flashes congelados da memória que irão ficar gravados para sempre na minha mente.

Zeth tentando sentar, sua mão estendida...

O braço de Lacey balançando ao redor...

A boca de Lacey puxada para baixo, olhos marejados com lágrimas...

Charlie virando. Charlie surpreso...

O garfo na mão de Lacey se enterrando profundamente na garganta de Charlie...

O homem caindo para trás, deitando sobre suas costas...

Então, sangue. Muito sangue.

Silêncio.

A voz rouca de Zeth. — Lace. Lacey, venha aqui.

Charlie convulsionando no chão, suas mãos trêmulas tentando parar a corrente de sangue fluindo ao redor do pedaço de metal cravado eu seu pescoço.

A sala se inclinando para o lado.

Eu batendo no chão.

O'Shannessey se movendo, me liberando.

O’Shannessey gritando, alcançando seu chefe.

E então não mais alcançando seu chefe.

Alcançando sua arma.

E então o som.

E então o choque.

E então mais sangue.

E então Lacey...

... Caindo no chão.

Capítulo Onze

SLOANE

— NÃO! Oh, Deus, não! Por favor, não. Por favor. Não, não, não. — eu sinto como se estivesse me movendo sob a água. Eu sinto que há mãos me arrastando para baixo em um abismo profundo e se eu me deixar afundar eu nunca vou ressurgir novamente. Nunca. Eu arrasto-me para o corpo de Lacey, meus braços e pernas não estão funcionando corretamente. Há mais gritos. As mãos erguidas de Charlie Holsan, agarrando porções de ar, enquanto ele tenta capturar a minha atenção. A atenção de alguém. Pessoas aparecem de algum lugar. Eu não sei quantos ou quem são. Eu não me importo. Há mais tiros. Olho para o minúsculo corpo de Lacey, o buraco queimado no centro de sua camisa ficando vermelho, o sangue encharcando o material, saindo, saindo, saindo, fora como uma flor que desabrocha.

Seus olhos ainda estão abertos; eles estão olhando diretamente para mim. — Somente algumas vezes... — ela engasga. Sua voz é um chiado áspero na garganta – sangue entrando nas suas vias respiratórias. Sua mão trêmula, tentando tocar o peito. Em vez disso, eu a seguro, apertando-a com força. — Somente algumas vezes uma pessoa pode ser... Consertada, — ela sussurra. Zeth está ao meu lado agora, o rosto pálido como se fosse um fantasma. Ele olha para baixo, para sua irmã, e há lágrimas em seus olhos.

— Não. Essa porra não está acontecendo, — ele diz.

Michael aparece então sobre o ombro de Zeth com uma arma na mão. O'Shannessey está no chão ao lado do seu chefe, os dois homens com os olhos fixos no teto com o olhar dos mortos.

Nada disso é computado. Nada disso é registrado. Nada disso faz sentido.

— O que você pode fazer? — Zeth diz, virando-se para mim. — Me diga o que você precisa que eu faça para ajudar. — mas eu posso ver a verdade nos olhos dele, até mais claramente do que posso nos ver de Lacey – ele sabe que não há nada a ser feito. Não há como ajudar. Eu

balanço minha cabeça, um soluço quebrado estoura livre dos meus lábios.

— Zeth. — a outra mão de Lacey encontra a do seu irmão. Seus olhos já começaram a se fechar. Eu já vi isso acontecer um milhão de vezes antes. Os olhos do paciente ainda estão abertos, tecnicamente ainda funcionando, mas eles não mostram mais o que está à sua frente. Eu não tenho ideia do que os pálidos olhos azuis de Lacey estão mostrando para ela agora, mas ela sorri. E é um sorriso bonito e surpreso. — Zeth. Isso... Isso vai ficar bem. Agora, *tudo* vai ficar... Bem.

Zeth balança a cabeça. Eu já vi homens desmoronando antes. Eu tenho visto Zeth desmoronando nessas duas últimas semanas, me mostrando mais e mais dele a cada dia, mas agora... Agora é o fim de qualquer parede que ele construiu para manter o mundo do lado de fora. Ela desaba em cima dele. E o esmaga. — Me desculpe, — ele respira. — Eu deveria ter feito melhor. Eu deveria ter feito melhor. Eu deveria ter feito melhor.

Eu posso ver no rosto de Lacey a vontade no seu esforço quando ela luta para manter o foco, para ter só mais um pensamento cognitivo. — Você fez... O seu melhor. Você meu deu... O seu melhor. O único... Que já fez isso. Obrig...

Eu vejo o momento quando ela se vai. Há uma luz dentro das pessoas, suas almas brilhando através dos seus olhos. Eu já testemunhei essa luz se apagar muitas vezes antes. Eu reconheço o momento pelo que ele é – seja lá o que faz Lacey ser Lacey está deixando seu corpo – mas eu não posso acreditar nisso.

Eu não acredito nem mesmo quando a mão dela fica mole na minha. Isso só me bate quando Zeth engasga em um único soluço. Quando ele solta a mão dela e cuidadosamente a coloca sobre o seu peito. Quando ele olha para baixo, para o seu corpo sem vida, um olhar de puro choque escrito sobre o seu rosto.

Eu vou até ele. Eu enrolo meus braços ao redor do seu corpo trêmulo, agredido e machucado, e o seguro. Ele não toma conhecimento da minha presença. Só continua ali olhando para a sua irmã. No chão abaixo de nós, o corpo de Lacey está deitado em uma piscina do seu próprio sangue. A sua expressão é estranhamento serena, e me bate uma onda de dor porque ela estava certa. Tudo realmente está bem para ela agora. Tudo está realmente bem.

A pobre garota que só comia as luas do seu cereal favorito porque ela esperava que isso a fizesse invisível. A pobre garota que se fez

pequena para se sentir segura. A pobre garota que só queria paz. Concebida na violência. Viveu uma vida de violência. Pobre Lacey, a garota que só queria paz...

Ela morreu na violência, também.

Capítulo Doze

ZETH

Eu. Não. Consigo. Respirar.

Capítulo Treze

SLOANE

Michael pega o corpo de Lacey, o rosto dele branco e perdido. Nós o seguimos. Zeth não diz uma palavra. Ele ainda está completamente desligado, como se nada estivesse acontecendo na sua cabeça. Lágrimas ainda escorrem silenciosamente pelo meu rosto enquanto nós fazemos o nosso caminho para fora do degradado cinema, deixando os corpos de Charlie e O'Shannessey para trás, junto com os corpos de outros dois homens que eu não reconheço. Michael diz que eles vieram para matar Zeth. Não sinto remorso por suas mortes.

Nós estamos em um carro, então. Não é um que eu reconheço. Ele é reluzente por fora. O sol está brilhando. Eu sento na frente com Michael enquanto Zeth senta atrás com Lacey, a cabeça dela em seu colo. Ele não a toca. Ele olha pela janela, piscando para o mundo. Nem mesmo me ocorre perguntar onde estamos indo. As torres e arranha-céus, os dentes de concreto da cidade, tornam-se cada vez menores no espelho retrovisor. Seattle desaparece.

Uma hora se passa e nem uma palavra é dita. Michael puxa pra fora da rodovia em uma loja chocantemente grande do tipo que vende objetos para casa e jardim. Quando ele se vai, coloco minha mão para trás no espaço entre os assentos e Zeth coloca sua mão na minha. Michael volta trazendo duas pás de cabeça chata e um olhar plano em seu rosto. As pás vão no porta-malas. Eu não preciso perguntar para que elas servem.

Depois disso, é o céu e a rodovia e a floresta espalhada, escura e sinistra, que nos convidam a ir, mais e mais profundamente. Não vemos outro carro por vinte minutos quando saímos novamente da rodovia e nos enredamos por caminhos que começam asfaltados e terminam em estradas de chão batido, nos chocando e colidindo com as raízes de muitas árvores. Eu não sei quanto tempo nós ficamos sentados dentro do carro antes de eu perceber que já paramos de nos mover. Bastante tempo, eu acho.

— Nós temos que nos mexer, — Michael finalmente diz.

Os dedos de Zeth se torcem, sua mão ainda na minha, mas além disso ele não faz nenhum outro movimento.

— Zee? Nós não podemos levá-la de volta para...

— Eu sei. — Zeth toma uma respiração profunda e é como se ele voltasse à vida. Relutante, mas... Vivo. Ele abre a sua porta e depois, com grande cuidado, ele se abaixa para levantar o corpo da sua irmã do banco traseiro. Está frio, mas não está chovendo. O sol espreita através das árvores estreitamente próximas, pilares dourados de luz que parecem segurar o céu sobre a nossa cabeça. Michael tira as pás do porta-malas e vai primeiro em direção à floresta. Zeth contrai sua mandíbula, o observando ir por um momento, e então acena, talvez devido a alguma batalha interna se travando dentro dele, e depois o segue. Eu sou a última. Eu observo os músculos das costas de Zeth se torcerem e mexerem enquanto ele caminha à minha frente, e eu quero pará-lo. Para abraçá-lo. Para confortá-lo. Mas eu posso dizer que ele não precisa disso agora – ele precisa de um momento para descobrir o que ele está sentindo. Todos nós precisamos.

Eu me sinto uma merda. Meu corpo está odiando o fato de eu ainda estar exigindo mais dele, quando eu deveria estar descansando em uma cama de hospital. A explosão foi só a cereja do bolo. Eu ainda estou com dor por ter sido baleada, por fugir, por abusar do meu corpo de cem maneiras diferentes desde que eu conheci essas pessoas. Mas é o meu coração que dói mais. Eu não sei sequer como ele irá parar de doer.

Michael para depois de um tempo. As árvores aqui são diluídas, formando uma pequena clareira que tem vista para um riacho esculpindo seu caminho através da montanha. A água fluindo gera faíscas de luz na superfície, douradas, brancas e quentes.

— Aqui? — Michael diz.

— Aqui, — Zeth concorda.

Eu gostaria que eles tivessem trazido três pás. Os homens começam a trabalhar, cavando lentamente, claramente odiando a tarefa. Eu sento com Lacey, escovando meus dedos pelo seu cabelo. O corpo dela começou a enrijecer. A médica em mim sabe que irá demorar vinte e quatro horas para que o *rigor mortis* suma e nós possamos mexer seus braços e pernas novamente, então eu gentilmente a acomodo de forma que suas mãos descansem sobre o peito, suas pernas esticadas. Michael vê o que eu estou fazendo e sai de dentro do buraco.

— Ela sempre dormia do seu lado. Toda enrolada, — ele me diz. — Desse jeito. — para um homem tão letal, ele move Lacey com muito carinho e amor. Quando ele termina, o corpo dela está arrumado em uma posição fetal, as mãos servido de travesseiro para a cabeça, os joelhos dobrados junto ao corpo. Ela realmente parece que está dormindo. Eu me viro para encontrar Zeth, mas só consigo ver o topo da sua cabeça. Ele afunda para baixo, sentando na cova meio cavada, de costas para nós. Eu tento andar, ir até ele, mas Michael segura minha mão.

— Não. Só... dê a ele um momento.

Michael e eu sentamos com Lacey, ouvindo os pássaros cantando, e parece como se eles estivessem chorando. Michael senta com um braço sobre o corpo de Lacey, como se estivesse protegendo-a.

— Você a amava, não é? — eu pergunto.

Ele sorri para a garota que esteve em sua vida por pouco tempo antes que entrasse na minha própria, e respira profundamente. — Você não? — ele sussurra. — Como eu não poderia? — ele está certo. Como ele não poderia?

Finalmente Zeth levanta, pega a sua pá e começa a cavar de novo. Dessa vez ele se move rápido, com um propósito. Eu fico com Lacey, porque parece errado deixá-la sozinha agora.

Quando Michael e Zeth terminam, o som já está quase se pondo. O céu parece estar em chamas – como se o próprio Paraíso estivesse incendiando. Os homens pegam Lacey, agora fria e há muito tempo desaparecida, e a carregam entre eles. A cova que eles cavaram não é mais uma cova, mas um túmulo.

Eu sou fraca. Eu sou uma covarde. Eu sou oca e sem vergonha. Eu não posso olhar eles colocando-a ali dentro. Eu caminho até o riacho e choro, esperando que a corrente de água venha a camuflar o som das minhas lágrimas. Michael se aproxima pouco tempo depois. A cova já não é mais uma cova, mas um remendo de terra fresca revirada. — Você costumava ir à igreja, certo? — ele pergunta suavemente. — Nós não sabemos o que dizer. Você poderia...

Ser requisitada para dizer algo por Lacey talvez seja até mesmo pior do que ter que ver a sujeira cobrindo sua pele pálida e delicada. Mas eu não posso recusar. Nós três paramos juntos, olhando para o chão, e uma onda de terror me bate quando eu percebo que eu não

posso dizer as palavras que Michael me pediu para dizer. As palavras que meu pai teria dito:

Tragada foi a Morte na vitória. Onde está, ó Morte, o teu aguilhão? Onde está, ó Inferno, a tua vitória? Ora o aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Mas graças a Deus que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo. Portanto, meus amados irmãos, sede firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não é vão no Senhor[14].

Do pó viemos, ao pó voltaremos.

Em vez disso, as palavras que eu quero dizer serão difíceis de sair, mas elas são verdadeiras. Verdadeiras para Lacey. Eu me agacho do lado da terra recém-revirada e coloco minha mão sobre ela, como se eu estivesse colocando-a sobre o ombro da garota uma última vez. — Eu sinto muito, Lace, — eu engasgo. Uma respiração profunda. Outra. Como eu vou fazer isso? Como? Eu não acho que eu consigo. Estou prestes a levantar, balançar minha cabeça e desmoronar em lágrimas, mas uma mão forte para no meu ombro. Zeth. Ele se agacha ao meu lado e enrola seus braços ao meu redor, me puxando para mais perto dele. É tão errado que ele esteja me confortando agora, mas ele me dá força. Eu *posso* fazer isso.

— Eu estou envergonhada, — eu digo, fazendo meu melhor para me manter inteira. — Estou envergonhada que você tenha dado a sua vida pela minha. De muitas maneiras, você era a mais fraca de todos nós. Você sofreu anos de abuso nas mãos de pessoas que deveriam ter cuidado de você. A sua inocência foi levada, quando deveria ter sido protegida e amada. Você queria desistir, mas nós não deixamos você ir, Lacey, porque nós vimos como você era carinhosa, doce e amorosa, e nós fomos egoístas. Você foi uma luz em nossas vidas e nós não queríamos perder essa luz... Porque nossas vidas agora são muito mais sombrias sem você nelas. Porque enquanto você deveria ser a mais fraca, você foi com muita frequência a mais forte, também. Você viu cada um de nós por quem realmente éramos e nos amou por isso. Você viu tudo. — eu faço uma pausa, dividida entre rir e chorar, porque isso é verdade. Ela realmente viu. — Você viu o mundo de um jeito que nenhum de nós jamais verá. Você o viu como alguém de fora olhando para dentro, e eu sinto muito, Lace, porque você merecia mais do que isso. Você merecia ser amada. Ter um marido e os seus próprios filhos. Para que você não tivesse mais que sentir a necessidade de ser invisível.

---

[14] Trecho retirado da Primeira Epístola do apóstolo São Paulo aos Coríntios (Bíblia Sagrada, I Coríntios 15, 1-58).

Você não era invisível para nós, Lacey. E mesmo que você tenha partido, ainda continuará conosco. Nós jamais a esqueceremos, irmã. Nós jamais a deixaremos ir embora.

O sol já se pôs quando eu termino de falar.

Zeth tem que me carregar de volta para o carro.

Capítulo Catorze

ZETH

Eu. Não. Consigo. Pensar.

Capítulo Quinze

Michael

O porteiro do The Regency Rooms não diz uma palavra sobre o sangue, a lama, o suor e as lágrimas que nos cobrem quando andamos silenciosamente pelo saguão. Ele levanta os olhos para nos ver – eu vejo que ele faz isso – mas o cara não pestaneja. Ele volta a fingir sutilmente que nós não estamos ali. É por esse tipo de discrição que você paga tão caro. Não que Zeth não possa pagar por isso. Eu não tenho ideia de porque estou pensando em algo tão mundano quanto dinheiro nesse momento. Nós todos estamos emocionalmente pobres; essa é a única coisa que importa.

Tudo aconteceu tão rápido. Essa manhã nós estávamos indo a um funeral para tentar pegar Lacey de volta, e agora Charlie está morto, e nós acabamos de voltar do funeral de *Lacey*. Qual o sentido nisso? Eu deixei o apartamento essa manhã pensando, absolutamente positivo na verdade, que nós iríamos recuperar a nossa garota. Eu tinha certeza disso pra caralho.

Nós todos fomos deixados totalmente desolados com o que acabou de acontecer. E eu estou realmente muito preocupado com Zee. Não houve uma vez em todo o tempo que o conheço que eu já tenha visto o homem desse jeito. Ele só... Ele só não está lá. Ele não disse uma palavra desde que nós enterramos Lace. O seu silêncio é muito mais assustador que o seu humor sombrio, onde você sabe que ele irá te partir em dois se você sequer o olhar torto. Sempre há uma séria advertência ali. Agora, com este vazio sobre ele, ele parece um pouco desequilibrado. Como se ele pudesse explodir em uma supernova[15] a qualquer momento e não haverá absolutamente tempo nenhum para correr e se esconder.

Zeth e Sloane voltam para o seu apartamento sem dizer uma palavra. Eu imagino – eu espero pelo amor de Deus que ela possa ajudá-lo a passar por isso. Eu espero que ele a *deixe* ajudar.

---

[15] Supernova é o nome dado aos corpos celestes surgidos após as explosões de estrelas com mais de 10 massas solares, que produzem objetos extremamente brilhantes, os quais declinam até se tornarem invisíveis, passadas algumas semanas ou meses.

A primeira coisa que eu vejo quando abro a porta do meu quarto é a caixa de Lucky Charms que eu peguei ontem à noite depois de largar Zeth na casa da terapeuta. Eu só fico ali parado na porta, olhando para o bastardo irlandês presunçoso[16] na caixa, com muito medo de piscar. Com muito medo de mexer um músculo. Charlie morto. Lacey morta. Isso tudo é muito surreal.

Meu telefone começa a tocar. Não o que eu tinha essa manhã. Aquele explodiu com o carro. Não, esse é o que eu deixei sobre o balcão da cozinha. Eu pego a caixa de Lucky Charms e a jogo pela rampa de eliminação de resíduos, e depois atendo o celular. Eu não olho para a tela para ver o número. Eu não me importo com quem seja; eu só preciso da distração para não quebrar e começar a destruir o lugar. — Sim.

— Onde você esteve, seu filho da puta? Eu estive te ligando o dia todo.

Oh, merda. *Rebel*. — Nós fomos sequestrados. Nós perdemos Lacey.

— O quê? Sequestrados? E eu já sei que vocês perderam Lacey. Vocês não iam trazê-la de volta?

— Não, nós a perdemos, *perdemos*. Ela está *morta.* — eu posso ouvir a respiração do meu primo do outro lado da linha. Ele provavelmente não consegue pensar em nada pra dizer. Eu sei que eu não consigo.

— Foi Charlie? — ele finalmente pergunta.

— Não. Um dos homens dele atirou nela depois que ela... Lacey... Lacey esfaqueou Charlie na carótida *com a porra de um garfo.*

Rebel fica em silêncio, pensando nisso. — Que fodona do caralho, — ele diz suavemente. Isso, para Rebel, é um elogio da mais alta ordem. — Eu realmente sinto muito, cara. Eu sei que você se importava com ela. Como Zeth está levando isso?

— Não muito bem.

— Oh. Como *você* está levando isso?

— Não muito bem também.

---

[16] Para quem não lembra, Lucky Charms era o cereal favorito da Lacey, aquele que tinha várias formas e ela só comia a forma de Lua, que dava o poder da invisibilidade. O cereal é irlandês e há um bonequinho com roupas típicas representado na caixa.

— Porra. Bem, eu suponho que agora é uma hora ruim para dizer a você que Alexis está na cidade e ela quer ver a irmã?

Hora ruim não chega nem perto. Eu tiro meu paletó – cheira a cigarro e ao ácido metálico de sangue. — Eu daria mais alguns dias, cara. Sloane está tão fodida quanto nós estamos agora.

Rebel suspira. — Ok, certo. Temos nosso negócio com Julio amanhã. Supostamente devo entregar meus arquivos para ele. A merda com certeza vai vir abaixo. Você vai poder estar lá?

Eu amasso meu rosto, tentando pensar em um jeito de dizer educadamente a ele para ir se foder. Ao invés, eu encontro a mim mesmo dizendo, — Se Zee ou Sloane não precisarem de mim, eu sou teu.

— Tem certeza? Eu não quero você se sua cabeça não está no lugar certo. — por *estar no lugar certo* ele quer dizer na *zona de matança*. E eu definitivamente estou lá. — Não se preocupe com a minha cabeça, Rebel. Eu vou te deixar saber pela manhã se eu estou dentro. — no entanto, eu já sei que eu vou estar. Eu preciso socar alguma coisa. Eu preciso lutar. Zee e eu somos muito parecidos nessa coisa de bater a merda para fora de alguma coisa para nos sentirmos melhor, mas isso é ainda mais. Isso é uma necessidade insaciável que não irá passar até que cause a alguém danos corporais realmente graves. Não importa que eu tenha matado Sammy quando ele foi tentar me matar. Não importa que eu tenha matado O'Shannessey, além de outros dois caras que aparecerem de lugar nenhum. Eu ainda estou ferido pela fúria. Eu tenho que usar minhas mãos nuas para acalmar isso. Eu tenho que fazer chover uma carnificina com a cabeça daqueles que representam uma ameaça a nós, porque eu não posso passar por isso de novo. Sabe-se lá que merda aconteceria se Sloane morresse. Não posso nem sequer pensar nisso. Não haveria nenhum jeito de parar Zee. Ele mataria todo mundo que ele conseguisse pôr as mãos, estivesse envolvido ou não, e ele não se importaria se fosse derrubado por isso. Valeria a pena para ele. Inferno, ele teria feito o mesmo por Lacey se eu já não tivesse matado O'Shannessey antes que o chefe percebesse o que estava acontecendo.

Eu nunca, nunca vou esquecer o olhar em seu rosto quando ele viu Lacey caída.

Eu desligo o telefone, imaginando se Julio Perez também vai morrer amanhã.

* * * * *

SLOANE

Estou tão perdida. Eu não tenho ideia o que eu deveria fazer. Desde que chegamos de volta ao quarto, Zeth está sentado em uma poltrona, olhando pela janela com vista para a cidade, e eu não tenho sido capaz de obter uma palavra dele. Não que eu tenha tentado. Eu sei que ele precisa ficar sozinho; eu posso dizer isso apenas pela borda da atmosfera no quarto, mas eu não sei se eu deveria sair. Eu poderia ir dormir no apartamento de Michael, mas de alguma forma eu não sei se essa é uma boa ideia. Eu acho... Eu acho que algo terrível vai acontecer se eu deixá-lo sozinho.

Eu decido ficar. Eu posso lidar com a tensão no ambiente. Eu posso lidar com isso, porque eu o amo e abandoná-lo agora, mesmo que seja o que ele pensa que quer, é a coisa errada a fazer.

Eu sento no enorme sofá de couro do outro lado do quarto, apenas ouvindo o silêncio. Como Pippa lidaria com essa situação? E o meu pai? Pip tem treinamento em terapia de luto, e meu pai tem um abundante suprimento de compaixão que sempre lhe serviu muito bem tentando confortar os outros. Ele sempre sabe a coisa certa a dizer.

A resposta para a minha preocupação vem na mais surpreendente das formas. Ernie. As garras do Schnauzer fazem um leve estalido quando ele aparece saindo de um dos quartos. Seus grandes olhos castanhos viajam sobre mim rapidamente enquanto ele se aproxima de nós, mas não é a mim que ele se dirige. Ele vai direto para Zeth. O cachorro empurra seu corpinho pequeno entre as pernas de Zeth e então bate nas mãos de Zeth com seu focinho molhado.

Zeth não demonstra saber que Ernie está ali. Ele só deixa o cachorro descansar a cabeça na sua perna, o que parece agradar Ernie imensamente. Ele solta uma respiração superficial e se aproxima mais, até estar tão perto quanto fisicamente possível sem subir no colo de Zeth. Depois de um tempo, Zeth começa a acariciar distraidamente a cabeça de Ernie com a ponta dos dedos, e o cão adormece.

Eventualmente eu adormeço, também. Não é o estresse físico que me exauriu. Foi o choro, como se eu tivesse acabado com toda a minha

reserva de energia para um ano e agora meu corpo está exigindo descanso. Meus sonhos são rápidos e escuros, e misericordiosamente vazios.

Pela manhã, eu acordo na cama, sem minha roupa de baixo. Os lençóis estão quase pretos por eu ter esfregado meu corpo neles. Encontro Zeth na exata mesma posição que ele estava quando eu apaguei no sofá, Ernie agora uma bola enrolada aos seus pés. Ele deve ter se movido em algum momento, uma vez que eu com certeza não me pus na cama, e parece que ele também tomou um banho.

— Zeth?

Ele está acordado. Ele olha sobre o seu ombro, e eu vejo a dor momentaneamente baixa em seus olhos turvos. — Hey, — ele sussurra. — Você deveria dormir mais. — o sol recém começou a nascer sobre a cidade, embora a cobertura de nuvens atire uma luz fria sobre tudo, deixando tudo azul, cinza e triste.

— Você dormiu?

Ele balança a cabeça. — Eu não preciso.

— Zeth, você totalmente precisa dormir.

— Eu não preciso dormir. Eu preciso me mexer. — ele fica de pé rapidamente, esfregando as mãos sobre o rosto. Eu noto, apesar do seu tom irritado, que ele cuida para não perturbar Ernie quando ele dá um passo por cima dele e caminha pelo quarto.

— Você quer café da manhã? — eu pergunto gentilmente.

Zeth balança a cabeça. — Eu estou bem. Sério. Eu só preciso... — ele nunca termina a sentença. Ele olha para o chão, os olhos aparentemente fixos em algum ponto irrelevante do piso enquanto seu cérebro trabalha. Eu enrolo meus braços ao redor do corpo dele. Zeth olha para mim e sua expressão dura desvanece. Ele fecha o espaço entre nós e coloca seus braços em volta do meu corpo também.

— Eu vou voltar logo. — colocando um beijo carinhoso contra a minha testa, ele me dá um apertão e depois me solta. Eu observo quando ele pega sua jaqueta de couro e um molho de chaves sobre o balcão da cozinha e então deixa o apartamento. A porta se fecha silenciosamente atrás dele.

TRADUÇÕES
PEPPER GIRL

* * * * *

Michael aparece uma hora mais tarde usando luvas pretas de couro que parecem as que os pilotos de carro usam. Eu nunca o vi usando coisas de ginástica, mas é óbvio que ele se exercita, a partir do tamanho dos seus braços.

— Eu o levei para uma academia de luta. Nós dois precisávamos quebrar o inferno fora de alguma coisa, e essa pareceu a aposta mais segura, — ele me diz. — Ele quis ficar. Eu disse que iria ajudar Rebel com Julio agora, mas se você quiser que eu fique aqui com você, tudo que você precisa fazer é dizer as palavras.

Eu não quero que ele fique. Para ser honesta, tudo que eu quero é me enrolar no sofá e tentar trabalhar em toda essa confusão em que nos metemos, mas eu tenho que ser pragmática. — Eu estou em perigo se ficar sozinha?

Michael balança a cabeça. — Charlie se foi. Nenhum dos seus garotos é estúpido o bastante para se incomodar conosco agora. Eles não têm motivo para isso. Há um vácuo de poder agora. As gangues de Seattle estão muito mais preocupadas com quem irá preencher esse vácuo do que com Zeth e o resto de nós.

Isso faz total sentido, mesmo que uma parte de mim ainda esteja no limite. — Ok, certo. Então eu vou ficar bem aqui. Eu não quero ir a lugar nenhum.

Michael vai embora, e então somos somente Ernie e eu. Eu passo minha manhã repetindo o momento em que Charlie disse que queria que O'Shannessey me matasse, e Lacey se lançando para ele com aquele garfo. Eu já imaginei isso de cada ângulo possível, pensando se eu poderia tê-la ajudado, se eu poderia tê-la impedido antes que ela agisse. A conclusão que eu cheguei é, não, eu não poderia. Ela mesma disse isso. Lacey tomou a decisão de matar Charlie muito antes de completar a tarefa. Ela já havia tentado uma vez antes. Ela teria tentando de novo, de um jeito ou de outro.

É quase meio-dia quando há uma batida na porta do quarto. Enquanto eu caminho para espiar pelo olho mágico, meu coração acelera no meu peito – *Michael estava errado? É um dos homens de*

Charlie? – eu não tenho a energia para estar surpreendida ou chateada ou nada desse tipo.

A visão de Pippa parada no corredor, parecendo muito ansiosa, é apenas mais uma palha precariamente equilibrada nas costas do camelo. Eu abro a porta e ela corre para dentro, jogando os braços ao meu redor. — Oh, Deus, Sloane, eu sinto tanto. De verdade. Zeth me mandou uma mensagem; ele me disse o que aconteceu. Ele disse que você poderia precisar de mim. Você está bem? Santo... Você parece uma merda, Sloane.

De tudo isso, a única coisa que se crava em mim é o que ela disse sobre Zeth. — Ele te mandou uma mensagem?

Ela parece perplexa por um momento, algumas delicadas linhas se formando entre suas sobrancelhas. — Sim. Ele me enviou uma mensagem muito grosseira sobre ser a porra de uma boa amiga ao menos uma vez. Quando eu perguntei por que, ele disse... Ele disse que é porque a irmã dele estava morta e você precisava de alguém. — ela olha para suas mãos. — Eu sinto muito, Sloane. Eu só não posso acreditar nisso.

Claro que você pode, — eu digo a ela, fechando a porta atrás dela. — Você vêm me dizendo há semanas que eu estou em uma situação perigosa. Que alguém ia acabar morto. Bem, adivinhe só? Você estava certa. — como de costume, vou direto para a cozinha e ponho água em uma chaleira para ferver. Esse sempre foi o nosso ritual quando uma visita a outra – chá é uma alta prioridade.

— Eu não estou aqui para te dizer *eu avisei*, Sloane. Eu estou aqui para ser sua amiga. Sei que eu tenho muito para compensar, mas... Mas eu realmente quero tentar. Se você me deixar?

Coloco um saquinho de chá em cada xícara, me concentrando nos movimentos habituais necessários para completar a tarefa. Isso parece tudo que eu sou capaz de fazer. Eu nem mesmo posso pensar em toda a merda que Pippa está trazendo agora – como ela me traiu tão seriamente – porque nada disso parece importante. Só Lacey. Só Zeth. Só o meu coração se quebrando em múltiplos pedaços. — Nós podemos falar sobre isso outra hora? — eu pergunto. — Eu estou muito cansada agora.

— Claro.

Eu termino de preparar o chá e Pip e eu nos sentamos no sofá em silêncio. Ernie nos observa com suas pequenas sobrancelhas de

Schnauzer se mexendo de vem em quando. — De quem é esse cachorro? — Pippa pergunta.

— Agente Lowell do DEA.

Pippa só acena com a cabeça, como se nós termos o cachorro de Lowell fosse algo completamente normal.

— Por que ele mandou uma mensagem para você? — eu pergunto.

— Quem? Zeth?

— Sim. Ele te odeia. — eu não adoço isso para ela. — Por que ele te mandaria uma mensagem e enviaria você aqui para cuidar de mim? Se ele sabe que eu estou tão fodida quanto ele, por que diabos ele não está aqui pessoalmente cuidando de mim? Ou pelo menos me deixando cuidar dele?

Pippa contrai os lábios com minha primeira declaração, olhando para o líquido pálido e intocado na xícara que ela está segurando. — Você o conhece melhor do que eu, Sloane. Você sabe que tipo de homem ele é.

Estreito meus olhos para ela, pronta para chutar a sua bunda para fora daqui se ela sequer respirar uma palavra ruim sobre ele. Ela instantaneamente levanta uma das suas mãos – a que não está segurando a xícara. — Ele tem estado sozinho no mundo a mais tempo do que consegue lembrar, — ela diz. — Ele nunca teve alguém para cuidar antes. E ele também nunca teve alguém que cuidasse dele. Vai levar um tempo para ele acreditar nisso. Conhecendo o seu perfil um pouco melhor agora, eu poderia arriscar que ele está com medo de contar com você nesse momento. Boas coisas nunca duraram muito tempo na vida de Zeth. Agora que Lacey se foi, ele provavelmente espera que você vá desaparecer em uma nuvem de fumaça também.

— Então você está dizendo que ele não conta comigo porque ele pensa que eu vou morrer? Isso é muito tranquilizador. E o que você quer dizer com *conhecer o perfil dele melhor agora*?

Pippa já está balançando a cabeça antes que eu termine de falar. — Não morrer. Talvez... Apenas deixá-lo. Na cabeça dele, você já viu que ele não pôde proteger sua irmã. Talvez ele espere que você o deixe porque não se sente segura. E depois da sessão muito estranha que nós tivemos na outra noite, eu tive um melhor entendimento dele, Sloane. E, ao mesmo tempo em que eu não estou totalmente convencida sobre

ele, eu confio nele um pouco mais agora, também. Eu sei... Eu sei que ele está fazendo tudo que pode para te manter segura. Isso é tudo que eu sempre quis para você.

Eu já ouvi esse discurso antes, exceto que dessa vez as palavras de Pippa não são maliciosas ou desdenhosas. Eu ouço um eco de verdade nelas. Mas não é nisso que eu estou prestando atenção, no entanto. Ele foi ver Pippa? Para uma sessão? Eu não tinha ideia – ele nunca me disse que ele faria isso – mas pelo olhar no rosto dela, Pippa não sabe disso. Eu mantenho meu rosto em branco, não querendo mostrar minha surpresa.

— Então... Você não acha mais que eu sou louca por estar com ele?

— Eu nunca disse isso, — Pippa responde. — O que eu estou dizendo é que, enquanto a situação é um pouco louca, eu posso ver porque você está nela. Porque você não o deixou. E eu respeito isso. Eu juro, Sloane, eu nunca vou dizer outra palavra sobre vocês dois de novo. Nunca. E eu também vou fazer o meu melhor para ajudá-lo a superar toda a merda que aconteceu com ele. Só, por favor... Nós podemos tentar? Ser amigas de novo? Um dia quando você não tiver agentes do DEA respirando na sua nuca, você irá precisar de alguém para compartilhar um café ou dois, certo? Eu não estive no Fresco faz um bom tempo.

Eu ainda estou brava com Pippa, mas eu já perdi muito nesses últimos meses. Talvez nossa relação não seja como costumava ser, mas eu não tenho que perdê-la totalmente, então talvez isso seja algo que eu posso agarrar. Eu tento sorrir; parece forçado, mas é um começo. — Nós podemos tentar, — eu digo a ela. — Mas no momento que você começar a interferir, é isso. Nós estamos terminadas.

Não há nada forçado no sorriso de Pip. Ela sorri abertamente, e por um momento, parece que ela vai me abraçar. Mas ela não faz. Ela só toma um golinho de chá, ainda sorrindo para mim, seus olhos enrugados nos cantos. — Obrigada, — ela me diz tranquilamente. — Eu sei que eu não mereço isso, mas eu vou te compensar, eu juro.

Eu realmente espero que ela possa. Depois de tudo que aconteceu nos últimos dias, ter uma amiga seria complemente maravilhoso nesse momento.

Capítulo Dezesseis

ZETH

Eu. Não. Consigo. Comer.

Capítulo Dezessete

ZETH

Michael me disse o que ele disse para Sloane. Ele me disse que ela estava preocupada com a sua segurança quando ele a deixou, e ela estava certa com isso. Apenas mostra que ela é uma garota inteligente. Mas Michael também estava certo, há um vácuo de poder agora em Seattle, e quase todas as gangues da cidade vão para a batalha, disputando territórios que recentemente foram colocados à disposição. Os caras que costumavam trabalhar para Charlie não dão a mínima para Sloane. Ela está mais segura agora do que esteve em semanas.

Eu, por outro lado... Eu não estou seguro. Eu posso saber a verdade, mas Charlie deu a entender que eu era seu filho quando pagou Julio, o bastardo gordo, para me deixar em paz. Na época, eu tomei essa notícia como evidência irrefutável de que o velho era meu pai. Agora eu sei que ele só fez isso porque não queria que alguém me matasse antes que ele tivesse a chance. Um caso grave de *eu posso ferir, quebrar, matar meus brinquedos, mas se mais alguém tentar...*

A implicação de Charlie de que ele era meu pai para Julio foi equivalente a contar isso a cada organização criminosa da costa oeste. E se os garotos de Charlie acreditam que eu sou seu filho, e os chefões das incontáveis gangues que contrabandeiam drogas, armas e pessoas acreditarem na mesma coisa, então há, indubitavelmente, um preço pela minha cabeça. O único jeito de deixar essas pessoas saberem que eu não estou interessado no império de Charlie é tomar uma posição. Provar um ponto. Deixar bem claro que eu não dou a mínima para quem assume os negócios do bastardo inglês maluco.

Eu dirijo até Hunt's Point, sem pensar em Lacey. Sem pensar em Michael e Sloane lentamente acomodando minha irmã em uma posição de repouso na qual ela pudesse ser enterrada. Sem pensar na sujeira que eu tive que tirar de debaixo das minhas unhas, a água quente escaldante do banho descascando camadas de pele das minhas costas enquanto eu tentava lavar a memória das ultimas vinte e quatro horas. Porque eu não quero. Relembrar. Eu quero esquecer que Lacey apareceu na minha porta oito meses atrás, e eu quero esquecer que eu

já tive um parente vivo. Eu descobri que bloqueá-la, bani-la da minha cabeça é a única maneira que eu tenho de conseguir voltar a respirar sem sentir como se minha raiva fosse me comer vivo.

Eu paro do lado de fora da velha casa de Charlie por volta do meio da tarde. A casa parece abandonada, mas você pode apostar a sua bunda que há gente observando-a. Charlie comprou o lugar em dinheiro vivo trinta anos antes de existirem rigorosos controles de lavagem de dinheiro na compra de um imóvel. Uma vez que ninguém vai anunciar a morte de Charlie e nenhum banco tem interesse na sua imensa mansão, não vai demorar muito antes que alguém se mude para cá. Apenas tomando o lugar, como se a mudança de proprietário não precisasse ser registrada. Posse, conhecidamente, noventa por cento da lei, afinal.

Não há ninguém dentro da casa para abrir os portões, então eu estaciono na rua a porcaria de Volvo que eu legitimamente peguei emprestado do The Regency Rooms e salto sobre a cerca ao lado da propriedade. Isso me traz memórias de quando eu era um garoto, me esgueirando de volta depois de uma noite de farra. Eu sou mais alto agora, então a cerca não é um problema. Eu não tenho as chaves para entrar na construção principal, mas quem precisa da porra das chaves quando se tem um par de botas tamanho 43 e se está com um humor de merda?

Lascas de madeira explodem para todos os lados quando eu chuto a porta. Por dentro, a casa está silenciosa. Deserta. Eu não perco tempo em começar a me mexer para fazer o que me trouxe aqui. Eu acho gasolina na garagem, latas empilhadas contra a parede para que Charlie nunca tivesse que se rebaixar indo a um posto de gasolina real e lidar com as multidões. Ironicamente, eu sei que ele visitou um recentemente, uma vez que foi onde ele escolheu aquela pobre garota para envenenar.

Ele sempre teve uma queda para o drama.

E nesse momento eu mesmo estou me sentindo um pouco dramático.

Pego duas latas, uma em cada mão; tiro as tampas e depois continuo a andar pela casa, derramando o líquido pungente sobre os carpetes, sobre as paredes, sobre as camas. O último quarto em que eu entro é aquele em que eu dormia quando criança. Ou melhor, aquele em que eu fui atormentado. Tudo parece exatamente igual ao que eu deixei quando dei o fora daqui aos dezoito anos. Os gibis que eu

costumava ler ainda estão empilhados na prateleira, com os cantos dobrados e desgastados, o que é estranho porque eu tomava extremo cuidado com eles quando era mais jovem. Eu sei que eles estão caindo aos pedaços agora porque Charlie... Charlie deve ter vindo muito aqui, eu acho. Ele deve ter sentado na borda da minha antiga cama, manuseando grosseiramente minhas revistas e o resto das minhas coisas, revivendo a merda que ele tinha feito comigo dentro dessas quatro paredes. A merda que ele tentou fazer comigo.

Mesmo que ele fosse maior, mesmo que ele fosse mais forte, ele nunca ganhou. Ele estava sempre bêbado. Chapado. Alguma coisa. Eu nunca o deixei ganhar. Em retrospectiva, acho que isso provavelmente é o que o irritava mais. Eu despejo gasolina por todo o quarto, encharcando o edredom, o carpete, as cortinas, tudo. Fico ali de pé, olhando o lugar, finalmente encarando o que aconteceu aqui, e de repente eu percebo que eu não me importo. Eu não dou a mínima pra essa porra. Charlie está morto. Essa casa em breve será pó. Ele não pode mais me tocar. Mais uma vez, ele nunca irá ganhar.

Eu desço as escadas e faça uma última coisa: vou até a parte de trás da casa, onde o escritório de Charlie está localizado. Seu cofre, uma coisa enorme da porra cimentada no chão, está escondido debaixo de um tapete persa. Eu o arremesso para o lado e não hesito – coloco a data de nascimento da minha mãe, o dia de Natal, no teclado e a porcaria se abre. Eu me sinto enjoado. Ele disse que ele a odiava depois que ela o rejeitou, mas ele obviamente, claramente a amava também. Doente delirante do caralho.

Pego cada maço de dinheiro do cofre de Charlie Holsan, estocando-o em bolsas, e depois deixo a casa. Eu me dou permissão para deixar para trás o stress e o trauma de tudo que aconteceu aqui, também. Do lado de fora, risco um fósforo e o atiro, observando para ter certeza que ele acertar a poça de gasolina derramada nos azulejos do hall.

As chamas crescem como dedos saindo do chão, laranjas, amarelas e azuis, e então a casa está tomada. Eu me viro, ouvindo o sutil *whoompf* do fogo se espalhando, e eu não olho para trás.

* * * * *

Lacey costumava lavar dinheiro para mim. Antes de toda essa merda vir abaixo e Sloane entrar na minha vida, Charlie realmente me pagava bem pra caralho e Lacey limpava o dinheiro para mim. Ela o apostava, e era surpreendentemente boa nisso, ou fazia grandes compras e as devolvia, essencialmente apenas trocando o meu dinheiro pelo de outra pessoa. Isso não necessariamente me dava evidência física sólida para provar a origem do dinheiro, mas era o suficiente para mim. E às vezes, quando era demais para negociar de uma vez só, nós dois saíamos juntos e o enterrávamos em esconderijos de dinheiro. Eu nunca lidei com um banco. Eu nunca tive nada tão administrativo como uma conta corrente. Dinheiro vivo sempre foi rei no mundo de Charlie Holsan e eu era uma parte muito importante do mundo de Charlie. Mas agora eu estou fazendo meu próprio mundo, e as coisas têm que mudar.

Eu preciso de um jeito de tornar legítimo meu próprio dinheiro que está escondido atrás de uma parede de tijolos do armazém, e eu tenho uma ótima ideia de como fazer isso. Só há uma coisa que eu tenho que fazer primeiro. Faço uma breve ligação para Rebel, e então eu coloco as coisas em movimento.

Eu encontro Agente Lowell em uma cafeteria do outro lado da estrada do endereço em Everett que Sloane me deu. Pelo seu olhar, ela está no quarto copo de café do dia. Isso não diminui sua surpresa, no entanto. Ela cospe no chão a maior parte do que está tomando quando coloca os olhos em mim.

— Mas que porra?! — ela engasga. — Você... Você está realmente louco.

Eu olho para ela, desejando me sentir diferente sobre bater em mulheres. — Eu estou realmente cansado, — eu a corrijo. *Eu também estou dolorido, agredido e machucado por quase ter sido explodido e atingido por um Taser.* — Está na hora de terminarmos com essa merda de uma vez por todas.

— Você percebe que eu vou te prender agora mesmo, não é?

Eu só levanto uma sobrancelha para ela.

— Bem, certo então. Eu preciso te algemar ou você vai atravessar a estrada comigo como um ser humano civilizado?

— Há somente uma mulher na face da Terra que eu deixaria me algemar, porra. E ela não é você.

Lowell lidera o caminho para fora da cafeteria; eu posso dizer pelo jeito que as mãos dela estão tremendo, enquanto vamos em direção a uma loja de bebidas do outro lado da estrada que ela está com um pé atrás e pirando completamente. Espero que isso trabalhe a meu favor. Ela me guia por uma escada de incêndio de metal que vai em direção a um prédio atrás da loja de bebidas, e coloca um código em um teclado junto a uma porta de aço reforçado. Nós caminhamos por um corredor sinuoso, passamos por outra porta de acesso, e depois chegamos a uma sala vasta e aberta, cheia de policiais. Um silêncio atordoado cai sobre o lugar. Cerca de dezoito pares de olhos estão observando com descarada surpresa enquanto Lowell me leva pelo meio deles até uma sala fria e estéril. Dentro há três cadeiras, uma mesa e nada mais.

— Sente-se, — Lowell comanda. Assim eu faço. — Fique confortável, — ela me aconselha, e então me deixa sozinho na sala. A porta se fecha quando ela sai.

Essa pode ser a coisa mais estúpida que eu já fiz, mas eu vou acabar com essa porra de uma vez por todas agora. Eu estou cheio de tudo isso. Eu pensei muito noite passada, a cabecinha de Ernie descansando no meu joelho até o sol aparecer, e eu percebi que essa não é a vida que eu deveria estar vivendo. Não porque não teria sido fácil para mim tomar o lugar de Charlie e reivindicar Seattle. Mas porque minha irmã morreu ontem. Eu a vi morrer, e depois a enterrei. Porque a mulher que eu não consigo viver sem é inerentemente boa e merece alguém melhor do que eu. Porque Sloane merece tudo, e eu quero dar isso a ela.

Lowell me deixa trancado na sala de interrogatório meia hora antes de voltar – um movimento comum e francamente transparente da sua parte, designado a me fazer ficar nervoso. A mulher é uma idiota do caralho. Eu não vou ficar nervoso; eu me entreguei, pelo amor da porra. Ela é seguida por um maldito gigante de terno quando entra na sala, seus ombros rígidos com a sua própria importância. Ela com certeza fez um bom uso dos trinta minutos em que me deixou aqui, ligando para os seus superiores e dando a eles as boas notícias – *eu consegui. Eu peguei o maldito bastardo. Eu sei. Eu sei. Você pode me promover mais tarde.*

O gigante, que eu suspeito que só tenha sido convidado para esse interrogatório para fins de decoração, começa a preparar uma gravação de vídeo, a lente apontada diretamente para mim. Eles dois permanecem em silêncio até que o pequeno ponto vermelho está furiosamente piscando para mim.

— Você pode, por favor, dizer seu nome completo para os propósitos desse vídeo, — Lowell diz.

— Zeth Mayfair.

— E qual é o seu nome legal?

Inclino minha cabeça para o lado, atirando para ela um olhar muito entediado. — Esse é o meu nome legal.

— Ok, então. Zeth Mayfair, você tem o direito de permanecer em silêncio. Tudo que disser pode e será usado contra você em um tribunal. Você tem o direito a um advogado. Se não puder pagá-lo, o Estado lhe indicará um. Você entende os direitos que acabei de ler?

Inclino-me sobre a mesa, olhando diretamente para a vadia. — Perfeitamente.

— Bom. Então vamos começar. Nós queremos discutir o seu envolvimento com um indivíduo conhecido apenas como Rebel. Você está ciente de quem é essa pessoa?

Volto a sentar para trás em meu assento, estalando os dedos. — Estou.

— Você sabe o seu paradeiro exato?

— Não, eu não sei.

Lowell inclina a cabeça para o lado, puxando um sorriso apertado. — Você espera que eu acredite nisso?

— Não dou a mínima se você acredita. Essa é a verdade.

— Você tem um número de telefone para contato com ele?

— Não. — ela deve pensar que eu sou um retardado do caralho ou algo assim. Eu caminhei até aqui sem um celular. Não há nenhuma maneira que eu vá entregar as informações de contato de Sloane e Michael para essa vadia em uma bandeja de prata.

— Certo, Zeth. — Lowell toma uma respiração profunda, pressionando a ponta dos dedos contra sua testa. — Vamos voltar para Rebel. Agora vamos falar do seu envolvimento em uma lista de crimes que poderiam te manter preso por muito, muito tempo. Você vai cooperar?

— O que te deu a impressão de que eu não vou cooperar, Denise? Eu não vim até aqui por livre e espontânea vontade?

Ela para, me atirando um olhar seco. — Você já esteve no Mercado Agrícola Monterello?

— Sim. Muitas vezes. Eu compro muitas frutas lá. São orgânicas, você sabia? — então, eles querem falar sobre Frankie Monterello, o último trabalho que eu fiz para Charlie. O mercado não tem câmeras de segurança internas – havia mais negócios ilegais lá dentro do que em qualquer outro lugar de Seattle – então não há maneira deles terem uma gravação minha no local. Eu estava usando o lugar quando atirei em Frankie – atirei nele depois que ele atirou em mim – então não há impressões digitais. Mas ainda assim, é melhor dizer que estive lá em algum momento do que negar completamente e então Lowell produzir evidências que me contrariem.

— Você sabia que Charlie Holsan queria o dono daquele lugar morto?

Balanço para trás em minha cadeira, fazendo uma cara surpresa. — Não, eu não sabia disso. Como você sabe disso? — eu já sei como ela sabe. Rick Lamfetti, o cara que eu me recusei a matar para o velho, o cara que eu enviei para Anaheim, o cara que esteve na folha de pagamento de Lowell sabe Deus por quanto tempo. Ele deve ter gritado e disse tudo que ela queria saber só para manter sua bunda fora da prisão. A coisa é que Rick agora está morto, e sem o seu testemunho, Lowell tem pouco mais do que uma declaração que não pode ser copiada.

A agente sorri para mim. Ela sabe que eu sei que ela não tem nada sobre isso. — Você matou Frankie Monterello para o seu chefe.

— Eu não tenho ideia do que você está falando. Quando esse evento supostamente ocorreu? Eu tenho certeza que serei capaz de te dizer exatamente onde eu estava. Com quem eu estava nessa hora. — eu tenho certeza que os Monterellos nunca chamaram a polícia quando Frankie morreu. De jeito nenhum. Se existe uma coisa com a qual eu posso contar, é que os italianos teriam queimado seu chefe e limpado toda a bagunça sem reportar nada às autoridades. Uma família como essa não quer policiais cutucando nos seus negócios. Melhor dizer que Frankie se mudou para outro Estado ou algo assim, se alguém perguntar.

— Nós não estamos interessados em álibis falsos, Sr. Mayfair.

— Por que eu lhe daria um álibi falso? Só estou tentando ajudar.

Lowell parece que acabou de engolir um litro de água sanitária. — Bem, eu realmente espero que esse sentimento permaneça, Sr. Mayfair. Porque você vai nos ajudar por um bom tempo.

Capítulo Dezoito

SLOANE

— O incêndio começou por volta das três horas da tarde. Conhecida por ser a casa de Charlie Holsan, um homem suspeito de estar envolvido em uma série de operações ilegais, a mansão de oito quartos estava avaliada em 2,3 milhões de dólares. Sr. Holsan ainda não se apresentou para falar com as autoridades ou com o capitão do corpo de bombeiros sobre o fogo. Há especulações de que o homem de sessenta e dois anos de idade poderia realmente estar no interior da construção, mas isso não será confirmado até que os bombeiros consigam controlar as chamas e os oficiais possam investigar. Isso, no entanto, pode não ser fácil. A ferocidade e a rapidez do fogo já enfraqueceram significantemente a estrutura da mansão. É muito improvável que o interior esteja intacto quando esse inferno acabar. Fique ligado no Canal Six News Live para atualizações contínuas.

Eu desligo a televisão, com uma doente sensação dos meus órgãos se torcendo. Zeth fez isso. Eu sei que ele fez. Há muitas outras pessoas aí fora que teriam motivos para colocar fogo na antiga casa de Charlie Holsan, mas eu sei, no fundo dos meus ossos, que foi Zeth. Pippa se senta no sofá ao meu lado, ainda olhando para a tela de TV agora preta.

— É errado eu estar feliz porque ele está morto? — ela diz suavemente.

Eu me viro para olhar para ela, surpresa. — Sério? Você está feliz que ele está morto?

— Claro que sim. Ele fez incontáveis coisas impronunciáveis para você. E... E para Zeth. Ele envenenou uma mulher em um posto de gasolina. E ele me assustou pra caralho quando invadiu o apartamento para pegar Lacey. Sem mencionar que ele é o verdadeiro culpado por Lacey estar morta.

Quando ela coloca assim, eu posso ver o seu ponto. Mas ela é sempre tão ponderada. Ouvi-la admitir que está feliz que alguém como Charlie teve o que mereceu é um pouco fora do personagem. — Eu

achei que você preferiria levá-lo à justiça. Enviar o desgraçado para a cadeia ou algo assim.

Pippa balança sua cabeça. — Merda, não. A prisão é muito boa para caras como ele. Melhor que ele apodreça no inferno do que ser um sanguessuga do Estado pelo resto da sua vida. Além disso, — ela diz, sua voz assumindo um tom duro, — ele ainda poderia ser capaz de controlar as coisas lá de dentro. Sempre há pessoas prontas para executar as ordens de prisioneiros. Você e Zeth ainda estariam em perigo.

Eu não sei se ela sequer percebeu que incluiu Zeth em suas preocupações, mas esse fato me dá vontade de chorar. Eu sei que nós estivemos afastadas, mas eu quase posso ver um futuro onde Pippa não somente apoia minha relação com o homem que ela considera o único responsável por arruinar minha vida, mas talvez... Talvez ela até mesmo goste dele. Esse é um grande chute, desejar algo como isso, mas eu tenho que ser otimista com essas coisas. Se eu não for, eu vou ficar louca.

Michael volta para casa no meio da tarde com um olho preto e o lábio partido. Pippa pula do sofá quando ele cambaleia pela porta, ainda com as luvas que ele estava usando mais cedo, embora agora estejam encharcadas de sangue. — Oh meu Deus, esse sangue é seu? — Ela suspira.

Michael levanta uma sobrancelha ao ver Pippa no The Regency Rooms. — Não tudo, — ele diz. E então, para mim, — Onde está o chefe? Ele já voltou?

Balanço minha cabeça. — Tentei ligar para ele mais cedo. Ele não atendeu. Eu acho... Eu acho que ele precisa de espaço.

Na verdade, machuca um pouco que Zeth deixou seu celular tocar em vez de falar comigo, mas eu sei como ele está rasgado por dentro nesse momento. Ele está lidando com seus problemas da única maneira que ele sabe, incendiando casas e sabe Deus o que mais. Melhor não tentar adivinhar.

— Ele vai estar de volta antes do anoitecer. Ele me prometeu, — Michael diz.

— E Julio? O que aconteceu com Julio e Rebel?

Michael joga um olhar cauteloso na direção de Pippa. — Talvez seja melhor eu não dar detalhes agora. É suficiente dizer que os

problemas de Rebel estão resolvidos. E nós não precisamos nos preocupar novamente com Julio, também.

Provavelmente ele está certo. Pippa não sabe nem metade da merda em que Rebel está envolvido, e nem eu. Francamente, eu não quero saber. Desde que Michael esteja bem, eu estou feliz em deixar essa conversa para outra hora. Pelo tom da voz dele e pela finalidade das suas palavras, Julio Perez está tão morto quanto Charlie Holsan, e isso é tudo que eu preciso ouvir.

— Há mais uma coisa, no entanto, — Michael me diz, fazendo uma careta enquanto se senta em um dos bancos altos do bar. — É a sua irmã. — apesar de tudo que aconteceu, apesar de quase toda essa confusão ser culpa dela, meu coração bate na garganta.

— O quê? O que é? Ela está bem?

Michael acena. — Ela está bem. Contudo, ela está aqui em Seattle. E... Ela quer te ver.

Lacey vem instantaneamente à minha cabeça. Eu a considerava como uma irmã há algum tempo; faz menos de 24h desde que nós a enterramos, e nesse momento parece que a dor pela sua perda nunca vai ceder. Eu já perdi uma irmã, mas eu ainda tenho outra que está muito viva. Eu deveria permanecer furiosa com Alexis? Sim. Um dia eu vou ser capaz de perdoá-la pelo que ela me fez passar? Eu não sei. Mas isso significa que eu deveria cortá-la da minha vida para sempre? Meu pai sabia que ela estava viva há muito tempo, enquanto minha mãe e eu nos rasgávamos de preocupação por ela, e depois temendo a sua morte. Mas ele disse que eu não sabia o lado de Alexis da história, que ela tinha uma razão para fazer o que fez. Talvez seja hora de dar uma chance a ela de me contar a sua versão. O simples pensamento me deixa com raiva – como se pudesse haver uma razão boa o bastante – mas eu acho, olhando de fora, que minha própria situação poderia ser difícil para que minha família e amigos entendessem. Eu tenho certeza que Pip confirmaria isso.

— Ok, certo. Eu vou vê-la. Mas... Mas não ainda. Eu preciso de um pouco mais de tempo. — eu preciso que meu coração pare de doer. Eu preciso que meu mundo pare de se despedaçar. Michael acena silenciosamente – o homem parece completamente exausto, como se ele tivesse corrido uma maratona enquanto lutava por sua vida. — Você precisa de pontos? — pergunto a ele. Alguma coisa sempre precisa de pontos. Mas Michael só se espreguiça e levanta do banco, indo até a geladeira. Ele pega três cervejas, torce as tampinhas, e alcança uma

para mim e uma para Pippa. Eu nunca vi Pippa beber cerveja, muito menos direto da garrafa, mas ela a aceita com um pequeno — Obrigada.

— Eu não preciso de pontos. Eu preciso beber, — Michael diz. — eu preciso ficar absolutamente fodido. E agora que nós estamos livres de Holsan e Perez, eu acho que nós merecemos uma noite de folga. E... E eu quero beber pela nossa garota.

Eu ia me opor a ficarmos completamente bêbados – a ideia parece muito imprudente – mas assim que Michael termina seu discurso de que nós não temos mais preocupações sobre chefões da máfia, assim que ele traz para a roda bebidas por Lacey, todas as dúvidas voam pela janela. Eu levanto minha garrafa de cerveja, entendendo-a na direção dele para brindar.

— À Lacey, — eu digo.

— Lace, — Michal acrescenta.

Pip levanta sua garrafa e se junta a nós, e eu não posso evitar – as lágrimas começam a fluir novamente. Vai demorar até que eu consiga pensar na garota sem me quebrar. Minha tristeza aumenta ainda mais quando eu penso em Zeth lá fora, em algum lugar por si mesmo, se sentindo dez vezes pior do que eu posso imaginar.

Michael lê minha mente. Ele gentilmente toca com a ponta dos dedos a minha bochecha, sorrindo tristemente para mim. — Ele vai ficar bem. Eu prometo. Ele vai ficar bem, porque ele tem você.

Capítulo Dezenove

ZETH

Sete horas. Lowell e seu gigante silencioso me mantêm preso por quase sete horas. Ela me questiona interminavelmente sobre Monterello, e depois faz as mesmas perguntas várias vezes de três maneiras diferentes. Ela tenta e não consegue me fazer escorregar, dizendo algo que contradiga o que eu falei antes, e eu só continuo dando a ela as mesmas respostas.

Ela me questiona sobre o meu passado com Charlie. Ela me questiona sobre a morte do seu colega no hospital – aquele em quem Charlie atirou, não eu. Ela me questiona sobre a explosão do lado de fora da Igreja St. Finnegan ontem de manhã. Ela me questiona sobre a morte de Andreas Medina, cujo corpo foi encontrado com a cara virada para o chão em uma suíte no Marriott no centro. Ela me questiona sobre tudo e todos que possam ser usado para trazer acusações contra mim.

E a verdade deliciosa é que ela não tem nada para me culpar. Absolutamente porra nenhuma. É bastante óbvio o que ela está tentando fazer. Lowell sabe que ela está na merda, mas ela tem esperança que eu seja um completo idiota. Ela está esperando colocar o medo da ira de Deus em mim falando desses crimes hediondos, então quando ela chegar me perguntando o que ela realmente quer saber eu vou estar pronto e disposto a cooperar para salvar a minha própria bunda. Ela acabou de começar o quarto round de perguntar sobre Medina – *quando você o viu pela última vez? O que foi dito entre você e a vítima?* – quando eu finalmente perco a paciência com essa besteira.

Eu me inclino sobre a mesa, meus dedos entrelaçados juntos e encarando a cadela do mal. — Você quer Rebel. Por que nós não cortamos essa merda toda aqui, Denise? Por que você não me pergunta o que realmente quer saber para que você possa ir para casa comer sua refeição congelada e eu possa dar o fora daqui?

Lowell fica rígida, como se eu tivesse arruinado o seu jogo e ela ficou irritada com isso. — Certo, Zeth. Você está realmente muito otimista se pensa que vai sair daqui antes que nós tenhamos acabado

de falar, mas ok. Pelo seu argumento, vamos falar sobre Rebel. Você sabe onde ele está?

— Não. Eu já disse que eu não sei.

Um fogo acende-se nos olhos de Lowell. Eu posso imaginar ela dizendo ao gigante para desligar a câmera para que ela possa encontrar para si uma lista telefônica – o melhor amigo dos policiais corruptos – mas ela não faz. Ela mantém as rédeas da sua fúria longas o suficiente para me fazer outra pergunta. — O que você pode me dizer sobre ele, então?

— Por que você o quer tanto?

— Acho que você está confundindo a dinâmica do nosso relacionamento, Sr. Mayfair. Você não me faz perguntas.

— Eu faço se você quer informações específicas.

Ela bufa, batendo com a unha do dedo indicador contra a superfície riscada da mesa entre nós. — Certo. Rebel compra garotas. Ele as compra e depois elas desaparecem. Sem rastro. Nós sabemos que ele está pesadamente envolvido com tráfico humano. Nós sabemos que ele está assassinando essas mulheres. Nós só não sabemos onde e como. Dado o seu recente envolvimento na tentativa de encontrar a irmã da Dra. Romera, eu penso que talvez você não dê a mínima para essas mulheres.

Então ela ouviu os mesmo rumores que eu ouvi sobre Rebel. Acredita nas mesmas coisas que eu acreditava antes de conhecer o cara. Eu sei a verdade agora, no entanto; Rebel auxiliou e financiou a realocação de mulheres quebradas que estavam sendo vendidas como escravas sexuais. Ele não as matou; ele as ajudou.

— Diga-me de novo, o que o DEA representa, Agente Lowell?

— Você está dado uma de espertinho? — Lowell cospe.

— Não, não mesmo. Eu só estou imaginando por que o Órgão de Controle e Combate às Drogas... É isso que ele representa, certo? Por que o Órgão de Controle e Combate às Drogas está tão envolvido em um caso que não envolve drogas, até onde eu posso ver.

— Você não precisa se preocupar com a papelada, Zeth. Tudo que você precisa se preocupar é me ajudar em minhas investigações, e dessa forma talvez, *talvez,* eu faça um acordo para que você não tenha

que passar de novo um tempo muito longo na porcaria de Chino, sendo servido todas as noites...

— Não me ameace. — Lowell fica instantaneamente em silêncio. Talvez seja o olhar frio de raiva em meu rosto, ou talvez o claro aviso em minha voz, mas de qualquer maneira a vadia cala a boca. Essa é a coisa mais esperta do caralho que ela já fez. — Vou te dizer o que vai acontecer. Você vai arranjar a ficha limpa que você deveria ter arranjado para a minha garota quando ela quis te encontrar no shopping. E vai conseguir isso assinado. Você vai trazer isso aqui e colocar na minha mão, e então eu vou te dizer tudo que você precisa saber sobre Rebel.

— Você realmente acha que está em posição de fazer exigências...

— E se você não fizer isso, — eu digo, baixando minha voz, — você vai ter que me libertar em 48h devido ao fato de que não tem evidências para me acusar. E quando eu sair, Agente Lowell, eu vou ser *um homem muito irritado.*

— Oh, você está me ameaçando agora? — Lowell pergunta. Seu rosto fica branco, mas há também duas pequenas manchas vermelhas queimando furiosamente no centro das suas bochechas.

— Eu não sonharia com isso. Só estou falando dos meus sentimentos. Meu conselheiro em Chino dizia que era uma boa ideia compartilhá-los de vez em quando. — ela nunca deveria ter trazido a questão de me mandar de volta para a porra da prisão. A simples menção daquele lugar é o suficiente para escurecer meu humor em um nível de breu do caralho.

Lowell sabe, apesar da minha negação, que eu mais que definitivamente estou ameaçando-a. Ela deve ser capaz de ver a ameaça clara como o dia em meus olhos. — Diga-me o que você vai me dar e eu vou considerar a sua oferta, — ela diz.

— Eu vou te dizer para onde as garotas vão. Eu vou te dizer quem as sequestrou em primeiro lugar. Eu vou te dizer onde fica o complexo dos Widow Makers.

— Você deve pensar que nós somos idiotas. Nós já sabemos onde é o complexo, Zeth.

— Eu vou te dizer quando eles estarão lá. E eu também vou dizer onde você pode achar o corpo de Charlie Holsan.

Isso chama a atenção dela. — Holsan está morto?

— Assim eu ouvi. Não posso confirmar, é claro. É o que eu ouvi as pessoas dizendo por aí. — eu posso ver que ela está interessada; e sei que eu a peguei. Agora é só uma última coisinha para fechar o acordo. — Se nós fizermos isso, eu vou te dar as localizações de todas as lojas de corte de Charlie. Você poderia, na verdade, apreender drogas quando estivesse lá. Talvez isso faça com que essa papelada com a qual você disse para eu não me preocupar pareça um pouquinho mais importante, certo? — eu sei tão bem quanto ela que essas garotas desaparecidas não são sua jurisdição. Os Federais deveriam estar sobre todo o caso. Eu imagino que eles estariam se soubessem sobre isso, o que significa que Lowell escondeu isso deles. Isso é pessoal para ela.

Ela me dá um sorriso amargo, acenando, os olhos fixos na mesa. — Você me dá isso e eu vou ver o que posso fazer.

— Os papeis primeiro, Denise, e então nós falamos. Nesse meio tempo, que tal você me conseguir comida e uma boa xícara de chá? Eu estou com um pouco de fome, sabe?

Cinco longos segundos se passam enquanto Lowell olha para mim com a intensidade do sol. Ela não pode dizer não. Ela quer dizer – nada traria mais prazer a ela do que jogar minha bunda na prisão e sumir com a chave – mas com a mão cagada que ela tem estado segurando desde que nós entramos nessa sala, ela sabe que não tem outra opção além de cooperar. Ela fica de pé, murmurando baixinho. A câmera que grava o vídeo é desligada.

— Eu vou conseguir os seus papeis, Mayfair, mas eu juro, se você não nos der tudo que precisamos, eu vou me certificar que você nunca mais veja a luz do dia.

— Justo.

— E Ernie... É melhor Ernie estar bem, seu filho da puta.

— Ah, esqueça Ernie. — Eu sorri, sentindo um perverso prazer no que estou prestes a dizer. — Nós vamos ficar com Ernie, Denise.

* * * * *

Tenho três pedaços de papel dobrado no bolso de trás, marcando através do meu jeans, quando eu subo os degraus do The Regency Rooms. Sinto-me leve. Realmente muito leve, como se eu pudesse

flutuar para longe, se eu não tomasse cuidado. A única coisa que me puxa para o chão é a memória persistente de Lacey. Eu vejo isso toda vez que eu fecho a porra dos meus olhos. Aquele mais breve momento em que ela falou comigo antes de morrer. — Você me deu tudo. O único que fez isso alguma vez.

Mata-me saber que o meu melhor não foi nem perto do suficiente para mantê-la a salvo. Para mantê-la viva. Eu acho essa ideia fisicamente enjoativa. Eu estava tão travado na minha própria merda com Charlie, Sloane e a irmã dela, que cuidar de Lacey ficou em segundo plano. De todas as pessoas do mundo ela era a última com a qual eu deveria ter deixado a bola cair. Ela era instável. Ela era uma completa bagunça fodida, sério. Eu deveria ter tido uma vigilância em cima dela cada maldito segundo do dia. Eu sinto que falhei com ela.

Surpreendentemente, essa não é a parte que me deixa mais triste, no entanto. Eu estou mais esfolado porque eu sinto falta dela. Eu já sinto falta dela. Minha irmã foi embora dessa vida há pouco tempo, mas o período de tempo não parece relevante agora. Talvez seja o conhecimento de que ela não vai voltar, nunca mais, que faz a dor no meu peito insuportável.

Eu me sentei lá durante toda a noite, olhando pela janela enquanto Sloane dormia, e eu lutei com a minha natureza. Eu queria quebrar alguma coisa. Eu queria queimar tudo até o pó, não apenas a casa de Charlie. Eu quero fazer um alvoroço e bater nas pessoas, matar pessoas com as minhas mãos nuas. Mas então eu me dei conta de algumas coisas. A primeira é que não ficou ninguém para bater. Ninguém para matar. Nada para queimar. A segunda é que a minha total e completa falha do caralho como irmão significa que eu nunca mais vou falhar com quem é importante na minha vida de novo. Isso vale especialmente para Sloane. A terceira percepção que me atingiu, enquanto o sol nascia sobre Seattle e Ernie estava roncando suavemente em uma bola cinza aos meus pés, é que eu fodi com a vida de Sloane. Eu não sou louco. Eu já estava bem ciente que eu fodi a vida dela, mas eu percebi que é minha responsabilidade consertar isso. Então é sobre isso que hoje tem sido – consertar coisas, para mim e para Sloane. Porque ainda que eu realmente não mereça, minha irmã sempre quis que eu fosse feliz, também.

Três pedaços de papel queimando um buraco no meu bolso de trás. Uma mansão incendiada. Uma esperançosa tentativa de construir uma ponte entre Sloane e a sua amiga sempre-muito-irritante. Só tem mais duas coisas que eu preciso fazer da minha lista. Dois itens que

estão atualmente em funcionamento. Eu fiz uma breve pausa no caminho de volta ao hotel para resolver um deles, então só resta realmente um.

O porteiro do The Regency Rooms é uma mulher dessa vez. Ela me dá um sorriso convidativo enquanto me encaminho para o elevador, e eu me encontro sorrindo de volta, embora não seja como teria sido antes de Sloane. Agora eu sou educado, mas também sou comprometido. Eu nunca vou sorrir para outra mulher do jeito que ela acabou de sorrir para mim.

Dentro do elevador, o celular que eu deixei no meu passeio quando fui ver Lowell chama.

Você disse a ela o que eu disse para você dizer?

212-776-4540 Recebida às 19:59.

Sim. Ela está indo para você na próxima semana. Você tem tudo planejado?

Enviada às 19:59.

Eu vou estar pronto. Te vejo em breve. Falo com você depois, concunhado.

Recebida às 20:00

Durante a breve conversa que eu tive com Rebel mais cedo, o presidente dos Widow Makers me disse para dar a Lowell o pen drive que ele havia dado a Sloane. Uma vez que eu entreguei isso para a Agente, junto com a senha – Accordia – Lowell teve acesso a um grupo de arquivos contendo detalhes pessoais, localizações e endereços de todas as mulheres que Rebel realocou. Lowell parecia quase desapontada que nenhuma das mulheres estava morta.

Junto com essa informação, Rebel também me disse para dar a ela a data em que ele estaria de volta ao Novo México. Dia oito de dezembro, em dez dias a partir de agora, os Widow Makers vão voltar para o seu complexo, prontos e esperando. Eu não sei qual é o plano

dele. Tecnicamente, Lowell não pode investigá-lo pelas garotas, que ainda estão vivas, mas ela pode ir atrás de Alexis. Eles são loucos, mas eu entendo porque eles querem enfrentá-la. Pela mesma razão que eu a enfrentei hoje: então ele e Alexis podem seguir com as suas vidas. Para dar um fim a essa loucura.

Quando eu saio do elevador, o primeiro som que eu escuto é de vidro quebrando. Eu vou direto para o apartamento que estou dividindo com Sloane. Eu estava errado? Talvez um dos garotos de Charlie guardou rancor. Talvez um deles descobriu onde ela estava e decidiu terminar o que o velho começou. Minha pulsação está martelando por todo meu corpo no momento em que eu consigo abrir a porta.

Pippa está deitada no chão de costas, rindo histericamente. Eu chego rápido, um punho levantado, lutando para entender o que eu na verdade estou vendo. Pippa no chão? Pippa no chão, rindo? Ela me vê, seus olhos preguiçosos enquanto ela tenta me focar, e solta um grito. — Zeth! Zeth está de volta!

Eu ouço um som estrangulado vindo de algum lugar lá de dentro do apartamento – do banheiro, talvez? A cabeça de Sloane espreita pelo corredor. — Aí está você! — ela vem correndo e se atira em cima de mim. Seus braços enrolados em volta do meu pescoço, suas pernas ao redor dos meus quadris. Ela me beija, e ela tem gosto de cerveja. Leva um momento beijá-la de volta. Não porque eu não quero beijá-la, mas porque eu estou desfrutando do momento. Seus lábios nos meus, seu corpo pressionado contra o meu. Eu estava feliz quando ela me deu algum espaço ontem – eu precisava disso desesperadamente – mas nesse momento ter Sloane tão perto parece imperativo.

Eu fixo meus braços ao redor das suas costas, ferozmente a segurando da mesma forma que ela me segura. Ela para de me beijar e então descansa sua testa contra a minha.

— Você está bêbada, — eu digo a ela, no caso de ela não ter percebido.

— Eu sei. Você sumiu.

— Eu sei. Eu sinto muito. Mas valeu a pena, no entanto, eu prometo.

— Michael está doente. Ele bebeu demais, — Sloane sussurra. Ela parece adorável assim, olhos bem abertos e mais do que um pouco bêbada.

— Parece que vocês todos fizeram isso, hein? — ela concorda, e eu tenho uma vontade irresistível de carregá-la para fora desse apartamento, para longe. Eu não tenho ideia de onde, apenas longe. Algum lugar em que eu possa mantê-la para mim. Em vez disso, eu a carrego até o quarto e a coloco sobre a cama, totalmente vestida. — Tire um cochilo. Eu volto logo, — eu digo a ela. Ela não precisa de muito para ser convencida; seus olhos já estão piscando fechados na hora em que eu a cubro com as cobertas.

Há vidro quebrado por todo o azulejo do banheiro – foi daí que veio o som de algo quebrando que ouvi no corredor. Michael está caído sobre o vaso sanitário, a testa apoiada no antebraço, completamente frio. — Porra. — Eu só olho para ele por um momento e considero deixar a sua bunda lá. Mas eu sei porque ele está assim agora. Ele era tão próximo de Lace quanto eu. Eu não posso culpá-lo. Se eu deixasse uma única gota de álcool cair nos meus lábios, eu ficaria muito, muito pior do que ele. Eu ficaria catatônico. Eu me quebraria. Eu morrera. Eu não poderia deixar isso acontecer dessa vez.

Eu agarro seu pulso e o levanto, puxando-o para cima para que eu possa erguê-lo sob meu ombro. É um caminho pequeno e estranhamente cambaleante até o chuveiro, orientando-o para nós evitarmos a piscina de cerveja e cacos de vidro espalhados por tudo. Meu garoto não consegue ficar de pé no chuveiro, então eu fico lá de pé com ele, segurando-o, e giro a torneira de água fria.

Os sprays de água geladas descem em nós dois, e Michael quase salta para fora de sua pele. De repente bem acordado pelo choque do frio, ele agarra a minha camisa com ambos os punhos e grita.

— *Porra! Porra, porra, porra.* Que diabos, cara? — eu só o seguro, certificando-me de que ele permaneça sob o fluxo de água gelada. Raiva dança em seus olhos; ele tenta me empurrar para longe, mas eu o aperto com mais força. — Que diabos, Zeth? — ele grita.

— Apenas lide com isso.

— Sai de cima de mim, — ele ruge.

— Não.

Ele me bate. Para a sua sorte ele está completamente podre de bêbado, ou eu me sentiria compelido a retribuir. O seu golpe é pouco sentido, de qualquer maneira. Eu estou muito anestesiado pelo frio e, para ser honesto, eu meio que preciso disso. Eu me sinto perigosamente anestesiado em geral. Ele levanta o punho e bate de novo, embora dessa

vez não haja a intenção de machucar. Leva questão de segundos antes que ele entre em colapso nos meus braços e comece a chorar.

Ele chora silenciosamente, seu corpo tremendo com o poder disso, e eu deixo. Eu o amo por isso. Eu o amo porque ele amava Lacey. Eu olho para a argamassa entre os azulejos, tentando não me juntar a ele. Eu chorei por Lace ontem, no entanto. Eu chorei pela primeira vez desde que meu tio decidiu que estaria tudo bem levantar sua mão para mim, vinte e oito anos atrás.

— Sinto muito, cara. Sinto muito. — Michael repete isso uma e outra vez, como se de alguma forma ele achasse que o que aconteceu com Lace fosse culpa dele. Eu não digo nada, porque eu sei que ele não vai se lembrar. Quando ele se acalma e começa a tomar um pouco de seu peso em suas próprias pernas, eu desligo a água e o guio para fora do chuveiro, tomando cuidado com o vidro novamente, e depois para um dos quartos desocupados. Dou-lhe uma toalha e privacidade, e vou verificar o terceiro elemento deste pequeno vale-tudo. Pippa está adormecida exatamente na mesma posição que estava quando eu corri para dentro do apartamento, as costas no chão, braços e pernas abertos e estendidos.

Uma grande parte de mim quer na verdade deixá-la aqui – é desconfortável pra caralho acordar no chão duro e frio pela manhã, o que serviria bem a ela – mas ela veio aqui quando eu lhe pedi. E ela não chamou a polícia quando eu fui ao seu apartamento. Eu acho que algumas pessoas chamariam isso de progresso.

Eu a coloco na cama no terceiro e último quarto, e então verifico se Michael não se afogou no próprio vômito. Idiotas do caralho. Eu tomo um banho quente e rápido, e então me encontro parado no corredor, do lado de fora do quarto de Sloane. Com todas as camas agora ocupadas, eu deveria ir dormir no sofá. Se não no sofá, eu poderia ir para um dos quartos no apartamento de Michael.

A coisa é... eu não quero ir.

Eu realmente não quero ir.

Eu deixo minha mão pousar sobre a maçaneta, pesando as minhas opções. Eu poderia dormir em uma cama com Sloane e tudo poderia dar certo. Eu poderia dormir em uma cama com Sloane e poderia acordar e pensar que ela é Charlie e tentar matá-la. O risco parece grande demais. Porra. Eu puxo minha mão para longe, viro e caminho pelo corredor, me odiando mais e mais a cada passo.

Charlie está bem morto. Ele está bem morto e ele não deveria ainda ser capaz de ditar a porra da minha vida. Ele não deveria conseguir arruinar a única coisa boa que veio para mim. Isso é loucura. É uma absoluta loucura que eu ainda estou deixando que ele faça isso.

Eu tomo uma decisão aqui e agora que eu não vou mais deixar.

Eu paro. Eu viro. Eu vou para o quarto de Sloane antes que eu tenha a chance de mudar de ideia. Sem refletir do lado de fora da porta dessa vez. Eu vou direto para dentro, e Sloane está curvada em uma bola no meio da cama. A sua respiração é lenta e eventual, os sons de alguém dormindo profundamente.

Eu posso fazer isso. Eu posso dormir na mesma cama que ela e não machucá-la. Solto minha toalha e subo na cama, completamente nu. Como se ela sentisse a minha presença, Sloane se aproxima de mim, então suas costas estão pressionadas contra o meu peito. Isso é completamente estranho para mim. Eu realmente não sei o que *devo* fazer, então eu faço o que eu *quero* – me enrolo ao redor dela e a aperto com força. Essa vez é tão diferente daquela que Sloane e eu passamos na mesma cama na Villa de Julio. Dessa vez eu estou segurando-a de verdade, e eu *quero mesmo* estar aqui. Eu caio no sono pela primeira vez com uma mulher em meus braços. É como estar no Paraíso.

Capítulo Vinte

SLOANE

Eu me sinto como se eu estivesse sendo cozida. Eu sinto como se meu corpo fosse feito de chumbo. O mundo ainda está escuro quando eu acordo, e há uma forte possibilidade de que eu esteja sufocando. Por um momento, é como se eu estivesse paralisada e não pudesse me mover. Pânico surge através de mim, acelerando meu coração. Mas então eu percebo que não estou paralisada; estou apenas sendo presa ao colchão por um homem muito pesado, dormindo.

Zeth está na cama comigo. Zeth está na cama comigo, e ele está dormindo.

Ele fez isso. Ele veio para a cama comigo, depois de todo esse tempo, por vontade própria. Eu cuidadosamente me viro para encará-lo, meu nariz pressionando contra a sua clavícula, e eu cheiro ele com cautela.

Ele tem um cheiro incrível – uma mistura de gel de banho e algo mais marcante, algo que não cheira como nada mais no planeta. É apenas o cheiro de Zeth, e eu amo isso. Minha cabeça está latejando – eu vou ter uma ressaca do inferno quando o sol nascer, mas nesse momento eu estou naquele estágio entre tempos em que ainda posso sentir o poder do álcool agindo sobre o meu corpo, mas estou sóbria.

Os braços de Zeth estão apertados ao meu redor. No começo eu acho que é uma ação subconsciente realizada no sono, mas então eu sinto a pressão dos seus lábios contra a minha testa e eu sei que ele está acordado.

— Desculpe, — eu sussurro. — Eu não queria te acordar.

— Tudo bem, — ele me diz, sua voz grossa de sono. — Venha aqui. — ele coloca uma mão no meu quadril e me puxa de alguma maneira mais perto, ainda que nós já estejamos pele como pele.

— Você... está bem? — eu pergunto com cuidado. Eu não quero fazer um grande negócio sobre o fato de ele estar aqui. Mas é um grande

negócio. Isso significa muito para mim, e isso, e como ele está sendo comigo, também é um grande negócio.

— Eu estou bem, — ele sussurra. Há tanto sentimento por trás dessas palavras. Eu sei que Zeth não está falando somente sobre o fato de estar aqui comigo na cama. Ele está falando sobre Lacey. Vai levar muito, muito tempo até que qualquer um de nós consiga superar a sua morte, mas por agora Zeth está me deixando saber que ele está conseguindo manter a sua merda junta. Isso pode não necessariamente ser uma boa coisa. Talvez seja melhor para ele quebrar por um momento, mas eu não posso ser a pessoa a lhe dizer isso. Ele vai quebrar ou não, mas de qualquer maneira eu estarei lá para ajudá-lo. Ele se move lentamente, sonolento, trazendo seus dedos para tocar minha bochecha. A ação é suave. Gentil. Inesperada.

— Sloane... nós estamos *livres.* — ele sussurra.

— Estamos? Julio...

— Julio já foi resolvido.

— Michael disse isso. Mas como?

— Eu não sei os detalhes ainda. Mas Rebel disse que ele está muito longe.

— Muito longe como morto?

Eu apenas posso ver o contorno do sorriso fraco de Zeth na escuridão. — Eu realmente não sei. Mas muito longe é bom o suficiente para mim no momento. — ele continua a traçar seus dedos sobre o meu rosto, as pontas ternamente explorando as linhas do meu nariz, minhas maçãs do rosto, meu queixo. — E você não precisa mais se preocupar com Lowell, também. Eu cuidei disso, — ele diz.

— Cuidou disso? Tipo cuidou *dela*?

— Não. — Zeth ri baixinho, o som um trovão baixo em seu peito. — Eu prometo a você, Sloane, não haverá mais isso de *cuidar de alguém*. Nunca mais. Eu fiz um acordo com Lowell. Eu troquei informação por aqueles passes caia-fora-da-prisão com que ela nos provocou.

Eu me empurro para trás para olhá-lo direto nos olhos. Ele está falando sério? Embora seja difícil ver muito no escuro, eu posso ver o seu olhar intenso. O puxão apertado dos seus lábios. Ele está. Ele está falando 100% sério. — Oh meu Deus. O que aconteceu?

Zeth me conta sobre a vez dele próprio procurar Lowell. Sobre as sete horas de incessante interrogatório enquanto Lowell tentou fazê-lo tropeçar. Sobre entregar informação que Rebel *queria* que Lowell tivesse em troca das três folhas de papel A4 – uma para mim, uma para Zeth, uma para Michael – que nos livra de qualquer acusação criminal que pode ou não ser feita contra nós.

— E então... É isso. Sem mais Charlie. Sem mais Julio. Sem mais Lowell.

Não mais Lacey. Mas eu não digo isso. Ao invés disso, pergunto. — Sem mais pesadelos?

Zeth suspira, enterrando seu nariz no meu pescoço. — Eu não sei. Talvez.

— Mas nenhum até agora?

— Nenhum até agora, — ele confirma.

— Então... Você quer voltar a dormir? — eu não quero voltar a dormir. Eu quero fazer outra coisa, e eu acho que Zeth pode estar nessa. Mesmo que eu esteja completamente vestida, não me escapou o fato dele estar nu. E eu posso senti-lo ficando duro, sua ereção cavando no meu estômago enquanto ele me segura perto.

Zeth não diz nada em resposta. Ele só me olha, seus olhos escuros me considerando de um jeito que eu não estou inteiramente acostumada. Eu estou acostumada com a faísca perigosa em seus olhos. Ela ainda está lá, mas... Eu sinto que a divisão que nos mantinha afastados agora se foi. Isso faz com que eu segure a respiração.

Zeth se inclina para me beijar, e sua boca é gentil e suave. Um som baixo retumba no fundo da sua garganta. Seus lábios são incríveis nos meus – exigentes e lentos, mas ainda firmes. Ele trabalha com as mãos no meu cabelo, e então as trás para baixo para carinhosamente cobrir meu rosto. Tudo sobre esse momento é diferente. Ele não é normalmente assim. Normalmente, parece que eu estou sendo arrastada por uma maré imparável, sendo puxada para baixo por uma força muito maior do que eu. Estar com ele sempre me lembra da única vez que eu tentei surfar quando era uma adolescente de férias na Califórnia. O instrutor me deu um valioso conselho que funcionou notavelmente bem: *se você for puxada para baixo por uma onda, não lute com ela. Você nunca irá vencer. O oceano é muito mais forte que*

você. Ele é selvagem. Tudo que você tem que fazer é segurar a respiração. Relaxar. Ir com a onda, que eventualmente você voltará para a superfície.

Zeth sempre pareceu uma onda para mim, selvagem e imparável, e essa é a parte que me assustava sobre estar com ele. Mas agora eu sinto que nós somos forças iguais que se anulam mutuamente. Tanto como eu amo a liberdade de deixar ir, de deixar alguém mais ter o controle sobre mim, esse é o mais conectado que eu jamais estive com ele, e nada pode competir com isso. Nada no mudo todo.

Suas mãos trabalham em meu pescoço, onde seus dedos traçam linhas em minha garganta, pela minha clavícula, me fazendo estremecer. Lenta e cuidadosamente, Zeth alcança a barra da minha camisa, tirando-a sobre a minha cabeça. Minha calça e calcinha vêm a seguir, as mãos de Zeth se movendo confiantes e carinhosas até que eu esteja tão nua quanto ele.

— Feche seus olhos, — ele sussurra. Ele me disse para fazer isso tantas vezes antes, mas dessa vez eu nem sequer remotamente me perturbo pelo que ele irá fazer assim que eu não puder ver o mundo. Fecho meus olhos e Zeth faz chover beijos sobre a minha testa, minhas pálpebras, minhas têmporas, minhas bochechas e pelo meu pescoço. Quando ele alcança meus seios, minha cabeça já está girando.

Ele me rola para que eu fique de costas, rolando junto para pairar sobre mim, e continua me beijando. Com uma exigente cutucada dos seus joelhos, Zeth empurra minhas pernas separadas para que ele possa se acomodar entre elas. Seu pênis está rígido e quente, tão duro contra mim. Suas mãos viajam sobre mim; ele toma seu tempo, me mapeando, beijando e lambendo e gentilmente me mordendo por tudo, prestando homenagem ao meu corpo.

Eu não consigo ficar quieta. Eu arfo toda vez que sinto os dentes dele em mim. Cada vez que o calor da sua língua me lambe. Cada vez que seus dedos passeiam na minha pele sensível.

— Você está molhada para mim, Sloane? — Zeth rosna na pele do meu estômago. — Se eu descer mais, você já vai estar molhada para mim?

Um arrepio me percorre, fazendo-me tremer. — Sim. — porque eu estou. Não há como eu não estar. Eu o quero tanto, e ele sabe isso. No passado, seria agora que Zeth teria amarrado meus pulsos na cama ou me dito que eu não poderia me mover, mas dessa vez ele não diz nada. Eu não dúvido que da próxima vez que nós estivermos juntos a sua mochila preta estará de volta para todos os efeitos, mas eu preciso disso

nesse momento. E ele também. Ele viaja para baixo, mergulhando sua cabeça entre as minhas pernas, e eu inalo um afiado suspiro com a pressão da língua dele no meu clitóris.

Com golpes rápidos, molhados e deliciosamente quentes, ele trabalha com a língua em mim, chupando meu clitóris e lambendo a minha buceta. Eu não luto comigo ou com ele. Enterro meus dedos no seu cabelo, agarrando dois punhados decentes e puxando apertado. Zeth sibila, pausa um momento para olhar para mim. Nossos olhos estão trancados um no outro e eu posso sentir a tensão e o calor se derramando dele. Há um aviso meio escondido em seus olhos, mas é um divertido. Eu puxo com um pouco mais de força, e ele sorri, a boca aberta, pálpebras pesadas.

— Você está testando meus limites, garota zangada?

— Uhum. — eu me sinto sem fôlego pela maneira que ele está me olhando – sinto a cor subindo em minhas bochechas pela necessidade ruidosa que eu vejo no rosto dele. Ele não volta a mergulhar; ele me encara, os olhos fixos no meu rosto, e lentamente desliza seus dedos dentro de mim. Não um, mas dois de uma vez. Ele os mexe como se fossem uma tesoura, e a tensão, a profunda sensação me puxando por dentro me acende.

— Porra, Zeth. Oh meu Deus.

— Você quer que eu continue? — eu aceno, não confiando em mim mesma para falar. Zeth empurra sua língua entre as dobras lisas da minha buceta, tomando seu tempo enquanto eu estremeço e pulo debaixo dele. Ele é implacável com seus dedos, os deslizando para dentro e para fora com movimentos torturantemente lentos que me deixam à beira das lágrimas. Eu perco o controle em algum ponto, sem vergonha dos sons embargados e necessitados que saem da minha boca.

Eu começo a achar que Zeth tem a intenção de me fazer sofrer, que ele vai arrastar o me prazer para sempre, até que eu não aguente mais, mas quando eu estou prestes a implorar para que ele pare o que está fazendo, ele move-se sobre o meu corpo com um olhar predatório e escuro, os olhos me percorrendo, famintos e desesperados. Ele vai me foder agora? Eu acho que sim, mas então ele sai de cima de mim e deita na cama ao meu lado.

— Sloane... Eu sou seu, — ele sussurra. Eu sinto que vou engasgar com a minha própria língua. Eu não posso tê-lo ouvido direito, certo? Zeth Mayfair não se submete a ninguém. Mas a verdade das suas

palavras está bem ali em seus olhos, sobre todo seu rosto, escrita nas linhas no seu poderoso e possessivo corpo. Ele é meu. Ele está se dando para mim. E eu sei que ele não está falando apenas desse momento, de compartilhar segredos enquanto nossos corpos se movem junto à meia luz no momento em que Seattle lentamente vem à vida. Ele está falando sobre todo ele. Ele está falando sobre sempre. Ele é meu, e eu sou dele, e de repente parece que tudo está se agarrando no lugar.

Eu subo sobre ele, me posicionando sobre aquele pau tenso, e me afundo para baixo. Preciso senti-lo dentro de mim mais do que qualquer outra coisa que eu jamais precisei. Essa parece a parte final de uma silenciosa promessa que estamos fazendo um ao outro, e juntar os nossos corpos em um é a parte mais sagrada dessa promessa. As mãos de Zeth encontram meus quadris. Ele me segura e não me deixa ir. Com os olhos trancados, nos movemos contra o outro com estocadas poderosas e rápidas, sem ficarmos separados por muito tempo.

— Porra, Sloane. Segure-se. — Zeth se senta e então seus braços estão ao meu redor, me segurando tão apertado que eu penso que vou desmaiar. Eu me mexo para poder enrolar minhas pernas em volta dele, e depois ele me beija, roubando minha respiração. Suas mãos pegam o meu cabelo; ele puxa minha cabeça para trás para ganhar acesso ao meu pescoço, seus dentes mordendo minha pele.

— Ahhh! Oh, merda, Zeth. Eu vou... — eu não preciso terminar a frase. Zeth me levanta, me gira, ainda dentro de mim, e me joga de costas na cama, descendo pesadamente sobre mim. Ele está tremendo, todo o seu corpo vibrando, ele está prestes a gozar também.

O fogo do momento queima a minha ressaca, embora minha cabeça ainda esteja nadando e tonta. Tonta por ele. Pela falta de oxigênio e pela intensidade das suas estocadas cada vez que ele puxa para fora de mim. A perda dele é grande demais para suportar. Ele volta para dentro de mim a cada vez, como se ele sentisse essa perda também, e está em um ataque determinado para corrigir isso.

— Goza pra mim, Sloane, — ele rosna. — Goza duro pra mim. Grita pra mim.

Eu faço. Eu grito tão alto que eu tenho certeza que pessoas cinco andares abaixo podem ouvir, e eu não me importo. No exato momento em que eu gozo, Zeth goza também, rugindo comigo, agarrando-se a mim como se tivesse medo que eu pudesse me afastar. Presa debaixo do seu corpo suado e tremente, não há nenhuma chance para isso, no entanto. Eu estou exatamente onde devo estar, e ele também.

Zeth se levanta nos cotovelos, mas não sai de dentro de mim. Ele descansa sua testa contra a minha e me olha, respirando pesadamente, lutando para se recompor. Nós não dizemos nada. Nós não precisamos. Eu digo a ele tudo que ele precisa saber com os meus olhos, e ele faz o mesmo. E então nós adormecemos.

Capítulo Vinte e Um

ZETH

Eu acordo, e eu não tento matar a minha namorada. Como o início do dia pode ser, esse é um epicamente brilhante pra caralho. Eu saio da cama e vou até a cozinha, onde encontro Pippa Newan dobrada sobre a pia, colocando suas tripas pra fora.

— Bom dia, Pippa, — eu digo a ela. Pippa de agora em diante. Não Newan.

Ela me lança um olhar sujo. — Tem algum tipo de remédio neste lugar?

— Se tiver, eles vão ser ilegais, — eu informo a ela. — Além disso, você é a única aqui com um bloco de receitas. *Prescreva algo para si.* — eu lhe dou uma tapa nas costas e faço meu melhor para esconder meu sorriso malvado quando ela geme.

Eu fico de pé no corredor do hotel por trinta minutos, fazendo uma série de ligações telefônicas. Há ainda uma ponta solta que eu estou trabalhando para amarrar, mas quando eu termino as ligações, tudo está encaminhado. Eu tenho planos para Sloane hoje. Grandes planos. Eu me sinto positivamente desonesto pra caralho quando volto para o quarto, quase me coçando de excitação. Faz muito tempo que eu não me sinto assim. Na verdade, eu nem sequer consigo me lembrar de me sentir exatamente dessa maneira.

Michael e Sloane estão de pé. Os três, Sloane, Michael e Pippa, estão atirados no sofá da sala, parecendo bastante arrependidos. Sloane parece a menos arrependida – eu tenho certeza que eu fodi a ressaca fora dela esta manhã – mas ela ainda claramente está um pouco enjoada. Ernie está espalhado sobre o colo dos três, seu rabo cortado rapidamente se mexendo de um lado para o outro como um demente limpador de para-brisa.

— Você deveria ter me derrubado, — Michael geme. — Eu me sinto pior que a morte. O que aconteceu ontem à noite?

Ele não se lembra de que eu o levei e segurei no chuveiro, ou ele não quer se lembrar. De qualquer maneira, eu não digo nada sobre isso. — Você estava desgraçadamente bêbado. Eu te coloquei na cama como se fosse a porra de uma criança de três anos de idade.

— Qualquer criança de três anos que fosse colocada na cama por você ficaria mentalmente traumatizada, — Pippa diz, pressionando seus dedos contra suas órbitas. Eu aponto para Michael, gostando de ver o olhar de pânico no seu rosto.

— De pé. Eu tenho um trabalho pra você essa manhã. — Michael parece estar prestes a vomitar de novo, mas ele não faz. Ele levanta o traseiro de Ernie para que ele possa ficar instavelmente sobre seus pés, e toma uma respiração profunda.

— O quê? Como você está planejando me torturar agora?

Eu escrevo o que eu preciso que ele encontre para mim em um post-it[17] e lhe entrego, e as sobrancelhas de Michael sobem até a altura da sua franja. Ou onde seria a altura do sua franja se ele não usasse o cabelo quase raspado. — Você está brincando comigo, certo?

Eu balanço a cabeça. — Melhor começar a se mexer, eu preciso de tudo isso no fim do dia.

Michael atira para Sloane um olhar duvidoso e então vai embora, resmungando baixinho.

Ela me dá um olhar confuso. — Do que isso se trata?

— Você precisa tomar um banho. Nós estamos saindo em vinte minutos. — eu digo a ela. — E apesar de quão adorável é te ver, Pippa, é hora de você ir para casa. Eu e a minha garota temos coisas para fazer.

Pippa olha para mim ameaçadoramente. É bom ver que algumas coisas não mudaram, mas é legal que ela consiga suportar estar no mesmo ambiente que eu por mais de dois minutos sem tentar me separar de Sloane, também.

Uma vez que Pippa desapareceu e Sloane tomou banho e se trocou, eu dirijo através da cidade, ouvindo o leve sussurro da sua respiração dentro do carro. Ela começa a ficar ansiosa quando nos aproximamos do armazém. — Onde... Onde nós estamos indo, Zeth?

---

[17] Típicos papeizinhos para recados e lembretes, eles vêm em bloquinhos e uma das pontas possui cola adesiva.

— Exatamente onde você pensa que estamos indo.

— Ah.

Como nós não estamos mais sendo perseguidos por loucos chefões de gangues, é absolutamente seguro vir aqui. Eu posso entender a hesitação dela, no entanto. As coisas têm sido mais fáceis no The Regency Rooms. Eles possuem um território neutro. E, bem, Lacey nunca esteve lá conosco. Todas as coisas dela estão no armazém, espalhadas por todo o lugar – um fato pelo qual eu brigava com ela o tempo todo.

Eu não voltei aqui desde bem antes dela morrer. Se eu pudesse dar o fora daqui agora eu com certeza iria, mas eu preciso encarar as coisas. Eu preciso começar a processar como a vida vai ser sem a minha irmã nela. Quando nós chegamos ao armazém, nos dirigimos para o interior em silêncio.

O lugar parece assombrado, mas não por Lacey. Parece ser assombrado pelas pessoas que nós éramos duas semanas atrás – com raiva, perdidas e infelizes. Em algum nível, nós somos tudo isso ainda, mas agora as coisas são sentidas de forma diferente. Agora eu não quero ser nenhuma daquelas coisas.

Nós passamos por muitas recordações da minha irmã, a mão de Sloane na minha, e eu a guio para uma porta de acesso dentro do meu quarto. Aí vamos nós, descendo as escadas até o porão, e eu pego o marreta que deixei descansando contra a parede meses e meses atrás, da última vez que vim aqui.

— Aqui. — eu a estendo para Sloane. Ela me olha cautelosamente, cruzando os braços sobre o peito.

— O que você quer que eu faça com isso?

— Eu quero que você quebre a parede atrás de você.

— Quê?

— Quebre a parede. Coloque abaixo. — ela só me olha como se eu fosse louco.

— Você vai me atacar pelas costas ou algo assim? — ela pergunta. Houve um tempo em que ela teria me perguntado isso a sério. Agradecidamente, ela está brincando agora.

— Apenas faça isso, garota zangada.

Sloane aceita a oferta da marreta. Ela é mais forte do que eu lhe dei crédito, embora isso não devesse me surpreender mais. Eu sei exatamente quão forte pra caralho ela é. Com um último olhar meio preocupado para mim, Sloane joga a marreta sobre o seu ombro e depois arremessa.

A fina camada de gesso quebra e explode em uma chuva de pó e detritos, e lá está – um enorme buraco na parede. — Oh meu Deus. Eu fiz isso, — Sloane diz, a excitação rastejando em sua voz. — Aqui, — ela me da a marreta de novo. — Sua vez.

— Não. — tomo uma respiração profunda. — Você faz isso.

Ela faz uma careta para mim então. — Por quê?

— Porque se eu começar a bater nas coisas, Sloane, eu nunca vou parar e nesse momento eu estou muito duramente... — esse é o centro da questão. Eu estive calmo. Eu, de alguma forma, consegui manter essa calma frágil e delicada, mas não tenho ideia de como. Eu ainda estou consumido por uma raiva que me deixa tão preocupado que eu nem ao menos consigo pensar nisso – a profundidade disso me assusta. Se eu cedesse à raiva só por um segundo, eu me afundaria nela e eu não sei quanto tempo levaria para conseguir sair. E neste momento eu preciso estar aqui. Por Sloane. E por mim também.

Ela acena, compreendendo como eu sabia que ela faria. Demora mais sete marretadas limpas para que ela faça um buraco grande o suficiente para eu poder alcançar e puxar as mochilas que eu deixei para trás aqui.

— Mochilas? Não me diga que você me fez quebrar uma parede para poder reaver os seus brinquedos sexuais?

Eu sorrio, testando o peso das mochilas, uma em cada mão. — Não. Não brinquedos sexuais. Abra-as. — eu passo uma para ela.

Ela abre o zíper da mochila lentamente, como se pudesse haver uma bomba ali dentro. Seus olhos se arregalam quando ela vê os maços de dinheiro.

— Que inferno é tudo isso?

— Isso são oito anos de pagamento do meu último emprego. Meu chefe era um imbecil, caso você esteja pensando porque eu saí. — eu nunca precisei de muito para viver; eu sempre fui muito cuidadoso com o que eu gastava. Oito anos de pagamento de Charlie é uma merda de tonelada de dinheiro vivo.

— Isso... Isso é obsceno. É uma quantia *obscena* de dinheiro, Zeth.

— Sim, é. E agora temos que nos apressar. Nós vamos chegar atrasados.

Não importa quão duro ela me questione – a garota poderia disputar com a vadia da Lowell quem é a melhor nisso – eu não digo a ela onde nós estamos indo. Eu jogo as mochilas com dinheiro no porta-malas do carro que eu ainda tenho emprestado do The Regency Rooms e depois dirijo com Sloane para a parte oeste da cidade, em direção ao hotel. Não é para onde estamos indo, no entanto. Quando nós chegamos ao nosso destino, eu vacilo, imaginando o que diabos ela vai dizer quando perceber o que eu fiz.

Ela dá um olhar pela janela e depois se vira para mim. — Uma academia de luta? Você me trouxe a uma academia de luta?

Eu tiro as chaves da ignição e pressiono os dentes do objeto na palma da minha mão. Talvez essa seja uma ideia estúpida. — Sim. Não uma academia de luta qualquer. *Minha* academia de luta. — eu dou uma olhada nela com o canto do olho – ela pensa que eu enlouqueci de vez? — para ver que ela não está me olhando. Ela está olhando para o prédio, esquadrinhando a estrutura de dois andares como se fosse cada vez mais difícil de vê-la. Talvez ela só não consiga imaginar isso – eu tendo um negócio legal. Fazendo algo honesto, fazendo isso funcionar.

Eu olho para a chave do carro na minha mão. Eu deveria colocá-la de volta na ignição. Ir embora. Eu estou prestes a fazer isso quando a mão de Sloane para sobre o meu braço, e ela parece estar à beira das lágrimas. — Então nós não vamos sair de Seattle?

— O quê? Porra, não. Eu não vou fugir da minha casa, Sloane. — nem sequer passou pela minha cabeça que ela esperasse que nós partíssemos. Não agora. — Não há razão para nós irmos. Nós vamos ficar aqui. E se alguém for estúpido o bastante para vir foder comigo, eles saberão exatamente onde eu estou. — Eu aponto para o prédio lá fora: a estrutura de tijolos rachada e desintegrada que precisa desesperadamente de reparos, a placa de madeira desbotada com a tinta verde descascada onde se lê *Clube Irlandês O'Shannessey de Boxe para Garotos.*

Sloane toca a janela com a ponta dos dedos, verificando o lugar de novo, os olhos fixos na placa. — O'Shannessey? Igual ao O'Shannessey que...

Eu lhe dou um sorriso apertado. — Não por ele, não. Pelo pai dele. Padre O'Shannessey teve dois filhos. Um deles era o meu melhor amigo, Murphy. Charlie o matou para me machucar, cortou a garganta dele bem na minha frente. O O'Shannessey que você teve o prazer de conhecer era o seu irmão. Ele viu Charlie matar Murphy e não fez nada para impedir. Ele deixou que isso acontecesse, e depois continuou trabalhando para Charlie por todos esses anos. — eu encolho meus ombros – não importa quantas vezes eu tente conciliar isso na minha cabeça, especialmente enquanto eu estava na prisão sem nada melhor para pensar, eu nunca consegui entender. — Padre O'Shannessey é muito velho para administrar esse lugar agora. Michael me trouxe aqui ontem de manhã para queimar algumas calorias, e isso fez sentido. Eu sabia que eu precisava comprá-lo.

A minha certeza de ontem, o profundo *conhecimento* que eu experimentei, parece ter me abandonado agora. Porra. Essa foi uma ideia estúpida. Como diabos eu pensei que administrar uma academia de boxe fosse um movimento inteligente? Eu tenho uma habilidade, e somente uma. Ferir pessoas é tudo no que eu sou bom. Eu fecho minha mão ao redor da chave, sentindo a mordida da dor agarrando-se pela sua vida.

— Eu acho... Eu acho que essa é uma ideia maravilhosa, Zeth. Eu acho que é perfeita. Eu posso te ajudar a cuidar desse lugar.

Eu solto a chave, arriscando outro olhar para ela. Sua expressão mudou, como se tivesse apenas levado um momento para que ela focasse o lugar, mas agora o estivesse vendo claramente. Não mais o Clube Irlândes O'Shannessey de Boxe para Garotos, mas algo completamente diferente.

— Como você irá chamá-lo? — ela pergunta.

— Academia de Luta Blood 'N' Roses[18], — eu digo a ela.

Ela ri. — Blood 'N' Roses? Parece um pouco contraditório, você não acha?

— Talvez. Eu não sei. Só me parece apropriado. É a vida que tenho tido há tanto tempo. Não perfeita. Longe de ser perfeita. Tem sido sangrenta e difícil, cheia de bordas afiadas... — Eu olho para ela, me ouvindo tão intensamente, e eu me sinto um idiota total.

— O quê? *Diga-me,* — ela diz, rindo baixinho.

[18] Sangue e Rosas, literalmente. Esse também é o nome da série ☺

— Mas ela teve momentos bonitos, também. — *Você. Ela teve você e você vez todo o resto de merda valer a pena.* Eu dou de ombros. — Lutar é muito como isso. É difícil. Te empurra até os limites do que você é capaz, mas então te faz mais forte e clareia a sua mente, também. Te dá força para quando for necessário depois. Porra. Isso provavelmente não faz muito sentido.

— Você está fazendo muito sentido. — Sloane sai do seu assento e sobe no meu colo, enrolando seus braços ao redor do meu pescoço. — Eu entendi. E eu acho que isso é perfeito também. A academia é uma ideia perfeita, assim como o nome. Vai ser um sucesso absoluto. E você pode me ensinar como derrubar alguém que quiser *me* incomodar. Fechado?

Estou prestes a beijá-la, mas eu paro no meio do caminho. Eu seguro seu rosto com as duas mãos para ter certeza que ela acredita em mim quando eu digo, — Ninguém vai te incomodar aqui dentro ou fora, Sloane. *Ninguém.* Eu vou matar qualquer um que tente. Você vai ter uma vida normal de agora em diante. Bem, tão normal quanto possível comigo como namorado. Mas eu receio que você não tenha escolha nessa questão.

Ela sorri, e esse sorriso ilumina toda a porra do meu mundo. — Eu não quero uma escolha, Zeth Eu só quero você.

Nós saímos do carro e eu pego uma das mochilas de dinheiro do porta-malas. Nós entramos juntos para que eu apresente a minha garota para o Padre O'Shannessey.

E então o Clube Irlandês O'Shannessey de Boxe para Garotos se transforma na Academia de Luta Blood 'N' Roses.

Capítulo Vinte e Dois

SLOANE

Passamos três horas na academia, enquanto um animado Padre O'Shannessey nos mostrava o lugar e nos brindava com histórias das inúmeras lendas do boxe que treinaram com ele ao longo das décadas. Estou um pouco confusa sobre por que Zeth chama O'Shannessey de *padre* o tempo todo - ele não parece, age ou se veste como se tivesse comandado qualquer paróquia ultimamente – mas isso é até que o velho com um tufo de cabelo prateado pisque para mim e diga, — Deixei o sacerdócio quando eu conheci a mãe dos meninos. Eu teria desafiado qualquer homem de sangue quente a permanecer celibatário com aquela mulher sentada nos bancos da igreja. Isso foi há quarenta anos, mas esses ingratos ainda insistem em me chamar de padre.

Eu não tenho ideia se o Padre O'Shannessey sabe que seu único filho que sobrou vivo agora está, na verdade, morto, mas eu não digo uma palavra sobre isso. Zeth me chama a atenção e me deixa com o sentimento de que é melhor não dar essa notícia. De qualquer maneira, eu sou grata por isso.

Eu deixo os homens conversando e ando pelo lugar, imaginando como melhorar o lugar, o que nós podemos fazer para renová-lo – o que ele precisa demais – desenhando-o para um público mais jovem. Tenho certeza que Zeth já está cheio das suas próprias ideias, mas eu posso ver isso sozinha – o potencial que o lugar tem. É excitante imaginar como tudo irá funcionar por aqui, ainda que eu sinta meu estômago cheio de nós enquanto me familiarizo com o lugar. Eu também sei por quê. Mas não posso pensar nisso. Zeth será bom nisso, e eu também. Essa será a nossa vida juntos. Eu jogo um rápido olhar sobre meu ombro e os dois homens estão olhando para mim, nenhum deles falando mais nada. Zeth me dá um sorriso cauteloso, ainda majestoso e confiante, mas um pouco reservado também, e eu sei que tudo funcionou do que jeito que era pra ser.

* * * * *

Às cinco horas, Zeth me leva de volta para o The Regency Rooms e me diz para esperar no nosso quarto. Eu brinco com Ernie, me sentindo péssima por deixá-lo aqui tanto tempo, e faço uma xícara de chá. Zeth retorna logo depois com uma mochila pendurada no ombro e dois sacos de roupa em sua mão.

— Aqui, é melhor você colocar isso. Nós vamos nos atrasar.

— De novo? — eu olho o saco de roupa que ele está me alcançando. A última vez que usei algo que saiu de um saco de roupa, todos nós quase fomos explodidos. Meu corpo ainda dói cada vez que eu me movo, como prova desse fato. Meu corpo está preto e azul do lado que eu atingi o chão com força. — Atrasar para o quê?

— Menos conversa. Mais ação. Você precisa que eu vá aí te vestir, Sloane? — ele dá um passo para frente e o desafio é claro em seus olhos. De onde eu posso dizer, eu sinceramente duvido que ele queira me vestir; tenho a sensação de que ele está mais interessado em me *despir.*

— Isso depende se nós realmente estamos quase atrasados para alguma coisa ou se temos algum tempo para matar, — eu digo.

Zeth dá um rosnado no fundo da sua garganta. — Certo. Então se mexa.

Eu pego o vestido dele – estou assumindo que seja um vestido – e vou para o quarto. Quando eu abro o zíper, eu vejo que é um vestido. Um vestido lindo feito com seda num tom verde irlandês e uma grande fenda na frente. Há também saltos de seda e uma adorável presilha de cabelo art deco combinando com tudo. Eu me visto, me sentindo incrivelmente sedutora quando o material sussurra sobre a minha pele. Eu não tenho me sentido assim há muito tempo.

Por falar em sedução, eu de repente me lembro do que o porteiro nos disse quando chegamos aqui na primeira noite: que haveria *celebrações* acontecendo em breve. O tipo de celebrações que Zeth costumava frequentar antes que eu entrasse na sua vida. O porteiro até perguntou se nós queríamos reservar uma cabine. Repentinamente meu coração começa a galopar no peito. Ele está... Ele está planejando me levar a alguma festa sexual? Eu me lembro da última muito bem.

Eu saio do quarto e vou para a sala, pronta para encontrá-lo, mas quando eu tenho uma visão do homem, perco toda e qualquer capacidade de falar coerentemente. Em um terno preto, camisa branca e gravata preta, Zeth está magnífico. As pequenas marcas e cicatrizes

em suas mãos e rosto somente parecem adicionar uma borda selvagem à sua beleza. Ele está fitando suas abotoaduras e sorri para mim quando nós fazemos contato visual.

— Tudo do seu gosto? — ele pergunta.

Eu estou do seu gosto? Ele sabe muito bem que sim, esse bastardo arrogante. — Você está planejando me levar lá para baixo para algum tipo de clube de sexo bizarro, Zeth?

Ele parece genuinamente surpreso. Eu vejo o momento em que a compreensão cai sobre ele. — Oh, você acha... — ele ri. Na verdade ele tem a audácia de rir. — Não, garota zangada. Sem mais clubes de sexo para você. Ou para mim. Quer dizer, a menos que...

Eu jogo uma almofada do sofá nele, mas ele sai do caminho, ainda ajustando as abotoaduras. Eu balanço minha cabeça, indo até ele e estendendo minha mão. Ele coloca a dele na minha, e eu cuidadosamente passo o botão de prata pela casa.

— Aqui. — quando levanto o olhar, Zeth está sorrindo para mim.

— O quê?

— Você está desapontada, não está?

— Que você não vai me levar a um clube de sexo? Não! — eu me sinto corar, no entanto. Eu posso ouvir quão ridícula minha negação soa. O sorriso de Zeth desaparece em um piscar de olhos. Ele se inclina para mim, então seus lábios estão escovando minha orelha quando ele diz, — Eu posso tolerar pessoas observando, Sloane. Eu posso tolerar você querendo observar outras pessoas. Mas nós temos novas regras básicas agora. Ninguém jamais vai ter permissão de tocar em você novamente. E eu nunca mais vou tocar ninguém, nem permitir que alguém me toque. Então... Tudo que você tem que fazer é dizer a palavra.

Uma ansiedade gelada desliza pelo meu corpo, mas eu não estou ansiosa porque eu acho que ele quer isso. Ele está me dizendo isso porque ele pensa que é o que eu poderia desejar. E... Eu estou ansiosa devido a como a perspectiva disso me faz sentir.

— Eu não quero isso, — eu digo sem fôlego.

Zeth acena, embora eu possa ver a faísca de diversão escura em seus olhos. — Vamos lá, garota zangada. Nós temos uma carona esperando por nós lá embaixo.

Nossa carona é Michael, é claro. E nosso carro é uma limusine preta lustrosa. Nenhum deles me diz onde nós estamos indo enquanto deslizamos suave e silenciosamente pela cidade. Eu ainda não adivinhei, nem quando nós paramos do lado de fora de uma igreja.

Zeth me ajuda a descer do carro, um pequeno sorriso jogando com os cantinhos da sua boca. Ele parece muito divertido pela minha confusão.

— O que nós estamos fazendo aqui? — eu posso ouvir a música lá dentro – o som de violinos e violoncelos, e a música de muitas vozes todas falando ao mesmo tempo. Pequenas velas em candelabros iluminam o caminho de entrada da igreja, e cascatas de luz estão presas aos ramos das árvores no jardim. Isso é esplêndido.

Zeth parece levemente tímido quando coloca a mão no bolso e tira um cartão sujo e maltratado. Há sangue espalhado em um dos lados e a ponta está dobrada, mas eu instantaneamente percebo o que é: o convite para o casamento de Suresh. Ele me disse... Zeth me disse semanas atrás que ele me levaria. Eu havia esquecido tudo sobre isso. Tanta coisa aconteceu entre aquela época e agora. Tanta coisa mudou para nós. Zeth abre o envelope do convite e o entrega para mim.

— Eu pensei que eles iam se casar em um hotel. Pela manhã? — eu sussurro.

— Os pais muito católicos da noiva estavam atrasados, — Zeth explica. — Eles voltaram e mudaram o local devido a quão escandaloso é não casar em uma igreja, aparentemente.

Eu levanto o olhar para a igreja, lutando para lidar com a pura perfeição do momento. — Eu não acredito nisso.

— Eu estava esperando que você ainda me quisesse para ser seu par. — Zeth diz suavemente.

Meus olhos estão ardendo. Eu não posso acreditar que no meio de toda a luta, fuga, violência e dor, ele se lembrou *disso.* — Eu amaria que você fosse meu par.

Eu não posso acreditar nesse homem. Não posso acreditar no quanto eu o amo. Eu não posso acreditar quão perdida eu estaria sem ele na minha vida. Definitivamente eu estaria mais segura esses últimos meses, mas em retrospectiva, parece que Zeth estava certo. Tudo isso tem sido sangue e rosas – dor e mágoa, mas bonito e agridoce também.

Há muitas coisas que eu mudaria, perder Lacey seria a primeira delas, mas eu ainda teria ele. Eu ainda teria isso, e isso é perfeito.

— Você quer entrar? — ele pergunta.

Eu aceno, sim. — Com certeza eu quero entrar.

A cerimônia é maravilhosa. O interior da igreja está decorado com um milhão de minúsculas flores brancas, enfeitando os bancos e o altar. Rebecca, a noiva de Suresh, está radiante em um mar de renda branca e seda, com as mesmas florzinhas brancas presas no seu cabelo. Eu estou cercada de rostos conhecidos do hospital – Oliver está sentando na frente com uma garota, uma loira magra com um sorriso matador. Ele nos nota na metade da cerimônia e me dá um sorriso hesitante. Uma vez que os votos acabam, todos na igreja, que está completamente lotada, vão para a rua sem se importar com o frio ou o vento que arruína seus cabelos. Zeth prende seu braço no meu e nós caminhamos com o resto da multidão, cercados por risadas e rostos sorridentes.

— Sloane! Oh meu Deus, Sloane. — uma mão para no meu ombro. A próxima coisa que eu sei é que estou sendo puxada para um abraço áspero. Suresh, radiante de orelha a orelha, me aperta com força, então me segura no comprimento do seu braço para poder me olhar. — Eu estou tão feliz que você está aqui, — ele me diz. — Agora tudo está perfeito. — ele me dá um beijo molhado na testa, e Rebecca, de repente ao seu lado, ri brilhantemente.

— Sim, estou tão feliz que você veio, — ela me diz, beijando minha bochecha.

— Obrigada. Você está linda.

— E eu vejo que você usou o seu direito a um convidado, — Suresh diz. — Você deve ser o cara que está transando com Sloane. — ele estende sua mão para Zeth. Todo o sangue corre do meu rosto. Eu cubro minha boca com as mãos, me lembrando do que Suresh disse no refeitório do hospital no dia em que ele me relembrou do casamento – que eu não poderia levar alguém que fosse apenas amigo. Tinha que ser alguém com quem eu estivesse fodendo. Quando eu olho para Zeth, ele está balançando a mão de Suresh e não parece nem remotamente perturbado.

— Sim. Eu sou esse cara, — ele diz. — Zeth. Prazer em te conhecer.

— Você também, cara. Zeth? Nome legal. — ele dá um tapa no braço de Zeth e então os noivos começam a se mover através da multidão, sorrindo e abraçando mais pessoas enquanto eles vão.

O mar de pessoas finalmente chega a um pequeno hotel boutique a três quadras de distância. Como não é hora de discursos ou comida ainda, uma banda começa a tocar assim que os convidados do casamento chegam. Zeth segura sua mão na minha e a noite fica ainda mais estranha.

— Você quer dançar comigo? —eu pergunto.

— Sim. — Zeth me puxa para ele, me inspirando. — Eu não quero mais nada nesse momento. — ele me segura e nós dançamos, e nesse pequeno momento, o pesadelo pelo qual acabamos de passar não importa mais. Nada mais importa. É bem depois da meia-noite, depois da comida e dos discursos e de um monte de dança que Zeth me diz que nós precisamos ir.

— O quê? Nós temos que ir? Por quê?

— Porque, — ele me beija levemente, sua boca se prolongando na minha. — O relógio já marcou doze badaladas. É assim na maioria dos contos de fadas, não? A linda jovem tem que sair antes do fim do baile?

— Não, — eu digo, rindo, balançando a cabeça. — Não nesse. Não dessa vez. E dessa vez a princesa já tem o seu Príncipe Encantando, certo? Você mesmo disse. Somente por uma noite.

Ele sorri. — Eu vou te dar mais do que uma noite, Sloane, eu prometo. Ou ao menos eu vou trabalhar para isso. Mas agora nós temos que ir porque você tem que acordar cedo amanhã.

— Eu tenho?

Ele só acena, lutando contra o início de um sorriso. Nós deslizamos para fora da festa de casamento silenciosamente, e meu coração parece pesado. Teria sido legal ficar e comer e rir e dançar mais, mas eu estou intrigada com a sua pista enigmática.

De volta ao carro, Zeth me alcança uma mochila preta. — Aqui. — Esta é a mochila que ele tinha sobre o ombro quando voltou do apartamento de Michael mais cedo. Eu olho para ele, tentando descobrir o que tem dentro mesmo antes de abrir o zíper.

Meu coração para de bater quando eu vejo o que há dentro.

Uniformes.

Uniformes azuis.

— O que... O que é isso? — eu mal consigo respirar.

— Isso é o que você normalmente veste para trabalhar, certo? — Zeth morde de volta um sorriso quando eu puxo o uniforme para fora, minha boca caindo aberta.

— Mas... *Como?* Como você...? Oh, Deus, você não ameaçou ninguém, certo?

— Não. Dinheiro fala, Dra. Romera. Embora ameaça fosse a próxima opção se a Diretora não tivesse me dado a porra que eu queria.

— Você *subornou* a Diretora Allison?

Ele faz um 'tsc'. — Eu dei a ela algo que ela queria.

— Que seria?

— Uma nova máquina de ressonância magnética.

— Zeth! Máquinas de ressonância magnética custam milhões de dólares! Havia muito dinheiro naquelas mochilas, mas não havia milhões de dólares.

— É, não havia não. Mas Charlie tinha uma boa quantia de dinheiro guardada em seu cofre, e ele não ia exatamente precisar mais dele. E eu tenho certeza pra caralho que eu não queria mais nada do dinheiro dele.

Deus. Eu tento imaginar a cara da Diretora quando Zeth entregou essa quantidade de dinheiro vivo. Ela teria que aceitar isso como uma doação anônima. A papelada de algo como isso seria um pesadelo. Eu de repente sinto vontade de vomitar.

— Então eu vou voltar para o trabalho? Eu realmente vou voltar? Amanhã de manhã?

Zeth verifica seu relógio, como se meu turno fosse começar a qualquer momento. — Às nove da manhã em ponto. O que significa, Sloane, que nós temos tempo o suficiente só para chegar em casa e *passar algum tempo juntos* antes que você tenha que ir dormir. — Suas mãos já estão deslizando para cima na seda do meu vestido, e eu mal consigo acreditar que isso está acontecendo. Ele consertou isso para mim. Médicos não apenas roubam suprimentos hospitalares e se

envolvem em tiroteios dentro do local de trabalho e então esperam voltar a trabalhar. Ele fez tudo isso desaparecer.

Quando Michael para do lado de fora do The Regency Rooms, eu já estou muito frustrada sexualmente e o meu cabelo está por todo o lugar e eu estou ainda mais apaixonada por esse homem louco e sexy. Michael vai estacionar a limusine, deixando que Zeth e eu subíssemos sozinhos de elevador até nosso andar.

— O que você vai fazer todo o dia sem mim se eu vou voltar a trabalhar? Você vai sentir minha falta, não vai? — eu provoco.

Zeth me pressiona contra um dos lados do elevador, suas mãos trabalhando rapidamente enquanto ele escorrega os dedos debaixo da renda da minha calcinha. Eu arfo quando ele desliza dois dentro de mim, um sorriso diabólico no rosto.

— Não se preocupe comigo, Dra. Romera. Eu tenho um monte de coisas para *me* manter ocupado.

— Não vá procurar por problemas, — eu sussurro.

Ele me dá aquele seu sorriso malvado. Eu sabia desde o início que aquele sorriso ia ser a minha ruína. — Nunca, — ele diz. — Mas você sabe como é, Sloane. Problemas parecem ter um jeito de me encontrar.

Epílogo

SLOANE

O calor do Novo México é algo sobre o qual eu já tinha lido, mas nunca havia experimentado em primeira mão. Deixo o carro estacionado na beira da estrada como me disseram para fazer, e ando por um longo caminho de poeira que se estende ao longe. Sem árvores. Sem sombra. Apenas a estrada e o sol sobre a cabeça, e minha boca já está ressecada.

De acordo com Rebel, essa é apenas uma caminhada pequena, mas eu tenho a sensação de que o bastardo pode ter mentido. Ele parece fazer muito isso se ele pensa que significa conseguir o que ele quer. De repente me atinge o conhecimento de que na verdade eu estou errada. Rebel não mente para conseguir o que quer. Ele mente para mim para conseguir o que *Lexi quer*. Parece que minha irmã tem o seu homem na palma da mão.

Algumas pessoas podem dizer o mesmo sobre Zeth e eu, no entanto. Zeth, o homem que nunca mente, mentiu por mim. Ele fará qualquer coisa para me ajudar ou me manter segura. Os últimos meses me mostraram isso.

Faz um mês desde que eu voltei a trabalhar no St. Peter. Um mês inteiro desde que Charlie e Lacey morreram. Um mês desde que Zeth comprou o Clube Irlandês O'Shannessey de Boxe para Garotos e o transformou em algo diferente – algo dele próprio. A transição de executor de uma gangue para administrador do seu próprio negócio tem sido fácil para o meu homem. Ajuda, eu acho, que o seu novo trabalho envolva bater em pessoas o dia todo, exceto que agora eles estão lhe pagando pelo prazer.

Eu não fui ver Lexi quando ela estava em Seattle. Depois de Lacey, o mundo só parecia muito cheio e complicado. Eu não podia lidar com a coisa de enfrentá-la. Ainda não. Mas agora, depois de um mês de trabalho e de noites e dias contínuos sendo adorada por Zeth, eu acordei três dias atrás e decidi que estava na hora. Então eu entrei no carro e dirigi. Deixei Zeth, Michael e Ernie para trás e segui sozinha,

pela primeira vez sem me preocupar com cartéis ou chefões ingleses da máfia querendo me matar, e senti que podia respirar.

Eu levei meu tempo para vir até aqui, seguindo as direções que Rebel me enviou, mas agora que eu cheguei, olhando para o longo caminho que vai em direção à vida que a minha irmã escolheu para si própria, eu sou agarrada pela incerteza. Eu sei que Alexis não faz ideia que eu estou a caminho. Rebel quis manter em segredo – para o caso de eu mudar de ideia e nunca aparecer, sem dúvida – e agora eu estou feliz por isso. A sua ignorância sobre a minha chegada significa que posso decidir se isso é o que eu realmente quero. Eu quero minha irmã de volta? Eu quero ouvir o seu lado da história? Uma história que parece tão complicada e perigosa quanto a minha. A resposta para essa questão é um paradoxo. Sim, eu quero ouvir o que a manteve escondendo da sua família que ela estava viva. Sim, eu quero saber por que, por dois anos, ela esteve vivendo com uma gangue de motoqueiros que está aparentemente envolvida com o submundo do crime. E sim, eu quero saber por que ela se apaixonou e casou com um homem como Rebel.

Contudo, por outro lado, eu não quero saber. Eu estive tão furiosa com ela por tanto tempo que saber a sua história me apavora. Isso poderia significar que eu terei que deixar para trás toda a frustração e os sentimentos de traição e, honestamente, não sei como eu ficarei. Triste? Oca? Um pouco perdida, talvez?

Porque não é tudo culpa de Lexi, então isso nada mais é do que uma sorte muito, muito terrível e uma mão de merda do destino para lidar, e isso está fora do meu controle. Eu não gosto de coisas que saem do meu controle.

Eu olho para o caminho sujo, agarrando a alça da mochila que está sobre um dos meus ombros, pensando em qual opção é a melhor: viver uma vida em que minha irmã me abandonou e traiu ou uma vida onde coisas terríveis, horrorosas, aconteceram, e não há nada que eu possa fazer sobre isso.

Eu estou sendo uma covarde.

Eu começo a andar.

A ideia de Rebel de uma caminhada pequena é uma piada. Eu estou completamente molhada de suor quando vejo a construção no horizonte. Eu tenho essa preocupante sensação no fundo da minha mente, como se o complexo de prédios baixos não estivesse mesmo ali.

As ondas nebulosas de calor saindo ondulantes do chão do deserto me dão a impressão de que isso poderia facilmente ser uma miragem.

Mas quando eu continuo andando, vejo que eles são, de fato, muito reais. O estranho ângulo de um brilhante raio de sol refletindo-se no cromo das motos finalmente me diz que eu estou no lugar certo. Os blocos marrons, cinzas e pretos no horizonte se transformam em diferentes construções e, eventualmente, uma cerca alta entra no meu campo de visão, bem como o seu topo cheio de arame farpado.

O lugar parece uma prisão.

É aqui onde Alexis esteve vivendo todo esse tempo? Em um bizarro complexo no meio do nada, cercada por colinas desérticas e rocha vermelha quente? Isso é muito, muito longe da chuva e do vento e da civilidade de Seattle. Sem Starbucks. Sem cadeias de fast food. Sem restaurantes ou cafeterias. Sem nada.

Eu já tenho cerca de oito bolhas nos pés quando vejo uma figura solitária se aproximando de mim vindo do fim do caminho. Eu sei que é um homem pelo galope do seu caminhar e pelo balanço dos seus ombros, embora eu não possa dizer quem é até que estou mais perto.

Cade. É Cade Preston.

O que eu tinha tomado como um andar arrogante um momento atrás, é na verdade um mancar pronunciado que ele faz enquanto caminha em minha direção. Eu nunca vi Cade depois que Julio o levou, mas Michael pintou um quadro muito vívido dos ferimentos que ele sofreu. Zeth tinha ido visitar o cara, eles são amigos e tudo, e disse que ele estava uma bagunça. Isso foi semanas e semanas atrás, no entanto. Se ele ainda está lutando para se locomover, então ele deve estar mal. Muito, muito mal mesmo.

— E aí, doutora? — diz ele em saudação assim eu estou ao alcance da sua voz. Ele está sorrindo para mim com o seu sorriso largo, uma luz dançando em seus olhos, mas eu posso ver a dor que também está residindo ali.

— Você deveria realmente estar andando por aí assim? — eu pergunto, apontando com o queixo em direção à perna que ele está forçando.

— Use-a ou perca-a, certo?

— Não, — eu rio. — Nem sempre. Às vezes usar é a pior coisa que você pode fazer. Eles não te levaram para ver alguém?

Cade dá de ombros, afastando a minha preocupação. — Sim. E está muito melhor agora do que antes, com certeza.

Eu sendo eu, trouxe o meu kit médico comigo. — Eu vou dar uma olhada nisso depois. — Cade só acena, como se não houvesse sentido em discutir sobre isso de qualquer maneira. E ele está certo. Não há realmente utilidade alguma. — Eles te mandaram aqui para me dar as boas-vindas? — eu pergunto.

— Algo do tipo. Carnie viu alguém se aproximando e estava todo entusiasmado em suar o rifle em alguém. Eu pensei que seria melhor vir aqui e conferir quem era antes de deixá-lo sair atirando, no entanto.

— Bem, obrigada por isso. Ser baleada é algo que está muito embaixo na minha lista de coisas para fazer hoje. — ser baleada uma vez é o suficiente para toda uma vida. Meu braço ainda queima com a memória da mordida da dor que se lançou sobre mim semanas atrás. Eu tive sorte. Muita sorte. Meus ferimentos poderiam ter sido muito piores.

— Ela não está esperando você, — Cade me diz, esfregando cautelosamente sua nuca. — Ela vai pirar. Depois que você não quis vê-la em Seattle, bem... — ele não termina, me deixando imaginar como ela tomou a minha recusa em encontrá-la. Talvez ela estivesse com raiva. Talvez ela estivesse chateada. E no fim das contas, eu não tive a capacidade de encarar isso, no entanto. Eu não estava pronta. Se eu a tivesse visto naquela época, quando eu estava esfolada e sobrecarregada com tudo que havia acontecido, talvez eu pudesse tê-la escutado. Talvez eu pudesse tê-la perdoado. Mas eu não sei se eu teria podido aceitá-la como minha irmã de novo. Ela sempre seria meu sangue, mas o laço que nós sempre compartilhamos – nós éramos tão próximas antes dela desaparecer – poderia ser algo para o qual eu não conseguiria me abrir novamente. E esse era o centro da questão toda.

Eu queria minha irmã de volta. Eu *quero* Alexis de volta. Os nervos me causam um estremecimento quando eu admito isso para mim mesma. — Você não acha que ela vai ficar irritada por eu estar aqui, acha? — eu pergunto a Cade.

Ele me atira um olhar divertido com o canto do olho. — Oh, Doutora, você não tem ideia de como essa pergunta é estúpida.

Eu não sei se eu deveria estar ofendida, preocupada ou tranquilizada pela resposta. Cade não parece inclinado a expandir seu comentário, então nós caminhamos juntos muito lentamente em direção ao complexo. Quando nós nos aproximamos, eu posso ver que

há incontáveis motos paradas uma ao lado da outra em uma longa fileira ao redor do perímetro interno da cerca. Tantas pessoas. Eu não sei o que estava esperando, mas não era uma horda de motoqueiros.

— Você chama isso de discreto? — eu digo enquanto exalo.

— Não. Eu não chamo disso. — Cade sorri para mim – um sorriso amigável e quente. — Eu chamo de casa. Eu chamo de segurança. Eu chamo de necessário.

Segurança. Necessário. Esses conceitos não me são desconhecidos. Até muito recentemente, eu estava indo de um lado para o outro porque era necessário. Porque eu não estava segura. Quando as coisas ficaram mais seguras e não era tão importante que nós nos escondêssemos nas sombras todo o tempo, nunca voltamos para o armazém de Zeth, no entanto. Tentamos uma noite e foi muito estranho. Muito *solitário*, mesmo com Zeth, eu e Michael enchendo o lugar com barulho. Mudamos-nos imediatamente para o The Regency Rooms e agora aquele lugar tem uma aparência de casa, da sua própria maneira esquisita.

Tenho uma visão de Rebel assim que nós chegamos em frente ao enorme portão cadeado de 4 metros de altura – o único jeito de entrar ou sair do complexo, até onde eu posso ver. Meu cunhado está inclinado contra o poste de metal, aparentemente nos esperando, mastigando um palito de dentes uma e outra vez com os dentes da frente. — Bem, olá, — ele diz, me dando um sorriso apertado. Hoje ele não tem a sua perspicácia afiada e rápida. Somente um olhar tenso, quase ansioso que eu acho estranhamente preocupante. Esse não é um lado dele que eu já tenha visto antes. Eu estou acostumada com a sua versão irritante e superconfiante que me deixa louca. Esse Rebel quieto, reservado é novo e inesperado.

Ele se empurra do poste de metal e abre o portão à nossa frente. — Eu não posso dizer que não estou um pouco chocado, Dra. Romera. Eu pensei que teria que te sequestrar para trazê-la aqui.

— Você acha que Zeth deixaria? — eu levanto uma sobrancelha para ele, percebendo o flash de alguma coisa que passa pelo seu rosto quando eu menciono Zee. Não é irritação. Não é raiva. Uma emoção dura aparece. Eu não conheço bem o bastante para decifrar o que isso quer dizer.

— Provavelmente não, eu imagino. Eu não seria realmente estúpido assim para tentar pegar alguma coisa do seu homem, Sloane. Eu gosto do meu corpo como está. *Intacto.*

Ele bate nas costas de Cade, e então o outro homem sai mancando, me dando um breve aceno quando ele vai para o prédio mais próximo, de onde vem uma música de rock alta e estridente que chega até o pátio.

— Eu vou ver essa perna antes de ir embora, — eu digo atrás dele.

— Ele tem dezoito pinhos ali. Ele mal consegue montar mais, — Rebel me informa.

— O quê? Ele deve estar fazendo fisioterapia, certo?

— Oh, não preocupe a sua linda cabecinha, doutora. Cade com certeza está fazendo fisioterapia. — há um sorriso na voz de Rebel que eu posso não conseguir ver com ele de costas para mim, mas eu ouço muito bem. Há obviamente uma história por trás desse comentário, mas eu não vou perguntar qual é. — Soph está no bar. Vou te mostrar e e então vou deixar vocês a sós.

Eu não pergunto por que diabos minha irmã já está em um bar se são somente onze horas da manhã. Estou aprendendo a não questionar um monte de coisas. Rebel me leva atrás de um amplo pátio em direção a um prédio baixo com o revestimento rachado, pintado de um amarelo muito pálido, diferente dos cinzas industriais e pretos das outras construções.

— Aqui é a sede do seu clube? — eu pergunto.

Rebel olha por cima do ombro, sua face marcada por um olhar de horror. — O que nesse prédio grita Quartel General dos Widow Makers para você?

— A decoração encantadora, obviamente, — eu resmungo.

— Nossa sede é no centro. Nós comandamos uma loja de tatuagens fora daqui, também. Mantém as coisas legítimas para o pessoal da Receita, sim?

— Então o que eles pensam que é esse lugar?

— A maioria das apostas vai para culto religioso ou comunidade de sexo livre.

— Oh. — Não há muito que eu possa dizer para isso, na verdade. Rebel me dá um sorriso que é só metade tão perverso como costuma ser. Ele abre a porta do bar e dá um passo para trás para que eu possa

entrar. — Boa sorte, — ele sussurra. E depois a porta bate atrás de mim.

Filho da puta. Ele fez isso para deixar Lexi saber que eu estou aqui. Acho que está tudo em mim. Meus olhos lutam para manter o foco na repentina escuridão do ambiente. Tem um cheiro de bebida pegajosa e comida frita. O tipo de cheiro que eu associaria com qualquer bar normal. Exceto que há uma mordida química no ar aqui. Algo desconhecido, mas ainda reconhecível ao mesmo tempo. Isso me bate na mesma hora em que meus olhos conseguem se ajudar a pouca luz. Tinta. O cheiro é de tinta fresca.

— *Sloane?*

Eu me viro assustada com a voz atrás de mim. E ali está ela, minha irmã, vestida com o que só pode ser uma camisa de homem de um tamanho muito maior, embora onde ela conseguiu isso é uma incógnita. Parece ser muito difícil de encontrar um cara por aqui que frequentemente vista qualquer coisa que não seja uma camiseta preta e um colete de couro. Alexis balança a cabeça lentamente, como se ela na verdade não conseguisse acreditar em seus próprios olhos.

— Ele disse de novo a você que eu estava morrendo? — ela sussurra.

— Não. Ele não disse. Eu só... Eu pensei...

Alexis anda na minha direção, seus olhos trancados em mim como se ela pensasse que eu vou desaparecer se ela piscar. — Você veio me ver, — ela diz simplesmente.

— Sim.

— Oh. — ela coloca alguma coisa para baixo – uma paleta de tinta. O objeto parece estranho na mão dela. Eu costumava vê-la com um livro de textos embaixo de um braço e um celular no outro, mas uma paleta de tinta? Sim, eu estou tento dificuldades para fazer essa imagem ter algum sentido. A camisa que ela está usando está toda coberta de tinta – pequenos respingos e longos riscos de cor que mancham o algodão branco de cima a baixo. — Hm, — ela diz, e nós duas olhamos uma para a outra. — Está tudo bem com os nossos pais?

— Talvez você devesse ir visitá-los. Eu tenho certeza que a mãe amaria te ver. Faz tempo pra caralho que ela não coloca os olhos em você, sabia? — Desde que eu saí correndo para longe do meu pai e da Agente Lowell, eu já falei com ele duas vezes pelo telefone – uma para

deixá-lo saber que eu tinha voltado a trabalhar, e a segunda quando ele me ligou para dizer que contou tudo para minha mãe. Disse a ela a verdade. Uma vez que eu sabia que Alexis estava viva e as coisas com o DEA iriam aparecer, ele imaginou que estava tudo bem para ela finalmente ouvir a verdade – que a sua filha não esteve em um horrível acidente de carro e esqueceu quem era. Que em vez disso ela se encontrou envolvida em um perigoso caso jurídico que a fez se afastar da sua família e sua antiga vida tanto quanto ela pôde.

— Eu só não sei... O que dizer a eles. — ela caminha ao me redor, um olhar de ansiedade puxando suas feições. Ela está diferente agora. Da última vez que estive com ela, eu não tomei um tempo para olhá-la adequadamente. Eu estava muito ocupada explodindo com as noticias de que ela estava casada. Agora que eu estou vendo-a nesse ambiente, as suas sutis diferenças e mudanças são fáceis de ver. Mesmo que ela esteja atordoada pela minha chegada repentina e claramente na borda, ela carrega uma confiança que nunca possuiu antes.

Eu sempre pensei que ela ainda era um bebê antes que ela desaparecesse no ar. A verdade é que ela era uma adulta mesmo naquela época, mas agora ela parece mais velha. Mais mulher que garota.

— Eu posso entender isso. Mas... Você ainda deveria fazer essa viagem. Não importa o que você diga a eles. Eles ainda ficarão felizes em te ver viva.

Alexis caminha pelo bar, me olhando cuidadosamente pelo canto do olho. Ela anda até parar em frente a uma tela que está de pé de frente para uma janela, onde as mesas e cadeiras do bar estão todas afastadas para dar espaço. — Você não vai me dar um sermão do inferno? — ela pergunta. Ela pega um pincel e lentamente o move sobre o material em frente a ela, embora eu possa dizer que ela não está realmente prestando atenção ao que está fazendo.

— Não, eu não vou. — eu surpreendo a mim mesma com isso. Durante toda a viagem até aqui, eu revisei tudo que eu quero dizer a ela. Como eu quero muito dizer a ela como ela me machucou. O quanto eu me preocupei. Quão doente e retorcida minha cabeça ficava quando eu deitava na cama à noite e imaginava o que estava sendo feito com ela. E, por último, eu pensei sobre como eu diria a ela tudo que dei para consegui-la de volta.

Mas agora que nós estamos aqui e Alexis está parada na minha frente, eu não quero fazê-la se sentir mal. Eu só quero entender e seguir

em frente. Desesperadamente. Eu quero arquivar essa raiva tóxica me corroendo e parar de me sentir traída.

Alexis coloca a ponta do pincel que está manuseando na boca e vira para me encarar, tomando uma respirando profunda. — Eu posso entender como você se sente. E eu realmente sinto muito por esconder as coisas de você. Você merecia mais do que isso. Você sabe... — ela suspira, aparentemente lutando com as suas palavras. — Eu sempre te amei, Sloane. Eu amo você. Eu não queria o que aconteceu comigo, e uma vez que eu me encontrei nessa situação da qual eu não podia sair, eu não queria que você fosse arrastada para ela e prejudicada de nenhuma forma, também. Eu fiz o que eu pensei que fosse necessário para te manter segura. E eu sei que o tiro saiu pela culatra. Eu sei que você acabou em perigo de qualquer forma, e eu sei que você quase perdeu tudo por minha causa. Você nunca vai saber o quanto eu sinto por tudo isso.

— Você deveria ter confiado em mim, — eu sussurro.

— Eu confiava em você. *Confiava.* Eu só não confiava que outras pessoas mantivessem suas palavras. É a isso que tudo se resumia no final. Era muito, *muito* complicado. Eu não podia explicar a você, a mãe e ao pai naquela época.

— Bem, e agora? Por que você não me explica agora? Eu acabei de dirigir todo o caminho até aqui, irmãzinha. Não tenho nada melhor para fazer, e eu amaria ouvir a sua história, de verdade. — eu tento manter a ferroada na minha voz, mas é difícil. Alexis lentamente acena com a cabeça. Ela coloca seu pincel no apoio do cavalete e vem na minha direção.

— Tudo bem, — ela diz. — Então eu vou começar do começo.

* * * * *

Alexis me conta a história de uma jovem mulher indo para a casa de seus pais, apenas para encontrar-se sequestrada e vendida duas vezes. Ela me conta uma história de uma menina que se apaixona por um rapaz, embora ela saiba que não deveria. Ela me conta a história de agentes insanos do DEA e membros de cartel mexicano que tinham a intenção de encontrá-la e eliminá-la. E eu começo a entender.

Eu não gosto, mas isso começa a fazer sentido.

Quando Alexis termina sua história, eu já não odeio mais a minha irmã. Eu não estou irritada com ela. Eu ainda estou com raiva, no entanto. Depois de segurar esse sentimento dentro de mim por tanto tempo, deixando que ele me consumisse, não há como só deixá-lo ir embora. A raiva ainda está comigo, embora eu não tenha mais um foco real para isso. Eu só estou com raiva. Pela situação em que Alexis se encontrava. Pela situação em que eu me encontrava. Por tudo isso.

Alexis me diz que ela me ama, e eu vejo que é mais fácil do que eu pensei que seria dizer a ela o mesmo. Nós estamos nos abraçando quando Rebel vem encontrar sua esposa.

— Deus, eu pensei que vocês já teriam se matado, — ele diz encostado à porta. Ele é arrogante e convencido, e faz múltiplas coisas em um dia que me fazem querer bater nele, mas eu o entendo um pouco melhor agora. E eu estou feliz que minha irmã tenha a ele. — Os rapazes estarão aqui logo, Soph, — ele diz para minha irmã. — Melhor tirar suas telas e coisas daqui antes que acabem indo para o lixo com alguém enfiando a bota nelas. — eu observo enquanto ele a ajuda a guardar os seus pinceis e potes e eles dois carregam os equipamentos de arte dela para fora do bar. Eu levo uma pequena caixa de madeira cheia de latas, panos e vidros minúsculos incrustados de tinta e com diferentes fluidos no interior. Eu avisto uma das telas de Alexis, cuidadosamente carregada pela moldura por Rebel, enquanto nós deixamos o bar, e a pintura faz minha respiração ficar presa na garganta. Sou eu. Uma feliz e sorridente versão de mim, de antes de toda essa loucura.

Alexis me dá um sorriso envergonhado quando ela vê a minha expressão. — Desculpe, não está muito boa, — ela sussurra, mordendo seu lábio inferior.

Eu apenas balanço a cabeça. — Está, Lexi. *Realmente* está.

Os ombros de Rebel sobem e descem quando ele ri baixinho. — Eu não consigo me acostumar a ouvir isso, — ele diz. Virando-se para a minha irmã, ele lhe dá um firme beijo no topo da cabeça. — *Lexi.* Esse nunca será o seu nome.

Uma parte de mim quer chutá-lo nas pernas por dizer isso. A parte possessiva que ainda pensa que Alexis pertence a mim e aos meus pais, e não a ele. Mas eu não faço isso porque eu posso ver a verdade. Ela realmente não é mais Alexis.

Ela é Sophia, e ela pertence a Rebel. Tudo que eu preciso fazer para confirmar isso é olhá-la e ver o amor se derramando para fora

dela. Alexis era a irmã que eu perdi. A mulher à minha frente é uma pessoa diferente. Ela é Sophia. E ela ainda é minha irmã – uma nova irmã que eu vou amar tanto quando amava a antiga.

* * * * *

Eu olho a perna de Cade – há tanto metal dentro, vai ser necessário um trabalho muito sério para fazê-la funcionar direito de novo – e depois eu pego a estrada. Passar a noite seria a coisa mais inteligente a se fazer, mas eu... Eu não *posso.* Eu preciso ir para casa. Preciso ver Zeth.

Demoro apenas um dia e meio para voltar para Seattle – metade do tempo que tomou para levar minha bunda para ir ver Sophia. Sem a apreensão de encarar algo desagradável me segurando, eu quebro incontáveis limites de velocidade na pressa de chegar.

Quando eu volto, meu homem está exatamente onde eu espero que ele esteja. A academia ainda está vazia e ficará assim por algum tempo ainda. Há tanto trabalho a fazer, reformando o lugar de cima a baixo. Cada vez que Zeth chega perto de finalizar tudo, ele de repente encontra outra razão para adiar a data de abertura. O chão precisa de substituição. Uma parede precisa ser derrubada. Um octógono precisa ser instalado. Os reparos e as obras seriam incrivelmente mais rápidos se ele tivesse alguém mais além dele e Michael trabalhando no projeto, mas eu tenho a sensação de que o tempo não é um fator aqui. A academia será aberta quando Zeth estiver bem e pronto e nenhum momento antes.

Ele está despido até a cintura quando eu entro no lugar, mesmo que esteja mais frio lá dentro do que na rua. Ele tem suor escorrendo pelas suas costas, no entanto – ele balança um martelo repetidamente contra uma parede divisória entre um lado e outro da academia — eu posso jurar que ele acabou de pôr aquela parede ali – me lembra da vez que eu mesma fiz a mesma coisa. Só que então foi em um porão, e havia dinheiro envolvido. Uma quantidade absurda de dinheiro.

— Você chegou cedo, — Zeth grunhe. Como ele ouviu a minha leve entrada acima da quebra da parede e das marteladas está além de mim. Ele só sabe...

— Eu fiz o que tinha que fazer, e então vim para casa. — eu coloco minhas mãos nas suas costas, querendo sentir seus músculos torcendo e esticando enquanto ele trabalha. Zeth fica tenso ao toque, parando o que está fazendo. Ele está sorrindo quando se vira.

— Você sentiu minha falta, certo?

— Talvez.

Ele desliza seus braços ao redor da minha cintura, me puxando para ele. Algumas garotas iriam se esquivar de todo o suor, mas eu não. Eu me regozijo com ele. Eu me inclino para ele e o respiro. Ele retorna o favor, e por um momento nós ficamos parados ali, enrolados ao redor um do outro.

— Você arruinou meus planos, — Zeth sussurra suavemente na minha orelha.

— E que planos seriam esses?

— Você vai ter que esperar e ver, certo?

— Diga-me.

Ele balança a cabeça, empurrando-se para trás para sorrir para mim. — Oh. Aí está ela. A garota zangada. Tem sido um tempo, — ele ri. Eu estou me acostumando com isso agora – ter um namorado que ri às vezes. É o mais delicioso sentimento.

— Sem mais surpresas, Zeth, — eu resmungo, embora eu não consiga nem fingir estar irritada com ele por muito tempo.

Ele é irredutível, como sempre. — Eu não vou dizer. O que você acha se eu mostrar?

— Agora? Eu achei que tinha chegado muito cedo?

Zeth dá de ombros. — Foda-se. — ele coloca a camiseta – mais músculos se movendo, enviando espirais de desejo quente pelo meu corpo – e depois pega minha mão e me guia para o Camaro estacionado duas ruas depois. O Camaro. Eu nunca pensei que ele conseguiria recuperá-lo, mas ainda assim ele conseguiu. Ele só chegou em casa com ele um dia e eu não fiz perguntas.

Mas eu tenho muitas perguntas enquanto Zeth dirige pela cidade. Uma vez que nós deixamos os limites de Seattle, ele para na beira da estrada e tira uma faixa de seda do porta-luvas. É a mesma que ele usou para me vendar quando me apresentou àquela vara.

— Oh? — eu pergunto.

— Uhum. — ele se aproxima e amarra o material ao redor da minha cabeça, e eu o deixo fazer.

— Eu preciso dar uma nota para minha dor nesse momento? — minha respiração fica presa na garganta.

A risada de Zeth é um profundo trovão no seu peito. — Espere e veja.

Nós dirigimos por não mais do que dez minutos, a estrada virando à esquerda e à direita enquanto nós vamos pelo que só pode ser um caminho pelo lado da montanha, antes que Zeth pare o carro novamente e desligue o motor. Eu sei que não devo tirar a venda antes que me seja dito, então eu só sento lá, meu sangue zumbindo pelas minhas veias em antecipação, enquanto Zeth sai do carro e vai abrir minha porta.

— Cuidado. Olha o degrau, — ele sussurra na minha orelha, sua boca perigosamente próxima da minha pele. Com a minha mão na dele, nós caminhamos cerca de vinte passos antes de pararmos e ele carinhosamente retirar a venda. Seu rosto é a primeira coisa que eu vejo, e ele está excitado. Eu posso ver a luz nos olhos dele. Eu não afasto meu olhar para ver onde ele me trouxe – eu estou muito fascinada pelo olhar que ele está me dando. Ele segura meu rosto em suas mãos e me beija, colocando seus lábios com carinho contra os meus – um toque leve como uma pena.

— Então, — ele diz. Seu sorriso cai um pouco, substituído por... Nervosismo? Ele está nervoso? — Nós não podemos ficar no The Regency Rooms para sempre. E eu sei como você se sente sobre o armazém. Então... Eu pensei... — ele dá um passo para o lado e eu vejo:

Minha casa.

Minha linda casa que eu passei tanto tempo arrumando com a minha cara. Exceto que agora ela parece um pouco diferente. As molduras das janelas foram todas repintadas. Eu tenho uma nova porta de entrada que parece intransponível, e há luzes de segurança a cada poucos passos, apagadas agora, mas prometendo iluminar todo o lado da montanha assim que o sol se pôr.

— O que é isso?

— Eu percebi... Eu percebi que você deveria voltar para cá. E... Eu também deveria.

Eu me viro de costas para a casa, fixando meu olhar em Zeth. — Você se mudou para a minha casa enquanto eu estava viajando?

— Não finja que você não está em êxtase de felicidade sobre isso, garota zangada, — ele diz, me puxando para ele. Ele enterra o rosto no meu pescoço e me dá um beliscão com os dentes, e eu não posso evitar, mas rio.

— Oh, eu estou feliz. Certo, certo. Eu estou feliz! — eu mal posso respirar com o seu abraço apertado. Ele para de me morder e se levanta para roçar a ponta do nariz contra a minha orelha. — Em uma escala de um a dez, Sloane?

Eu fecho meus olhos e deixo meu corpo ficar mole conta o dele. — Dez, — eu digo. — Definitivamente um dez.

Zeth não diz nada, mas seu sorriso aumenta. Então, pela primeira vez, eu vejo um pouco de Lacey nele. Eles sempre foram extremos opostos, mas no espaço de um piscar de olhos – veio em um segundo, se foi no seguinte – eu vejo o mais fraco flash de sua irmã no sorriso dele. — Eu vou te carregar para dentro agora e eu vou te foder em nossa cama, Sloane. Mas primeiro...

— Primeiro? — eu sinto que estou à beira do desmaio.

— Primeiro... Eu ouvi você dizer uma coisa uma vez, Sloane. Uma coisa que você não queria que eu escutasse.

O mundo de repente chicoteia de volta ao foco com a força de um elástico que estala. Oh Deus. Por que infernos ele está trazendo isso de volta? Parece que meu estômago está prestes a se derramar no chão. — Hmm, sim. Bem, isso não é impor...

— Isso é importante. Eu preciso... Eu quero que você diga de novo. — calor se instala nas minhas bochechas, que sem dúvida estão vermelho brilhante. Eu tento me afastar, mas Zeth não deixa. Suas mãos estão firmes nos meus quadris, e ele traz sua boca para baixo até quase alcançar a minha. — Eu quero ouvir você dizer isso, Sloane. Eu quero que você diga para *mim*.

Algumas pessoas poderiam dizer que não ouviram nada além do som do próprio coração martelando nas orelhas, mas eu não. Eu escuto muito mais. Eu escuto a promessa na voz de Zeth. Eu escuto os saltos nas batidas do coração dele. Eu escuto a agitação da montanha e o lento sussurro da cidade lá embaixo – o lugar onde Zeth e eu nos conhecemos e nossas vidas se entrelaçaram para sempre – enquanto ele

espera que eu fale. E então eu ouço a mim mesma dizendo as palavras que ele quer escutar, e elas soam perfeitas e tão certas.

— Eu te amo, Zeth. Eu te amo.

Ele fecha os olhos e acena, como se fosse repentinamente superado com alívio. Quando ele abre os olhos de novo, olhando direto para mim, para o meu coração, para a minha alma, ele diz algo que eu nunca pensei que ele diria. Suas palavras são tão tranquilas, transmitidas tão suavemente, como se elas fossem o segredo mais escuro, que eu mal consigo ouvi-las.

— E eu amo você, garota zangada. Eu realmente amo.

Eu não tenho uma chance de reagir. Zeth Mayfair, o homem pelo qual eu fui aterrorizada e estive perdida sem e um milhão de diferentes coisas entre isso... Ele faz como prometeu que faria. Ele me pega e me carrega para dentro da casa que será o nosso lar, e ele me fode até que o seu nome esteja ecoando pelas paredes do nosso quarto.